



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

ÉRICA DE ABREU AZEVEDO

**A CONSTRUÇÃO EXOTÓPICA DAS IMAGENS DA NAÇÃO
BRASILEIRA PELO OLHAR ESTADUNIDENSE: uma análise
do pronunciamento de Barack Obama no Brasil em 2011**

FORTALEZA – CEARÁ

2013

ÉRICA DE ABREU AZEVEDO

**A CONSTRUÇÃO EXOTÓPICA DAS IMAGENS DA NAÇÃO BRASILEIRA PELO
OLHAR ESTADUNIDENSE: uma análise do pronunciamento de Barack Obama no Brasil
em 2011**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, do Centro de Humanidades, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de Concentração: Estudos da Linguagem

Orientador: Prof. Dr. João Batista Costa Gonçalves

FORTALEZA – CEARÁ

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Biblioteca Central do Centro de Humanidades
Bibliotecário Responsável – Doris Day Eliano França – CRB-3/726

A994c

Azevedo, Érica de Abreu.

A construção exotópica das imagens da nação brasileira pelo olhar estadunidense: uma análise do pronunciamento de Barack Obama no Brasil em 2011 / Érica de Abreu Azevedo. – 2013.

CD-ROM. 159 f. ; il. (algumas color.) : 4 ¾ pol.

“CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm)”.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2013.

Área de Concentração: Linguagem e Interação.

Orientação: Prof. Dr. João Batista Costa Gonçalves.

1. Bakhtin. 2. Alteridade. 3. Exotópica. 4. Entonação. 5. Obama. I. Título.

CDD: 418

ÉRICA DE ABREU AZEVEDO

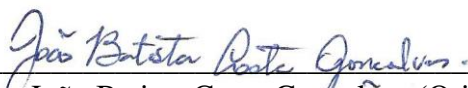
A CONSTRUÇÃO EXOTÓPICA DAS IMAGENS DA NAÇÃO BRASILEIRA PELO OLHAR ESTADUNIDENSE: uma análise do pronunciamento de Barack Obama no Brasil em 2011

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, do Centro de Humanidades, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de Concentração: Estudos da Linguagem

Aprovada em: 15 / 04 / 2013.


BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. João Batista Costa Gonçalves (Orientador)
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Prof. Dra. Mônica Dias Martins
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Prof. Dra. Claudiana Nogueira de Alencar
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Às mulheres da minha vida, que muito engrandeceram esse trabalho, cada uma a seu modo, minha filha, Cecília Azevedo, minha mãe, Fátima Abreu, minha irmã, Andréa Almeida e minha prima, Lílian Martins.

Aos homens da minha vida, que igualmente, a seu modo, contribuíram para minha pesquisa, meu avô, Raimundo Rodrigues Abreu (*in memoriam*), meu pai, Francisco Azevedo, e meu sobrinho, Victor Azevedo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço pela conclusão deste trabalho, primeiramente a Deus, força invisível que tudo rege e a tudo provê, nosso Pai maior, sem o qual nada disso seria possível, nada disso estaria acontecendo.

À minha mãe, a jornalista Fátima Abreu, a primeira a querer me ver mestre. À minha irmã, tão primeira quanto. Às duas mulheres mais importantes da minha vida, este trabalho é pra vocês.

Pra você também, minha filha, que, nos seus cinco aninhos, ainda não entende por que a mãe se ausentou tanto. Mas sei, Cecília, tivesse você noção do empenho acadêmico da mamãe, estaria ao lado de sua avó e tia na torcida pelo meu título.

A meu pai, Azevedo, que acompanhou de perto alguns momentos bem difíceis dessa empreitada, dando sempre apoio e carinho.

A meu sobrinho, Victor Azevedo, com quem muito conversei sobre alguns aspectos da minha pesquisa e que, incrivelmente, me dá ouvidos (me mostrou que entende de entonação!). À minha prima, Lílian Martins, companheira de ideal acadêmico, que me deu bastante força, em especial, nos momentos finais desse percurso de pesquisa. Ao meu irmão, André Azevedo, pelo socorro tecnológico nos problemas com o computador.

A meu orientador, meu primeiro e mais exigente leitor, professor Dr. João Batista Costa Gonçalves, que, por meio do seu olhar exotópico-empático acolheu, no meio do percurso acadêmico, a mim, a “estrangeira”, no seio bakhtinano de pesquisa do PosLA, meu muito obrigada!

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, na pessoa da coordenadora e querida professora Dra. Claudiana Nogueira de Alencar, pelo apoio nos momentos difíceis e pela partilha dos momentos bons, como este em que encerro meu mestrado. A ela também agradeço a sugestão pela escolha do objeto de pesquisa aqui apresentado, o discurso do presidente Barack Obama. Sem dúvida, professora Claudiana, sem sua contribuição primeira esta pesquisa não teria sido desenvolvida.

Estendo este agradecimento ainda a outros professores que me foram exemplo de conduta dentro do mestrado, em especial, à professora Dra. Dina Maria Martins Ferreira, à professora, Dra. Maria Helenice Araújo e à professora Dra. Dilamar Araújo. Ainda agradeço à professora Dra. Mônica Dias Martins, do curso de Ciências Sociais da Uece, pelas sugestões que muito engrandeceram a minha pesquisa e por participar de minha banca ao lado da professora Claudiana.

À minha amiga também mestranda, Amanda Abreu, que dividiu comigo momentos bem tensos na academia e outros mais tensos ainda na minha vida pessoal. Às amigas de orientação, Rafaelle, Elisiany, Indira e Laryssa, bem como a outros amigos de coração que fiz no mestrado, em especial, Carlos Sidney, José Lins e Emanuel Pedro.

Agradeço ainda, por fim, à agência financiadora desta pesquisa, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Pesquisa (Capes), cujo auxílio foi imprescindível durante os dois anos de mestrado.

Eu quero ver o tio Sam tocar pandeiro para o mundo sambar
O Tio Sam está querendo conhecer a nossa batucada
Anda dizendo que o molho da baiana melhorou seu prato
Vai entrar no cuscuz, acarajé e abará.
Na Casa Branca já dançou a batucada de ioiô, iaiá
Brasil, esquentai vossos pandeiros
Iluminai os terreiros que nós queremos sambar
Novos baianos

RESUMO

Com este trabalho, apresento um estudo sobre o pronunciamento do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, em visita ao Brasil, em 2011, a partir das categorias bakhtinianas alteridade, exotopia e entonação. O objetivo é examinar de que forma as categorias de análise ajudam a entender como são construídas imagens do Brasil no referido pronunciamento. Desse modo, a pesquisa possui natureza teórica e caráter exploratório, com abordagem qualitativa. Como embasamento teórico, apoio-me na concepção social da natureza da língua, de M. Bakhtin e de seu Círculo, a qual defende que a fala está vinculada às estruturas sociais, relacionando-se às condições da comunicação humana, sendo responsável pelas transformações linguísticas. No âmbito dessa abordagem, exponho as três categorias de análise, sendo a exotopia a macro-categoria. Ela diz respeito ao excedente de visão que o outro possui, ao qual eu não tenho acesso, que me completa de sentido e me dá acabamento. Assim, o excedente de visão da nação EUA em relação à nação Brasil dota-a de significado e lhe dá acabamento. Os sentidos advindos dessa relação são formados pela alteridade. A categoria alteridade assume relevância nesta pesquisa por ser a relação eu-outro pré-condição para o funcionamento da exotopia na enunciação de Obama. A última categoria de interesse, a entonação, é a modalidade apreciativa que existe em todo enunciado. Ela afeta a significação porque revela o sentido das palavras, do pensamento. Por meio dela, é ainda possível perceber as ideologias veiculadas pelos signos. Nesta pesquisa, a relação eu-outro observável no pronunciamento de Obama é lida como uma relação entre nações, fortemente vinculada à questão cultural, analisada sob uma perspectiva social dinâmica, que privilegia sua dimensão de complexidade e de diversidade de valores e sentidos como resultado da incessante interação aí estabelecida, determinada por realidades históricas específicas. Na contemplação de Obama, por meio de seu olhar exotópico e do retorno a si, há a formatação de imagens a partir de elementos transgredientes de cunho ideológico, próprias do *ethos* construído pelo enunciador em sua enunciação. Por meio dessa análise, percebeu-se que Obama, em seu discurso, se propõe a desconstruir um estereótipo geralmente condizente à imagem dos Estados Unidos como potência imperialista que domina o mercado econômico global e explora o capital financeiro da América Latina, conseqüentemente, do Brasil. Uma das estratégias discursivas para alcançar este fim foi o de elevar a nação brasileira à potência global, fazendo-a destoar das demais nações latinas. A imagem de maior incidência formada em sua enunciação é a que desenha o Brasil como uma nação amiga dos Estados Unidos. Assim o excedente de visão de Obama em relação ao Brasil projeta uma nação brasileira de visibilidade no cenário econômico mundial, ao mesmo tempo próxima e afim, apta a fechar acordos, a ser parceira de negócios, porque comuns são os valores e ideais partilhados entre ambas as nações.

Palavras-chave: Bakhtin. Alteridade. Exotopia. Entonação. Obama.

ABSTRACT

At this research, I present a study on the pronouncement of U.S. President, Barack Obama, on a visit to Brazil in 2011, from the Bakhtin's categories otherness, extralocality and intonation. The objective is to examine how the categories of analysis mentioned help to understand how images of Brazil are built in that pronouncement. Thus, the research has theoretical and exploratory, qualitative approach. As a theoretical background, to design the social nature of language, I'm based on M. Bakhtin and his Circle, who argue that speech is linked to social structures, relating to the conditions of human communication, being responsible for language processing. Under this approach, I explain the three categories of analysis, which has the extralocality as the macro-category. It regards the extra of vision that the Other has, to whom I have no access, but is the one who completes and gives me completion. Thus, the extra of the U.S. nation's vision in relation to the Brazilian nation gives it meaning and completion. The directions arising from this relationship are formed by otherness. The category of otherness is relevant in this research because it is the self-other relationship precondition for the functioning of extralocality over Obama's enunciation. The last category of interest, intonation, is the appreciative modality that exists in every discourse. It affects the significance because it reveals the meaning of words, of thought. Through it is still possible to notice the ideologies spread out by the signs. In this research, the self-other observed on Obama's speech is read as a relationship between nations, strongly linked to cultural issues, analyzed from a social dynamic that favors its dimension of complexity and diversity of values and meanings as a result of incessant interaction established there, determined by specific historical realities. In Obama's contemplation, through his extralocality eyes and return to himself, there is the formatting of images from ideological transgredients elements, typical of an *ethos* built by the enunciator in his enunciation. Through this analysis, it was noticed that Obama, in his speech, attempts to deconstruct a stereotype usually befitting the image of the United States as an imperialist power that dominates the global economic market and explores the financial capital of Latin America, which includes Brazil. One of discursive strategies to achieve this conclusion was to elevate the Brazilian nation to global power, distinguishing it from other Latin nations. The image formed in a higher incidence of enunciation is what draws Brazil as a friendly nation to the United States. Thus, the Obama extra of view in relation to Brazil projects a Brazilian nation visibility in the global economy and also able to make deals, to be a business partner, because common values and ideals are shared between both nations.

Keywords: Bakhtin. Otherness. Extralocality. Intonation. Obama.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. A PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL DA LINGUAGEM NA TEORIA BAKHTINIANA.....	17
2.1 A visão dialógica da linguagem no Círculo de Bakhtin.....	18
2.2 Enunciação, enunciado, discurso.....	27
2.3 Ideologia e linguagem.....	34
2.3.1 Ideologia do cotidiano.....	38
2.3.2 Ideologia formal / dominante.....	40
2.3.3 Ideologia, linguagem e cultura.....	43
3. OS SENTIDOS NA RELAÇÃO EU <i>VERSUS</i> O OUTRO NO PENSAMENTO BAKHTINIANO.....	50
3.1 A relação eu-outro: a alteridade.....	51
3.2 O olhar para o outro: a exotopia.....	57
3.2.1 Ética, estética e cognição.....	60
3.2.2 Exotopia, cultura, nação.....	65
3.3 Orientação do sentido: a entonação.....	69
3.3.1 Tema e significação.....	70
3.3.2 Acento apreciativo.....	74
3.3.2 Compreensão responsiva.....	76
3.3.4 Imagens discursivas.....	80
4. A CONFIGURAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA E POLÍTICA DOS ESTADOS UNIDOS EM RELAÇÃO À AMÉRICA LATINA E AO BRASIL.....	85
4.1 A natureza discursiva da enunciação política.....	86
4.2 O poder hegemônico dos Estados Unidos.....	91
4.2.1 Discurso neoliberal e globalização.....	94
4.3 A relação dos Estados Unidos com a América Latina.....	97
4.3.1 A relação dos Estados Unidos com o Brasil.....	101
4.4 A eleição de Barack Obama nos Estados Unidos.....	103
4.4.1 A política internacional de Barack Obama para a América Latina.....	106
4.4.2 A relação Brasil-EUA no governo Barack Obama.....	108
4.4.2.1 A visita de Barack Obama ao Brasil.....	110

5. ANÁLISE DAS IMAGENS DA NAÇÃO BRASILEIRA SOB A LENTE ESTADUNIDENSE A PARTIR DO PRONUNCIAMENTO DE BARACK OBAMA NO BRASIL EM 2011	112
5. 1 Aspectos metodológicos.....	112
5.1.1 Pesquisa.....	112
5.1.2 Categorias de análise	113
5.1.3 Corpus	114
5.1.3.1 Procedimentos de análise	114
5.2 A construção exotópica das imagens do Brasil pelo olhar estadunidense a partir do pronunciamento de Barack Obama	116
5.2.1 O olhar para o Brasil: cultura	117
5.2.2 O olhar para o Brasil: política	120
5.2.3 O olhar para o Brasil: economia.....	130
5.2.4 O olhar para o Brasil: social	133
5.2.5 O olhar para o Brasil: história	136
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
REFERÊNCIAS	145
ANEXOS	150

1. Introdução

Nesta dissertação apresento um estudo sobre o pronunciamento do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, em visita ao Brasil em 2011, a partir das categorias bakhtinianas de análise alteridade, exotopia e entonação. O objetivo é examinar de que forma o fenômeno da exotopia, ao lado da alteridade e da entonação, ajudam a entender como são formadas imagens do Brasil, tomando como base o referido pronunciamento, proferido no Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

Antes de evidenciar de que maneira está organizada esta pesquisa, esclareço que, na obra utilizada como um dos principais aportes teórico, *Estética da Criação Verbal* (tradução de Paulo Bezerra), a categoria exotopia (*vnienakhodímst*) é traduzida como distância ou distanciamento. Apesar disto, aqui mantenho a denominação exotopia, originada da versão da mesma obra traduzida do francês por Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. A opção pela tradução de Paulo Bezerra da obra de Bakhtin como aporte teórico desta pesquisa se deu pelo fato de a sua tradução advir diretamente da língua original, o russo. A categoria exotopia ainda é conhecida como extralocalidade a partir da tradução do russo para a língua inglesa, presente na obra dos autores Clark/Holquist.

Em *Estética da Criação Verbal*, a exotopia é descrita por Bakhtin como uma relação, na obra literária, estabelecida entre autor/herói (tradução do francês) ou autor/personagem (tradução do original). Neste trabalho, prefiro utilizar a denominação *personagem* no lugar de *herói*, por entender que há maior relação entre *personagem* e *imagem* – sendo objetivo desta pesquisa analisar quais imagens do Brasil são formadas na enunciação de Obama. Dessa forma, ainda que o discurso de Obama não pertença à esfera literária, toma-se, nesta análise, a partir da relação autor/personagem, a nação estadunidense, na figura de seu atual presidente, como autora e a nação brasileira como personagem. De tal modo, intenta-se ampliar a aplicação do conceito de exotopia para além do discurso literário.

A divisão desta pesquisa se dá em três capítulos. No primeiro, intitulado “A perspectiva sociocultural da linguagem na teoria bakhtiniana”, discorro sobre a importância da visão social da linguagem de M. Bakhtin e seu Círculo, fazendo considerações, no primeiro momento, acerca de um dos conceitos fundamentais da teoria bakhtiniana, o dialogismo, relacionando-o aos conceitos de polifonia, plurilinguismo e estratificação da linguagem, também presentes na obra de Bakhtin. Com esse fito, embaso-me em Bakhtin/Volochínov

(2010), Bakhtin (2010a; 2010b; 2011), e, ainda, na leitura que foi feita destas obras por Brait (2009), Faraco (2009), Fiorin (2008) e Magalhães Júnior (2010).

No segundo momento do primeiro capítulo, argumento em torno da concepção de enunciado/enunciação/discurso, em Bakhtin (2011), Volochínov (1926) e, também, na interpretação da obra do teórico por Brait/Melo (2010), a fim de destacar como o enunciado faz parte de um elo na cadeia da comunicação discursiva, que se dá em resposta a outros enunciados, representando um confronto de índices sociais de valor. Já no terceiro momento, discorro sobre outro conceito fundamental na visão social da linguagem de Bakhtin e o Círculo, a ideologia, apoiando-me em Bakhtin/Volochínov (2010), com ajuda ainda da interpretação do pensamento de Bakhtin realizada por Miotello (2010), Stella (2005), Freitas (1999) e Faraco (2009) para observar de que forma as ideologias que funcionam no discurso obamaniano ajudam a compreender as forças que o atravessam, bem como os sentidos que são gerados pelo movimento de tais forças.

Finalizo o primeiro capítulo com uma explanação sobre a relação entre ideologia, linguagem e cultura, por entender que a cultura, conceito importante dentro da arquitetura bakhtiniana, auxilia na compreensão do funcionamento da exotopia no pronunciamento do presidente B. Obama. Nesse sentido, destaco a ligação entre cultura popular/ideologia do cotidiano e cultura oficial/ideologia dominante para entender como a cultura estadunidense, por meio de sua figura mais representativa, o presidente, produz imagens do Brasil ao observar e significar a cultura brasileira. Para tanto, me embaso em Bakhtin (1996), Bernardi (2012) e Fressato (2009).

No segundo capítulo desta pesquisa, intitulado “Os sentidos na relação eu versus o outro no pensamento bakhtiniano”, exponho as três categorias de análise – alteridade, exotopia e entonação –, na esteira de outros temas a elas relacionados, dividindo a discussão em três itens. No primeiro, é descrita a categoria alteridade, a relação eu-outro – importante aspecto na concepção bakhtiniana de linguagem – como pré-condição para o funcionamento da categoria exotopia. Para isso, me atenho em Bakhtin/Volochínov (2010), Bakhtin (2011), e também nas leituras de Ponzio (2012) e Magalhães (2010), as quais ampliam a aplicação dos conceitos bakhtinianos.

No item seguinte do segundo capítulo, descrevo a macro-categoria de análise, a exotopia. Em minha pesquisa, ela constitui o excedente de visão do autor (nação estadunidense/Barack Obama) em relação à personagem (Brasil), que se desdobra a partir do

olhar de Obama para o Brasil, dando acabamento significativo a este país na superfície discursiva de seu pronunciamento.

Dividido em duas partes, esse item, primeiramente, versa sobre os três aspectos relativos à exotopia – estética, ética e cognição – e, depois, estende a explanação em torno da exotopia ao aspecto cultural do pensamento bakhtiniano e à teoria da nação, já que a relação eu-outro, autor/personagem, na materialidade linguística aqui analisada, se mostra como uma relação entre nações. Para tanto, me apoio em Bakhtin (2011), e na releitura do conceito de exotopia presente em Ponzio (2012) e Tezza (2005), e em Anderson (2008) e em Bauer (2000) para relacionar o conceito de exotopia ao de nação.

No terceiro item do segundo capítulo, descrevo a última categoria de análise, a entonação – modalidade apreciativa dos enunciados –, por meio da qual são reveladas as ideologias que acompanham os signos. Junto à exotopia e à alteridade, a entonação ajuda a identificar quais imagens do Brasil são construídas no pronunciamento de Obama. Neste item procuro ainda relacionar o conceito de entonação ao de *ethos* para compreensão de como, a partir das imagens que B. Obama faz de si, este constrói imagens discursivas do Brasil em sua enunciação.

Como aporte teórico dessa discussão, utilizo Bakhtin/Volochínov (2010), Bakhtin (2010b), além dos intérpretes da arquitetura conceitual do pensamento bakhtiniano, Clark/Holquist (2008). A caracterização de *ethos* e de imagem discursiva é feita com base em Maingueneau (1997, 2008a, 2008b, 2011) e em Eggs (2011).

No terceiro capítulo – “A configuração sócio-histórica e política dos Estados Unidos em relação à América Latina e ao Brasil” – procuro contextualizar alguns dos principais aspectos da relação EUA-América Latina, EUA-Brasil, como parte do entendimento acerca do objeto de pesquisa aqui proposto, o discurso do presidente dos EUA Barack Obama, mais propriamente o pronunciamento realizado em solo brasileiro em 2011. Antes dessa discussão, num primeiro momento, apresento breve explanação sobre a natureza do discurso político, em Charaudeau (2006), para compreensão de como o discurso político opera a linguagem.

No segundo momento, apresento as principais características do poder hegemônico dos Estados Unidos sobre as demais nações do globo, especialmente sobre a América Latina. Essa contextualização se ampara em Petras/Veltmeyer (2012), que

desenvolvem estudo sobre a hegemonia dos EUA no novo milênio, e em Bordieu (1998), que na sua pesquisa em torno de táticas à invasão neoliberal, traz importantes características do discurso globalizado.

Depois disso, adentro a contextualização do meu objeto de pesquisa, apresentando importantes considerações acerca da relação entre os EUA e a América Latina e entre os EUA e o Brasil com Bandeira (2009), Milani (2011) e Obama (2007, 2008). Na terceira parte, falo sobre a eleição do presidente Barack Obama, destacando a relação dos EUA, em seu primeiro mandato, com a América Latina e, especificamente, com o Brasil, com base em Colombo/Frecherro (2012) e Milani (2011).

No último capítulo – “Análise das imagens da nação brasileira sob a lente estadunidense a partir do pronunciamento de Barack Obama no Brasil em 2011” – procedo à análise, de fato, do *corpus* da pesquisa, já parcialmente antecipada por observações feitas ao longo dos capítulos precedentes.

A análise parte da pergunta de pesquisa – que imagens do Brasil são formadas no pronunciamento do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, em visita ao Brasil, em 2011, a partir das categorias bakhtinianas alteridade, exotopia e entonação? As teorias sociais, políticas e antropológicas apresentadas ao longo da pesquisa servem de guia no caminho em busca da resposta a esta pergunta. O quarto capítulo encontra-se dividido em duas partes.

Na primeira parte, descrevo o percurso metodológico escolhido para o desenvolvimento da pesquisa, que possui abordagem qualitativa, já que busca a compreensão do fenômeno da exotopia, ao lado da alteridade e da entonação, no pronunciamento de Barack Obama. Por meio da abordagem qualitativa procuro me centrar no processo, não no produto, descartando hipóteses definidas previamente.

Também por isso minha pesquisa assume caráter exploratório, pois meu foco é a familiarização do problema proposto por esta pesquisa com o propósito de torná-lo mais explícito. Daí a forma de desenvolvimento bibliográfico pretendida com esta pesquisa exploratória. Destarte, os autores Miles e Huberman (1994) e Gil (2002, 2008) amparam a descrição da metodologia deste trabalho. Ainda nessa primeira parte do quarto capítulo, faço um cruzamento das categorias de análise apresentando um dispositivo com o qual explico a forma de observação do funcionamento das categorias no *corpus* da pesquisa.

Na segunda parte, aplico o dispositivo de análise construído para esta pesquisa e, junto às teorias sociais arroladas neste trabalho, investigo quais imagens do Brasil são formadas no pronunciamento de Barak Obama no Rio de Janeiro em 2011. Como as imagens não estão isoladas em seu pronunciamento, mas relacionadas entre si, apresento os trechos do pronunciamento de Obama que melhor representam a formatação dessas imagens acompanhando a evolução de sua fala. Por fim, teço considerações finais a esta pesquisa.

2. A perspectiva sociocultural da linguagem na teoria bakhtiniana

O ato de fala, ou mais exatamente, seu produto, a enunciação, não pode de forma alguma ser considerado como individual no sentido estrito do termo; não pode ser explicado a partir das condições psicofisiológicas do sujeito falante. A enunciação é de natureza social.

Bakhtin/Volochínov

Este primeiro capítulo tem o propósito de demonstrar a importância da visão social da linguagem de M. Bakhtin e seu Círculo para o objetivo desta pesquisa, que é o de examinar de que forma as categorias exotopia, alteridade e entonação ajudam a entender como são construídas imagens do Brasil, tomando como base o pronunciamento do presidente B. Obama na cidade do Rio de Janeiro, no dia 20 de março de 2011. As três categorias escolhidas para análise do *corpus* são conceituadas dentro da esfera do pensamento bakhtiniano, o qual demonstra que linguagem, sociedade e cultura estão estreitamente relacionadas, sendo a língua um fato social, existente no interior de um contexto social no qual há sempre um locutor que pensa e se dirige a um interlocutor socialmente definido.

Desse aporte teórico, faço considerações, no primeiro momento deste capítulo, acerca de um dos conceitos fundamentais da teoria bakhtiniana, o dialogismo, ou seja, a presença de vozes de outrem no discurso, sendo tais vozes sociais e históricas. Também comento sobre a imbricação do conceito de dialogismo aos conceitos de polifonia, plurilinguismo e estratificação da linguagem, presentes na obra de Bakhtin, relacionando tais conceitos ao de exotopia¹, a macro-categoria de análise² do *corpus*, por meio da qual são observados os sentidos gerados pelo excedente de visão de Obama em relação ao Brasil, os quais dão uma significação a este país na perspectiva do olhar de outro. Para tanto, embasome em Bakhtin/Volochínov (2010), Bakhtin (2010a; 2010b; 2011), e, ainda, na leitura que foi feita destas obras por Brait (2009), Faraco (2009), Fiorin (2008) e Magalhães Júnior (2010).

Como Bakhtin aponta que as relações dialógicas do discurso fixam-se a um sujeito social, tornando este discurso um enunciado, abordo, no segundo momento, a concepção de enunciado/enunciação/discurso, na esteira de Bakhtin (2011), Volochínov (1926) e, também, na interpretação da obra do teórico por Brait/Melo (2010), a fim de

¹ A categoria bakhtiniana exotopia (distância, distanciamento, extralocalidade) é descrita no segundo capítulo desta pesquisa, no item 2.2.

² A análise do *corpus* desta pesquisa se encontra no quarto capítulo.

salientar como o enunciado faz parte de um elo na cadeia da comunicação discursiva, que se dá em resposta a outros enunciados, representando um confronto de índices sociais de valor. Assim, demonstra-se que o jogo de valores sociais não somente embute-se ao enunciado, mas também o constitui.

Por essa razão, comento, no terceiro momento, sobre outro conceito fundamental na visão social da linguagem de Bakhtin e o Círculo, a ideologia, apoiando-me em Bakhtin/Volochínov (2010), com ajuda ainda da interpretação do pensamento de Bakhtin realizada por Miotello (2010), Stella (2005), Freitas (1999) e Faraco (2009). Observar o funcionamento das ideologias no discurso obamaniano ajuda a compreender quais forças atravessam tal discurso, bem como os sentidos advindos de tais forças – ressaltadas nas posições avaliativas³ percebidas na enunciação do presidente dos EUA. Ao olhar para este país, citando-o em seu pronunciamento, Obama (re)significa o Brasil mediante determinados acentos apreciativos, valores, comportamentos ético-sociais, inscritos nas palavras de sua enunciação, que acabam por delinear imagens do Brasil.

Encerro este capítulo com uma explanação sobre a relação entre ideologia, linguagem e cultura, entendendo que a cultura é um conceito importante dentro da arquitetura bakhtiniana para compreensão, especialmente do funcionamento da exotopia no pronunciamento do presidente B. Obama. Com Bakhtin (1996), Bernardi (2012) e Fressato (2009), destaco a ligação entre cultura popular e ideologia do cotidiano e cultura oficial e ideologia dominante para entender, quando da análise do *corpus*, como a cultura estadunidense, por meio de sua figura mais representativa, o presidente, produz imagens do Brasil ao observar e significar a cultura brasileira.

2.1 A visão dialógica da linguagem no Círculo de Bakhtin

O Círculo de Bakhtin, cujo maior expoente é o teórico russo Mikhail Bakhtin, reúne cientistas, intelectuais e artistas que desenvolveram pesquisas, entre 1920 e 1970, em torno de uma concepção social do mundo e do homem (BRAIT, 2009). Segundo esse pensamento, o homem somente se constitui na e pela interação, em meio às relações que trava

³ Na materialidade linguística, as posições valorativas são percebidas por meio da entonação, outra categoria de análise do *corpus* desta pesquisa, ao lado da alteridade e da macro-categoria de análise, a exotopia.

social e constantemente. Isso porque a consciência humana se forma, e atua, em sociedade. Daí a condição de possibilidade da linguagem (FARACO, 2009).

Tal visão se contrapõe a duas concepções de linguagem que vigoravam naquele período, a saber, o objetivismo abstrato e o subjetivismo idealista. A primeira concepção, provinda do estruturalismo saussureano, exclui as manifestações individuais da língua, no caso, a fala, para tomá-la como um fato social, formada por um sistema hermético, estável, cujas formas linguísticas se submetem a normas tanto quanto à consciência, compreendida como individual e definitiva (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010). Nesse sentido, os fatos linguísticos, contrariamente ao pensamento bakhtiniano, não são movidos ideologicamente. Também não há, nessa visão, a relação entre palavra e sentido, “não existe vínculo natural e compreensível para a consciência, nem vínculo artístico” (p. 85).

A segunda corrente trata do psiquismo individual como fonte da língua, sendo o ato de fala uma criação individual, configurado como base da língua. A tendência aponta que devem ser estudadas pelo linguista e pelo filósofo da linguagem as leis da psicologia individual, tarefa que, segundo Bakhtin/Volochínov (*op. cit.*), reduz o esclarecimento do fenômeno linguístico a um ato de criação individual, restando ao linguista apenas o trabalho de preparar explicações sobre tal concepção de ato linguístico.

Como resposta, pois, a essas duas orientações do pensamento filosófico-linguístico, Bakhtin/Volochínov tratam da natureza social da linguagem. Nela a fala não é desprezada e está ligada diretamente às condições de comunicação e às estruturas sociais. Ela existe no interior de um contexto social e historicamente definido, no qual há sempre um locutor que pensa e se dirige a um interlocutor. Assim a relação eu-outro, eu-tu, é constitutiva da linguagem e se apresenta como uma relação entre posições sociais, expressa num texto, num diálogo proposto entre dois universos que se constituem e partilham atos (FIORIN, 2008).

A concepção bakhtiniana de diálogo, de acordo com Faraco (2009), vai além do estudo da forma diálogo na interação face-a-face ou na composição escrita. Do mesmo modo, o interesse do Círculo, aponta o autor, sobressai ao estudo da troca de turnos entre participantes de uma conversa, concernente à Análise da Conversação, ou ao estudo de práticas conversacionais de grupos humanos, referente à Etnografia da Fala ou da Comunicação.

O autor enfatiza que, para o Círculo, o que interessa no estudo do diálogo não é a forma do diálogo em si, “mas com o que ocorre nele, isto é, com o complexo de forças que nele atua e condiciona a forma e as significações do que é dito ali” (p. 61). O diálogo face-a-face é estudado, nesse universo, como um dos possíveis eventos em que se manifestam as relações dialógicas, mais amplas, complexas e variadas, nas quais ocorre o diálogo, no sentido amplo do termo.

Faraco afirma que o Círculo rejeita a concepção estreita do dialogismo da linguística tradicional, que o entende apenas como forma composicional do discurso. Ele explica que, na sua metalinguística (ou translinguística⁴), Bakhtin caracteriza as relações dialógicas como relações de sentido, estabelecidas entre enunciados⁵, referendadas pelo todo da interação verbal.

Tanto enunciados postos lado a lado como enunciados separados no tempo e no espaço, se confrontados no plano do sentido, revelam relações dialógicas porque fazem parte do amplo universo da criação ideológica da interação verbal (p. 65). Assim, as relações dialógicas são interpretadas como eventos gerados pela interação sociocultural dos grupos humanos, como espaços de vida da consciência social e ideológica, distinguindo-se aí as especificidades de cada um de seus muitos tipos.

Já neste ponto da pesquisa, é oportuno frisar que Bakhtin considera produtiva uma relação dialógica quando esta cria exotopia, ou seja, no momento em que o eu, a partir do que percebe ser visto nele por outro, passa a ver-se de forma diferente (MAGALHÃES JÚNIOR, 2010). É como se o eu, não mais coincidindo consigo, avultasse nova visão de si e nova consciência. Isso porque, na exotopia, o eu intenta se posicionar no mesmo lugar do outro para perceber o que este vê. No entanto, adverte Magalhães Júnior (*op. cit.*), o eu não pode deixar-se ser refém desse olhar a ponto de sua visão copiar a visão alheia, pois, nesse caso, não há exotopia. A exotopia se dá precisamente quando, “munido desse olhar do outro, retorno a mim mesmo e efetivamente coloco em ação o excedente de visão que o outro me proporcionou, o que atualiza muito do que penso sobre o mundo. É quase como se eu agora fosse uma outra pessoa” (p. 17).

⁴ Faraco (2009) explica que o termo translinguística é introduzido para evitar confusão com o significado tradicional do conceito metalinguística. Bakhtin (2010) define a metalinguística como o estudo dos aspectos da vida das palavras.

⁵ O enunciado na visão bakhtiniana é visto mais detidamente no subitem 1.2 deste capítulo.

O diálogo exotópico foi estudado por Bakhtin, sobretudo, a partir da análise das obras de Fiódor Dostoiévski e de outros importantes escritores da cena literária mundial, no intervalo entre os anos 1920 e 1970. Em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, o romance dostoiévskiano é analisado como um novo gênero romanesco – o romance polifônico –, que, até então, de acordo com Bakhtin (2010a), não havia sido percebido em sua totalidade estética pela crítica literária europeia. Na defesa de sua tese, salienta:

A multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski. Não é a multiplicidade de caracteres e destinos que, em um mundo objetivo uno, à luz da consciência una do autor, se desenvolve nos seus romances; é precisamente a multiplicidade de consciências equipolentes e seus mundos que aqui se combinam numa unidade de acontecimento, mantendo a sua imiscibilidade. Dentro do plano artístico de Dostoiévski, suas personagens principais são, em realidade, não apenas objetos do discurso do autor, mas os próprios sujeitos desse discurso diretamente significante (p. 4-5, grifo do autor).

Segundo Bakhtin (*op. cit.*), as relações dialógicas do romance de Dostoiévski perpassam todas as relações e manifestações da vida humana, pois, de acordo com o pensador russo, o diálogo começa onde começa a consciência. Assim todas as partes e elementos do romance possuem caráter dialógico e constituem um “grande diálogo”. As palavras do romance adentradas pelo diálogo, dessa forma, tornam-no bivocal, porque introduzido pela palavra do outro, revestido de algo novo, de nova compreensão e avaliação. Por isso são também as personagens povoadas por outras vozes junto as quais dialogam.

O nosso discurso da vida prática está cheio de palavras dos outros. Com algumas delas, fundimos inteiramente a nossa voz, esquecendo-nos de quem são; com outras, reforçamos as nossas próprias palavras, aceitando aquelas como autorizadas para nós; por último, revestimos terceiras das nossas próprias intenções, que são estranhas e hostis a elas (BAKHTIN, 2010a, p. 223).

Nesse sentido, de acordo com Bakhtin, interessa ao autor de *Crime e Castigo* saber o que o mundo é para suas personagens e o que elas são para si mesmas, o resultado de suas consciências e autoconsciências. Assim é que a imagem das personagens é formada por meio do valor dos traços da realidade para elas mesmas. “Todas as qualidades objetivas estáveis da personagem, a sua posição social, a tipicidade sociológica e caracteriológica, o *habitus*, o perfil espiritual e inclusive a sua aparência externa” (p. 53) representam objeto de reflexão da autoconsciência das personagens.

É importante destacar, para os propósitos desta pesquisa, que os termos **tipicidade caracteriológica**, *habitus*, **perfil**, **aparência** remetem à noção de *ethos*⁶, ou seja, à formação de imagens e, ainda à entonação, tratamento avaliativo que constitui todo enunciado (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2010). Desse modo é que se torna possível entender como, a partir do lugar ocupado por B. Obama, pode este criar imagens do Brasil, construídas pela entonação, ou seja, pelos acentos e posições valorativas observáveis por meio das ideologias que circundam o discurso obamaniano.

Bakhtin (*op. cit.*) afirma que a função das personagens no romance polifônico é o que constitui a exotopia do autor, ou seja, seu excedente de visão em relação às personagens, que dá conta do que lhes escapa à própria ótica. Daí compreende-se como o autor/B. Obama dota de significado a personagem/Brasil. Pelo movimento de seu olhar, o democrata produz sentidos advindos do lugar privilegiado em que se encontra, de onde não detém nenhum traço da personagem/Brasil que já não esteja retido em sua autoconsciência

Bakhtin lembra que os costumes também são transferidos do autor, por meio de sua exotopia em relação às personagens, para a autoconsciência destas, que personificam todo o mundo material em sua volta. No mesmo plano de sua consciência – concepção de mundo, campo de visão –, esclarece, somente pode coexistir uma outra consciência contraposta a um mundo objetivo, o de outras consciências iguais a ela. “A autoconsciência, como dominante artístico da construção da personagem, não pode situar-se em concomitância com outros traços da sua imagem; ela absorve esses traços como matéria sua e os priva de qualquer força que determina e conclui a personagem” (p. 56).

O filósofo russo destaca que a autoconsciência da personagem não se funde com o autor e nem veicula sua voz. Ela basta a si mesma, pois seus acentos – sua entonação, seus pontos de vista ideológicos – estão devidamente enaltecidos na obra a demarcar a exotopia entre autor e personagem, ou seja, o distanciamento entre ambos. Daí a objetividade da obra de Dostoiévski que, ao estabelecer a autoconsciência como dominante artístico na construção das imagens da personagem, transforma o monologismo da obra. A personagem se torna então livre, pois a exotopia do autor, que a definiu como imagem acabada da realidade, faz parte de sua autoconsciência.

⁶ O comentário sobre *ethos* e sua relação com as imagens discursivas está descrito no segundo capítulo desta pesquisa, no subitem 2.3.4.

Construída a partir da palavra do outro, a personagem protagonista da novela dostoievskiana *Memórias do Subsolo*, por exemplo, se atém à palavra alheia sobre si mesma, observa-se nas consciências dos outros porque está ciente das refrações de sua imagem nelas. Isso acontece porque o protagonista consegue perceber o excedente de visão alheia sobre si mesmo, ocorrendo tal qual o diálogo produtivo e exotópico comentado anteriormente. Com isso, a personagem percebe sua definição objetiva em relação à própria consciência e em relação à alheia, considerando um “terceiro” ponto de vista. Entretanto, enfatiza Bakhtin, o protagonista sabe que essas acepções não são conclusivas. Consciente delas, ele pode ultrapassar seus limites, pois se esforça por manter a última palavra sobre si mesmo, a palavra de sua autoconsciência, inconclusa, aberta e insolúvel.

[...] o “homem de subsolo” escuta angustiado todas as palavras reais e possíveis dos outros a seu respeito e procura vaticinar e antecipar todas as possíveis definições de sua personalidade pelos outros. O herói de *Memórias do Subsolo* é o primeiro herói-ideólogo na obra de Dostoiévski. Uma de suas ideias básicas, que ele lança em sua polêmica com os socialistas, é precisamente a ideia segundo a qual o homem não é uma magnitude final e definida, que possa servir de base à construção de qualquer cálculo; o homem é livre e por isso pode violar quaisquer leis que lhe sejam impostas (BAKHTIN, 2010a, p. 66-67).

Com isso, Bakhtin afirma que, no pensamento artístico de Dostoiévski, a realização da autêntica vida do indivíduo dá-se na não coincidência do homem consigo mesmo, na medida em que pode ser determinado independentemente de sua vontade. Ou seja, somente é possível acessar a vida autêntica do indivíduo dialogicamente. Diante do diálogo, o indivíduo se revela e dá respostas de si mesmo. Dessa forma, a verdade sobre o homem não emitida a ele por diálogo e falada por outros, torna-se mentira, se afetar o “homem no homem”, o seu “santuário” (p. 67).

Assim, a nova posição artística do autor em relação ao herói no romance polifônico de Dostoiévski é uma posição *dialógica seriamente aplicada e concretizada até o fim*, que afirma a autonomia, a liberdade interna, a falta de acabamento e de solução do herói. Para o autor, o herói não é um “ele” nem um “eu”, mas “tu” plenivalente, isto é, o plenivalente “eu” de um outro (um “tu és”). O herói é o sujeito de um tratamento dialógico profundamente sério, *presente*, não retoricamente *simulado* ou literariamente *convencional*. E esse diálogo – o “grande diálogo” do romance na sua totalidade – realiza-se não no passado mas neste momento, ou seja, no *presente* do processo artístico. Não se trata, em hipótese alguma, do estenograma de um diálogo *acabado* do qual já saiu e *acima* do qual se encontra neste momento como quem se encontra numa posição superior e decisiva: ora, isso transformaria imediatamente o diálogo, modelo comum a qualquer romance monológico. Em Dostoiévski, esse grande diálogo é artisticamente organizado como o *todo não fechado* da própria vida situada no *limiar* (p. 71-72).

De acordo com o teórico russo, o tratamento dialógico dado à personagem dostoiévskiana durante todo o seu processo de criação molda a constituição da forma do romance. Assim, quando o autor fala sobre a personagem, fala sobre alguém presente, que ouve e pode responder ao que é dito. Tal organização da palavra do autor é definida por Bakhtin como uma posição definitiva “inconvencional” (sic), porque é a personagem o agente do discurso autêntico. “A ideia do autor sobre o herói é *a ideia sobre o discurso*. Por isso até o discurso do autor sobre o herói é o discurso sobre o discurso. Está orientado para o herói como para a palavra, daí, *dialogicamente orientado* para ele” (p. 72, grifo do autor).

Bakhtin explica que, ao construir seu romance, Dostoiévski não fala da personagem, e sim, com a personagem, pois a orientação dialógica leva em consideração a palavra do outro, ao enquadrá-la como outro ponto de vista, como posição racional. Nessa relação íntima com a palavra alheia, a palavra conserva sua autonomia, sem, contudo, ser absorvida ou fundida por outra palavra. A exotopia estabelecida por essa tensa relação, ou seja, a distância necessária para a conservação da autonomia da palavra formada entre autor e personagem, continua o teórico, é o que confere a autêntica objetividade da representação da personagem dostoiévskiana. As imagens da personagem/Brasil, representadas no romance/enunciação do autor/B. Obama, provêm da relação entre a palavra autoral de Obama e a palavra alheia, estabelecida pelo reconhecimento, por parte do enunciador, do ponto de vista brasileiro, ou seja, da posição racional deste país frente a questões de cunho ético, sócio, histórico e político.

Em seu pronunciamento, B. Obama tende a enaltecer politicamente o Brasil. Ao destacar que o primeiro líder de uma nação a visitar os Estados Unidos foi D. Pedro II, não apenas reforça o reconhecimento de uma nação independente, mas desenha uma imagem nacional brasileira no cenário econômico mundial. Ao olhar para o Brasil como nação independente, no atual período político internacional, Obama imprime uma força ao mercado econômico nacional brasileiro, como um reconhecimento do poder global do nosso mercado que, partilhado com os Estados Unidos, potencializa a força desta nação no mercado mundial.

The United States was the first nation to recognize Brazil's independence, and set up a diplomatic outpost in this country. The first head of state to visit the United States was the leader of Brazil, Dom Pedro II. In the Second World War, our brave men and women fought side-by-side for freedom. And after the war, both of our nations struggled to achieve the full blessings of liberty (OBAMA, 2011). [Os EUA foram a primeira nação a reconhecer a independência do Brasil e a estabelecer um posto diplomático neste país. **O primeiro chefe de estado a visitar os EUA foi o líder do Brasil Dom Pedro II.** Na Segunda Guerra Mundial nossos corajosos homens e mulheres

lutaram lado a lado pela liberdade. E depois da guerra, nossas duas nações lutaram para conseguir as bênçãos plenas da liberdade⁷] (grifo meu).

Desse modo pode-se apreender o que Bakhtin (*op. cit.*) quis dizer quando afirma ser a personagem de Dostoiévski não apenas a representação de um discurso acerca de si mesmo ou sobre o meio ambiente imediato, mas a representação de um discurso sobre o mundo. Isso porque a personagem é um ser consciente, um ideólogo, tal qual o “homem do subsolo” – já comentado neste espaço – sobre o qual Bakhtin considera que a ideia no romance pode chegar a se tornar heroína da história (p. 88). Nesse caso, no entanto, reconhece que a autoconsciência continua dominando a representação da personagem. Daí o discurso da personagem resultar da fusão do discurso sobre o mundo e do discurso confessional de si mesmo, em que estão atreladas as verdades sobre o mundo e o indivíduo. Com isso, a autoenunciação resiste a um acabamento externo, pois a autoconsciência supera a neutralidade e rigidez de uma provável imagem estável da personagem. Esse triunfo da autoconsciência, segundo o autor, somente é possível porque a sua soberania é afirmada pela ideia na criação artística dostoiévskiana.

Passando agora a observar outra nuance da polifonia na obra bakhtiniana, em *Questões de Literatura e Estética* (2010b), o autor trata da estratificação da linguagem do romance. Na obra, Bakhtin pontua que a linguagem do prosador-romancista é estratificada porque é povoada por vozes e línguas que interagem e se confundem em intenções e tons alheios. Dessa maneira, o prosador conserva os germes do plurilinguismo social encerrado em seu próprio discurso, mantendo as figuras linguísticas e as maneiras de falar, calcadas nas palavras e nas formas da linguagem. Ao mesmo tempo, continua o autor, o prosador distancia, pode-se dizer, utiliza seu excedente de visão para que, de maneira exotópica, afaste diferentemente cada um desses discursos e formas do núcleo semântico decisivo de sua obra, ou seja, do centro de suas intenções pessoais.

A linguagem do prosador dispõe-se em graus mais ou menos próximos ao autor e à sua instância semântica decisiva: alguns momentos de sua linguagem exprimem franca e diretamente (como em poesia) as intenções semânticas expressivas do autor, outros as refratam; o autor não se solidariza totalmente com esses discursos e os acentua de uma maneira particular, humorística, irônica, paródica, etc.; outros elementos se afastam cada vez mais de sua instância linguística última e refratam ainda mais intensamente as suas intenções; e há, finalmente, aqueles elementos que estão completamente privados das intenções do autor: o autor não se expressa

⁷ A tradução do inglês para o português do pronunciamento do presidente B. Obama para esta pesquisa foi feita pela tradutora e estudiosa das ideias bakhtinianas Elisiany Leite Lopes de Sousa.

neles (enquanto autor do discurso), ele os mostra como uma coisa verbal original; para ele, eles são inteiramente objetais. Por isto, a estratificação da linguagem, em gêneros, profissões, sociedades (em sentido restrito), concepções de mundo, tendências, individualidades, diferentes falas e línguas, ao entrar no romance ordena-se de uma maneira especial, torna-se um sistema literário original que orquestra o tema intencional do autor (p. 105).

Bakhtin assevera que o prosador ganha destaque, em diversos graus, na linguagem de sua obra, utilizando-a sem se entregar totalmente. Ao mesmo tempo em que a toma de forma alheia, o prosador a obriga a atender suas exigências. Com isso, introduz em sua obra as perspectivas socioideológicas dos discursos embebidos das intenções sociais dos outros, servindo-se de novas intenções. O discurso assim orientado por entre enunciações e linguagens alheias demarca uma significação literária. Dessa forma, segundo o autor, a particularidade específica do gênero romance reside no sistema literário harmonioso, organizado pela pluridiscursividade e pela dissonância.

O teórico esclarece que a dialogicidade interna do discurso romanesco – sua estrutura estilística, seu conteúdo, sua forma – se dá no contexto social concreto e é determinada pela ressonância do diálogo social efetivada no próprio discurso. À medida que o romance é desenvolvido, mais profundo, alargado e refinado se encontra o diálogo. Este reage plenamente à menor mudança do ambiente social, pois, conforme reitera Bakhtin, as palavras e formas coexistentes ao romance são vozes sociais e históricas, organizadas harmoniosamente num sistema estilístico, que revelam a posição socioideológica do autor em meio aos discursos que lhe são contemporâneos.

Portanto, como foi visto até aqui, para Bakhtin e o Círculo, as relações dialógicas passam a existir somente quando o material linguístico ou semiótico adentra a esfera do discurso, ou seja, quando se fixa à posição de um sujeito social, transformando-se num enunciado. Assim é que as relações dialógicas se tornam relações entre índices sociais de valor. Tais relações podem se processar não somente entre enunciados integrais, mas em relação a qualquer parte significativa do enunciado ou a uma só palavra, desde que ali se entrechoquem duas vozes dialogicamente. Para aclarar o entendimento acerca da enunciação, do enunciado e do discurso, na arquitetura bakhtiniana, passo à discussão desses temas no item a seguir.

2.2 Enunciação, enunciado, discurso

A concepção em torno da enunciação/enunciado e discurso tem papel de destaque na visão de linguagem de Bakhtin e do Círculo. Construídos ao longo do conjunto das obras e imbricados a outras noções, tais conceitos estão fundamentados na compreensão da linguagem que considera a comunicação entre sujeitos e os discursos envolvidos nessa comunicação (BRAIT/MELO, 2010).

Em *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin (2011) analisa o enunciado distinguindo-o das unidades da língua, palavras e orações. O enunciado, nessa perspectiva, é concebido como unidade real da comunicação humana, modelado pelo discurso e sempre pertencente a um sujeito que fala e endereçado a um sujeito ouvinte, não podendo existir fora dessa forma.

Segundo o autor, a compreensão, no enunciado, é totalmente responsiva, ou seja, envolve uma posição responsiva do ouvinte, uma reação a esse enunciado. Tanto pode ser uma reação de concórdia, discórdia, complemento ou aplicação, preparação para fazer uso desse enunciado. Ele enfatiza que qualquer compreensão é “preche de resposta”. Ao perceber o enunciado, o ouvinte se torna falante, pois a compreensão é ativa. A compreensão passiva, explica, é somente uma abstração da compreensão ativamente responsiva, real, plena, renovada na resposta do ouvinte.

[...] O empenho em tornar inteligível a sua fala é apenas o momento abstrato do projeto concreto e pleno de discurso do falante. Todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema que usa mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados (p. 272).

Um contributo para o entendimento do enunciado é dado por Volochínov, em *Discurso na vida e discurso na arte*⁸ (1926). Na obra, ele analisa o enunciado poético como uma forma de comunicação estética especial, partícipe do curso da vida social. Para tanto, trabalha determinados aspectos dos enunciados verbais afastados do campo artístico e

⁸ V. N. Volochínov. *O discurso na vida e o discurso na arte*. Trad. C. Tezza e C. A. Faraco (tradução destinada exclusivamente para uso didático e acadêmico).

próximos à fala da vida, do cotidiano. Em sua compreensão, o discurso verbal surge de uma situação pragmática não-verbal e mantém-se conectado a esta situação e à vida, de onde sustenta sua significação⁹.

Volochínov explica que o modo da relação entre o discurso verbal e a situação não verbal se dá pelo contexto não verbal – “o horizonte espacial comum dos interlocutores (a unidade do visível), o conhecimento e a compreensão comum da situação por parte dos interlocutores, e sua avaliação comum dessa situação”¹⁰. Desse modo, os enunciados concretos unem os participantes, que conhecem e avaliam a situação comum.

O enunciado, conseqüentemente, depende de seu complemento real, material, para um e o mesmo segmento da existência e dá a este material expressão ideológica e posterior desenvolvimento ideológico comuns¹¹. Assim, a situação extraverbal está longe de ser meramente a causa externa de um enunciado – ela não age sobre o enunciado de fora, como se fosse uma força mecânica. Melhor dizendo, a situação se integra ao enunciado como uma parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação¹².

As enunciações, assinala Bakhtin (*op. cit.*), por mais que se diferenciem em conteúdo, volume, composição, possuem estrutura e limites comuns. Os limites são demarcados pela alternância dos sujeitos falantes, característica da primeira particularidade do enunciado. Todo enunciado concreto tem início no enunciado de outro e término no enunciado responsivo de outro, por mais que este se apresente como uma posição ativamente compreensiva silenciosa do outro ou uma ação responsiva relacionada a essa compreensão (p. 275).

A alternância dos sujeitos falantes, que delimita os diferentes enunciados do vasto campo da comunicação humana, é observada, de modo mais simples, de acordo com Bakhtin, no diálogo real, que representa a forma clássica da comunicação discursiva. No diálogo real, alternam-se as enunciações dos interlocutores, as chamadas réplicas. Cada uma delas exprime a posição responsiva do falante, que, por sua vez, incita uma posição responsiva do ouvinte.

Delimitado, pois, por todos os seus lados, pela alternância dos sujeitos do discurso, o enunciado entra em contato imediato com a realidade, com a situação extraverbal, e se relaciona com enunciados alheios. Dispõe ainda de plenitude semântica e de capacidade

⁹ Idem, p. 3.

¹⁰ Idem.

¹¹ A ideologia na perspectiva do Círculo de Bakhtin é abordada no terceiro item deste capítulo.

¹² Idem, p. 4.

para “determinar imediatamente a posição responsiva do *outro* falante, isto é, de suscitar resposta” (p. 278).

O teórico assegura que a natureza dos limites do enunciado não se restringe ao diálogo real. Ela existe em qualquer campo da comunicação discursiva, como o campo da comunicação cultural, científica, artística, organizada de forma mais complexa, porém, com a mesma delimitação de fronteiras. O sujeito de discurso de uma obra, por exemplo, o autor, reflete, em sua produção, sua individualidade, estilo, visão de mundo. Com isso, cria princípios interiores que separam sua obra de outras obras ligadas a ela, pertencentes a um determinado campo cultural. Continuando, o autor assevera:

A obra, como réplica do diálogo, está disposta para a resposta do outro (dos outros), para a sua ativa compreensão responsiva, que pode assumir diferentes formas: influência educativa sobre os leitores, sobre suas convicções, respostas críticas, influência sobre seus seguidores e continuadores; ela determina as posições responsivas dos outros nas complexas condições de comunicação discursiva; como a réplica do diálogo, está vinculada a outras obras–enunciados; com aquelas às quais ela responde, e com aquelas que lhe respondem; ao mesmo tempo, à semelhança da réplica do diálogo, ela está separada daquelas pelos limites absolutos da alternância dos sujeitos do discurso (Idem).

A segunda particularidade do enunciado concreto, ligada à primeira, é a conclusibilidade específica, um aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso. O mais importante critério da conclusibilidade é a possibilidade de resposta que ela permite, ou seja, a capacidade de ocupar uma posição responsiva em relação ao enunciado.

O autor expõe que a conclusibilidade do enunciado é determinada por três elementos, a saber, “a exauribilidade do objeto e do sentido; o projeto de discurso ou vontade de discurso do falante; e as formas típicas composicionais e de gênero do acabamento” (p. 280-281). A exauribilidade semântico-objetal do tema do enunciado se apresenta sob diferentes formas nos campos da comunicação discursiva. Segundo Bakhtin exemplifica, a exauribilidade do enunciado pode chegar ao extremo em alguns campos da vida, nas questões da natureza factual, nas respostas factuais a elas, nos pedidos, nas ordens, nos campos oficiais, das ordens militares e produtivas. Nesses campos, explica, os gêneros do discurso estão padronizados, o que torna ausente o elemento criativo (p. 282).

Já no campo da criação, aponta o autor, a exauribilidade é relativa. No campo científico, por exemplo, o acabamento do enunciado é mínimo, pois somente uma exauribilidade semântico-objetal é possível. A resposta a esse enunciado somente acontece

quando o objeto se torna tema, ganhando relativa conclusibilidade, calcada numa ideia construída pelo autor (p. 281).

Com relação à vontade discursiva, Bakhtin expõe que, em todo e qualquer enunciado, é possível abranger, interpretar, sentir “a intenção discursiva do discurso” ou “a vontade discursiva do falante” – determinantes da completude do enunciado, do seu volume e de suas fronteiras. Nesse sentido, é possível inferir aquilo que o falante quer dizer e medir, por meio da ideia verbalizada, a conclusibilidade do enunciado (Idem).

O terceiro elemento do acabamento do enunciado são as formas estáveis de gênero. Segundo o teórico, a vontade discursiva do falante se dá na escolha de um gênero de discurso, mensurado por um dado campo da comunicação discursiva, pela situação em que ocorre a comunicação e pela composição dos participantes. A partir daí, a individualidade e subjetividade do falante, ou seja, a sua intenção discursiva, são moldadas ao gênero pretendido (p. 282).

Bakhtin salienta que a nossa fala é ancorada em determinados gêneros de discurso, o que faz com que nossos enunciados sejam construídos sob formas relativamente estáveis e típicas. Isso é possível porque possuímos vasto repertório de gêneros de discursos, tanto orais como escritos, os quais empregamos seguramente na prática sem nos darmos conta de sua existência.

Essas formas de gênero que moldam nosso discurso, reitera o autor, não se igualam às formas normativas e estáveis da língua. As formas de gênero não são rígidas, ao contrário, são bem mais flexíveis e plásticas. “Também uma série de gêneros sumamente difundidos no cotidiano é de tal forma padronizada que a vontade discursiva individual do falante só se manifesta na escolha de um determinado gênero e ainda por cima na sua entonação expressiva” (p. 283).

A diversidade desses gêneros é determinada pelo fato de que eles são diferentes em função da situação, da posição social e das relações pessoais de reciprocidade entre os participantes da comunicação: há formas elevadas, rigorosamente oficiais e respeitadas desses gêneros, paralelamente a formas familiares, e além disso de diversos graus de familiaridade, e formas íntimas (estas são diferentes das familiares) (p. 283-284).

Depois de tecidas as especificidades quanto aos elementos de acabamento do enunciado, faz-se mister salientar que um dos mais importantes critérios de seu acabamento é a possibilidade de resposta, de adoção de uma atitude responsiva para com este. Bakhtin

afirma que sem o acabamento específico, advindo da reação ao enunciado, este não completa sua totalidade. A reação manifesta no enunciado, originada da relação deste com o próprio locutor (o autor do enunciado) e com os demais parceiros da comunicação verbal, corresponde, por fim, à terceira particularidade do enunciado para Bakhtin (p. 289).

Essa particularidade do enunciado pode ser percebida, por exemplo, na enunciação de B. Obama, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Num trecho de sua fala, o presidente evidencia a relação de amizade que deve haver entre os dois países. Com isso, gera uma atitude de silenciamento de pontos de tensão entre as duas nações e enaltece pontos em comum que, como será visto na análise do *corpus*, visam a acordos comerciais no âmbito do mercado internacional.

But today, I want to speak directly to the Brazilian people about how we can strengthen the friendship between our nations. I've come here to share some ideas because I want to speak of the values that we share, the hopes that we have in common, and the difference that we can make together (OBAMA, 2011). [Mas hoje quero falar diretamente com o povo brasileiro sobre como podemos fortalecer a amizade entre nossas nações. Vim aqui para compartilhar algumas ideias, pois quero falar sobre os valores que compartilhamos, as esperanças que nós temos em comum e a diferença que nós podemos fazer juntos.

Com isso, é possível perceber a relação entre o acabamento do enunciado proveniente da sua possibilidade de resposta e o princípio da exotopia. Isso ocorre na medida em que, munidos do olhar alheio, cientes de seu excedente de visão, reagimos ativamente às apostas do outro sobre o que somos, mesmo que rejeitemos o olhar oferecido pelo outro (MAGALHÃES JÚNIOR, 2010).

Sempre que falamos, não o fazemos como se estas fossem as primeiras palavras num mundo em que jamais nada fora antes pronunciado, mas, pelo contrário, já encontramos no mundo um tom presente, um mundo pré-avaliado. [...] Nossa fala é sempre uma resposta ao já existente, a qual, é bom lembrar, porque em contato com outras forças discursivas, não pode ser predita infalivelmente (p. 21).

O silenciamento de pontos de tensão entre as duas nações, registrado no trecho destacado acima do pronunciamento de B. Obama, é uma reação ao conhecimento acerca dos fatos históricos de que se tem registro. Uma vez sabendo das consequências negativas desses fatos para o Brasil, bem como para as demais nações da América Latina, Obama opta por não citá-los. Com isso, reforça uma imagem de presidente conciliador.

Bakhtin (*op. cit.*) frisa que a posição ativa e responsiva do falante num determinado campo do objeto do sentido é o que garante o funcionamento do enunciado como elo na cadeia da comunicação discursiva. Daí cada enunciado ser caracterizado por determinado conteúdo semântico-objetual. A ideia do autor do discurso, do sujeito do discurso, no centro do objeto e do sentido, determina a escolha dos meios linguísticos e dos gêneros que irão moldar o enunciado. A seleção desses elementos, informa o teórico, é o primeiro elemento do enunciado, que motiva as particularidades de seu estilo e composição (Idem).

O segundo elemento dessa composição e estilo é o elemento expressivo, ou seja, a relação individual do falante do enunciado com o conteúdo do objeto e do sentido. Bakhtin explica que o elemento expressivo possui significado e força vastos nos diferentes campos da comunicação discursiva. O elemento expressivo também motiva a seleção dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado. “O estilo individual do enunciado é determinado principalmente pelo seu aspecto expressivo” (Idem).

Na construção dos enunciados, escolhemos palavras advindas de enunciados outros, de mesmo gênero que o nosso, i. e, mesmo tema, composição, estilo. Tais palavras são escolhidas segundo a particularidade de gênero, que corresponde a uma forma típica do enunciado. Bakhtin explica que certas expressões típicas são inerentes ao gênero. Por isso, a palavra ganha, dentro do gênero, certa expressão típica também, como resultado do contato típico de significados de palavras, em situações típicas, com a realidade viva, que parecem se sobrepor às palavras (p. 292-293).

Com isso, o filósofo russo atesta que a palavra existe para o falante de três maneiras. A primeira é como palavra de ninguém, portanto, pertencente à língua neutra. A segunda é como palavra dos outros, palavra alheia – povoada por ecos e enunciados alheios –, e a terceira, como palavra minha, que opero em dada situação, com determinada intenção discursiva, envolta por minha expressão. Neste caso, a palavra pode expressar uma posição valorativa, no enunciado individual, amparada por uma autoridade, como a de pai, mãe, amigo, professor, médico, juiz, cientista, etc. (p. 294).

Em cada época, em cada círculo social, em cada micromundo familiar, de amigos e conhecidos, de colegas, em que o homem cresce e vive, sempre existem enunciados investidos de autoridade que dão o tom¹³, como as obras de arte, ciência, jornalismo político, nas quais as pessoas se baseiam, as quais elas citam, imitam, seguem. Em cada época e em todos os campos da

¹³ O tom relaciona-se ao que Bakhtin denomina entonação, categoria de análise desta pesquisa, abordada no segundo capítulo.

vida e da atividade, existem determinadas tradições, expressas e conservadas em vestes verbalizadas: em obras, enunciados, sentenças, etc. Sempre existem essas ou aquelas ideias determinantes dos ‘senhores do pensamento’ de uma época verbalmente expressas, algumas tarefas fundamentais, lemas, etc. (Idem).

Destarte, Bakhtin demonstra como os enunciados alheios mantêm contato com a intenção discursiva individual e como essa experiência provém da assimilação das palavras dos outros, num grau variado de alteridade, assimilabilidade, aperceptibilidade e importância. E ainda, como as palavras dos outros carregam expressão e tom valorativo próprios, sendo reacentuadas e reelaboradas por nós em nosso discurso.

É compreensível, portanto, que a expressividade não é uma propriedade da palavra enquanto unidade da língua e nem decorre prontamente de seu significado. Ou ela provém da tipicidade do gênero ou ecoa uma expressão alheia, definida pela posição valorativa que torna a palavra representante do enunciado do outro (p. 295).

Bakhtin (*op. cit.*) ainda sustenta que a construção do enunciado envolve uma definição ativa, uma antecipação da resposta alheia – lembre-se do herói ideólogo da novela *Memórias do Subsolo*, de Dostoiévski¹⁴. Essa reação antecipada influencia fortemente o enunciado na medida em que o falante sempre considera a percepção do seu discurso pelo ouvinte. Na avaliação prévia do enunciado, o sujeito do discurso procura medir o grau de conhecimento do outro em relação à situação do enunciado ou em relação a um dado campo cultural, por exemplo (p. 302).

Nessa afirmação, pode-se enxergar uma relação com a exotopia. A previsão da resposta alheia advém do encontro com o outro, respaldado pelo meu excedente de visão em relação a ele. Do lugar que ocupo no mundo e na história, construo meu enunciado de modo a participar de sua existência, considerando a percepção de meu discurso por ele. “Desde o início o falante aguarda a resposta deles (dos outros), espera uma ativa compreensão responsiva. É como se todo o enunciado se construísse ao encontro dessa resposta” (BAKHTIN, 2011, p. 301).

As concepções, convicções, preconceitos, empatias, simpatias e antipatias percebidos pelo enunciador em relação a seu ouvinte também determinam a compreensão ativa responsiva do enunciado pelo ouvinte. Antecipar a resposta do enunciado igualmente

¹⁴ Cf. item 1.1, p. 22.

determina a escolha do gênero e dos procedimentos composicionais do enunciado, além dos meios linguísticos e do estilo. Gênero e estilo, acresce Bakhtin, são impossíveis de ser determinados sem que se leve em conta a relação do falante com o outro e com os enunciados do outro no tempo presente ou no futuro.

Assim, o direcionamento do enunciado para o ouvinte é sua condição de existência. As diversas formas típicas do endereçamento, junto às antecipações típicas do destinatário somam-se à constituição e determinação dos vários gêneros do discurso.

Findo o comentário sobre o caráter social da enunciação, na visão de Bakhtin, passo a tratar da ideologia, conceito fundamental no pensamento de Bakhtin e de seu Círculo, mais amplamente abordado na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*.

2.3 Ideologia e linguagem

Como foi visto até aqui, a enunciação é de caráter social e a palavra veicula ideologia. Nesse sentido, o ideológico é sógnico, ou seja, não existe fora da materialidade objetiva da consciência. Daí a importância da compreensão da ideologia de perspectiva bakhtiniana para o exame das imagens do Brasil no discurso de B. Obama. Essas possíveis imagens são desenhadas por forças ideológicas que constituem e atravessam o discurso obamaniano porque, para Bakhtin/Volochínov (2010), as mudanças sociais são inscritas nas palavras, em acentos apreciativos, nos valores e comportamentos ético-cognitivos.

Faraco (2009), ao tratar da dimensão axiológico-social da significação, salienta que, para o Círculo, os enunciados possuem uma dimensão avaliativa que sempre revela um posicionamento social valorativo:

[...] qualquer enunciado é, na concepção do Círculo, *sempre ideológico* - para eles não existe enunciado não-ideológico. E ideológico em dois sentidos: qualquer enunciado se dá na esfera de uma das ideologias (i.e., no interior de uma das áreas da atividade intelectual humana) e expressa sempre uma posição avaliativa (i.e., não há enunciado neutro; a própria retórica da neutralidade é também uma posição axiológica) (p. 47, grifo do autor).

Nesse sentido, ideologia e exotopia versam, de certa maneira, sobre o mesmo aspecto, o da valoração sógnica. Quando Ponzio (2012), ao falar sobre o signo bakhtiniano, esclarece que o signo organiza e representa a realidade, tanto sógnica quanto não sógnica, “a

partir de um determinado ponto de vista valorativo, segundo determinada posição, por meio de um contexto situacional dado, por determinados parâmetros de valoração, determinado plano de ação e uma determinada perspectiva na práxis (p. 109)”, demonstra, ao mesmo tempo, como pode ocorrer o funcionamento do movimento do nosso olhar, na enunciação, em relação aos objetos que nos circundam.

Bakhtin (2011) assegura que nenhum objeto do discurso do falante é objeto do discurso pela primeira vez num enunciado qualquer, assim como o falante não é o primeiro a falar sobre um dado objeto. O objeto sempre reúne pontos de vista díspares, visões de mundo convergentes e divergentes. Afinal, “o falante não é um Adão bíblico, só relacionado com objetos virgens ainda não nomeados, aos quais dá nome pela primeira vez” (p. 299), e também não existe a “pretensão primordial, a fonte de todas as falas” (MAGALHÃES JÚNIOR, 2010, p. 24).

Como, de acordo com o que já foi dito, todo enunciado está voltado para um objeto e é sempre uma resposta a outros enunciados, o discurso se torna espaço de confronto entre ideologias, opiniões, entre olhares, e também entre excedentes de visão. Assim é que o diálogo somente se concebe entre um eu e o seu diferente, o outro. Tal estranhamento é de suma importância para a exotopia, a qual não existe sem que o excedente de visão do eu seja surpreendido pela sua distância em relação a algo. No entanto, salienta Magalhães Júnior (*op. cit.*) “o outro precisa apresentar-se como algo diferente, sem ser incognoscível; semelhante, sem ser um clone” (p. 29).

Até este ponto da pesquisa, nota-se o quanto a ideologia é um conceito caro ao pensamento de Bakhtin e o Círculo e, conseqüentemente, para o objetivo deste trabalho, o de perceber como a exotopia, a alteridade e a entonação ajudam a entender como são construídas imagens do Brasil no pronunciamento de B. Obama. Segundo Miotello (2010), a ideologia na ótica bakhtiniana foi elaborada sob uma perspectiva marxista, com um aprofundamento de temas tratados com superficialidade por Marx e Engels, como o do surgimento da ideologia a partir da divisão social do trabalho em trabalho manual e trabalho intelectual.

Para o autor, a crítica do Círculo de Bakhtin aos teóricos marxistas incidia sobre a percepção do marxismo de que os acontecimentos das estruturas socioeconômicas repercutiam nas superestruturas ideológicas. A crítica também recaía sobre a tese defendida por linguistas, sociólogos, psicólogos, e mesmo marxistas, que atrelavam a questão da ideologia ora à consciência, ora ao mundo da natureza, ao mundo transcendental.

O trabalho do Círculo era, pois, de acordo com Miotello (*op. cit.*), apresentar uma outra visão de ideologia, que fugisse tanto da concepção do objetivismo abstrato – que via a ideologia como ideia fixa à cabeça humana – como da concepção do subjetivismo idealista – que entendia a ideologia como ideia pronta, interior, sendo possível somente confrontá-la. Como contraponto a esses dois posicionamentos, fora da interação, encerrada na cabeça do indivíduo, a ideologia degenera e morre, pois ela é, na esteira do pensamento bakhtiniano, um acontecimento vivo, dinâmico e dialógico (p. 168).

A maneira pela qual Bakhtin e o Círculo observaram o fenômeno da ideologia foi estudá-lo na perspectiva da linguagem, por meio do método marxista. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin/Volochínov (2010) afirmam que “a filosofia marxista da linguagem deve colocar como base de sua doutrina a enunciação, como realidade da língua e como estrutura socioideológica” (p.16).

Afirmar o caráter social da enunciação é dizer que a fala é ideológica, que existe no interior de um contexto social, no qual, vale repetir, há sempre um locutor que pensa e se dirige a um interlocutor socialmente definido, com seu excedente de visão ajustado à distância em relação aos objetos e às pessoas que participam da comunicação. A ideologia, segundo esse pensamento, remete a algo que está fora dela mesma. É um signo, cujo significado aponta para o seu exterior.

Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é, se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.) O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. *Tudo que é ideológico possui um valor semiótico* (p. 33, grifo do autor).

O fenômeno ideológico por excelência é a palavra, signo material, verbal, social, puro, porque transita como signo ideológico em qualquer esfera, sem comportar nada que não esteja ligado a sua função de signo (p. 36). A essa propriedade de pureza semiótica, atrela-se a de neutralidade. A palavra é neutra porque não está restrita a uma função ideológica específica, podendo exercer qualquer função a depender da forma como aparece num enunciado concreto (STELLA, 2005, p. 179).

A palavra possui ainda a característica de interiorização. “A palavra constitui o único meio de contato entre o conteúdo interior do sujeito (a consciência) constituído por

palavras, e o mundo exterior construído por palavras” (Idem). Assim é que a palavra se torna o primeiro meio da consciência individual, o material semiótico da vida interior, da consciência.

Freitas (1999) explica que, em função dessa natureza semiótica, o signo é internalizado pelos indivíduos sem perder o vínculo com o exterior. Daí dizer que o signo possui dois momentos, um externo ao indivíduo e outro interno, justificado pelo caráter semiótico. Esse princípio de reversibilidade é o que proporciona a internalização e o que ilustra o movimento do signo. O autor nomeia esse movimento de “objetividade-subjetividade-objetividade”. “É graças ao caráter de reversibilidade do signo verbal ideológico, das palavras, que ao exercerem a função de signos verbais, medeiam o processo de tomada de consciência e do posicionamento ideológico do sujeito” (p. 7).

Ainda em sua pesquisa, Freitas (*op. cit.*) comenta o estudo de Vygotsky sobre a formação do pensamento e da palavra. Para este, a característica essencial da palavra é que ela reflete generalizadamente a realidade, desempenhando papel fundamental no desenvolvimento do pensamento e da evolução histórica da consciência. Daí dizer que “uma palavra é um microcosmo da consciência humana” (VYGOTSKY, 1993 *apud* FREITAS, 1999, p. 8).

A relação entre pensamento e palavra é um processo; o pensamento nasce através das palavras. Uma palavra desprovida de pensamento é uma coisa morta e um pensamento não expresso por palavras permanece uma sombra. A relação entre eles não é, no entanto, algo já formado e constante; surge ao longo do desenvolvimento e também se modifica (Idem, *Ibidem*).

Tem-se, destarte, segundo Bakhtin/Volochínov (*op. cit.*), que a compreensão não se manifesta senão por meio de material semiótico, os signos, as palavras. E que a própria consciência não surge nem se afirma como realidade sem a materialização em signos. Portanto, compreender é a resposta de um signo a outro signo, processo que configura uma cadeia ideológica. Esta, por sua vez, se dá no contato entre consciências individuais. Ou seja, na interação social, lugar no qual, de fato, a consciência se torna consciência.

Conforme Miotello (*op. cit.*), a construção do conceito de ideologia pelo Círculo aproveitou a ideia da “falsa consciência”, proposta pelo marxismo oficial – que propalava ser a ideologia um ocultamento da realidade social, uma ausência de percepção das incongruências sociais, exercida por um poder legitimador no sentido de exercer domínio,

oprimir –, para aprofundar a questão e apresentar, ao lado da ideologia dominante, a ideologia do cotidiano.

Colocados, então, estes conjuntos ideológicos antagônicos frente a frente, uma vez que grupos específicos estabelecem sistemas específicos de atribuição de ordem do mundo, Bakhtin e seu círculo puderam estabelecer, bem a seu gosto, uma relação dialética se dando entre ambos, na concretude. De um lado, a ideologia, como estrutura ou conteúdo, relativamente estável; de outro, a ideologia do cotidiano, como acontecimento, relativamente instável; e ambas formando o contexto ideológico completo e único, em relação recíproca, sem perder de vista o processo global de produção e reprodução social (p. 169).

Mesmo tendo diferenciado dois conjuntos ideológicos, Miotelo explica que somente um representante do Círculo chegou a formatar uma definição para ideologia. Volochínov afirma que “por ideologia entendemos todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio de palavras [...] ou outras formas sógnicas” (apud MIOTELO, 2010, p. 169).

Organizada e regulada pelas relações histórico-materiais dos homens, a ideologia para o Círculo de Bakhtin, lida com a questão da subjetividade e da constituição dos signos. Não vista somente como falsa consciência ou expressão de uma ideia, a ideologia traduz uma tomada de posição determinada em meio a ideias relativamente instáveis e aquelas relativamente estáveis.

Para melhor entendimento da diferenciação entre os dois conjuntos ideológicos distinguidos pela ideologia do pensamento bakhtiniano – ideologia do cotidiano e ideologia formal/dominante, veem-se cada um desses pontos nos subitens que se seguem.

2.3.1 Ideologia do cotidiano

Segundo Bakhtin/Volochínov (2010), a consciência, ao sair da imersão do discurso interior, na mente do ser consciente – momento em que a consciência já é fato social e não somente individual, esclarecem –, atravessa o processo de objetivação social. Por meio dele, a consciência entra em contato com os sistemas da ciência, da moral, do direito, da arte e adquire vitalidade para atuar nas bases econômicas da sociedade (p. 122).

Os autores chamam a atenção para o retorno da expressão sobre a atividade mental na materialização da consciência. Nessa ação reversiva, o mundo interior se conforma às possibilidades da expressão do ser, assim como a seus possíveis caminhos e direcionamentos. Essa totalidade da atividade mental situada na vida cotidiana difere dos sistemas ideológicos constituídos – arte, moral, direito – e corresponde à *ideologia do cotidiano*: “A ideologia do cotidiano constitui o domínio da palavra interior e exterior desordenada e não fixada num sistema, que acompanha cada um dos nossos atos ou gestos e cada um dos nossos estados de consciência” (p. 123).

Quando B. Obama concorda com o cantor Jorge Ben Jor e reforça que o Brasil é “um país tropical abençoado por Deus e bonito por natureza”, flutua da esfera da ideologia hegemônica, sendo ele porta-voz da ideologia oficial estadunidense, como representante maior do governo dos Estados Unidos, e adentra a ideologia do cotidiano, ao falar como o cidadão estadunidense, que conhece a cultura popular deste país:

And my mother is gone now, but she would have never imagined that her son's first trip to Brazil would be as President of the United States. She would have never imagined that. And I never imagined that this country would be even more beautiful than it was in the movie. You are, as Jorge Ben-Jor sang, 'A tropical country, blessed by God, and beautiful by nature' (OBAMA, 2011) [E minha mãe já se foi, mas ela nunca teria imaginado que a primeira viagem de seu filho ao Brasil seria como presidente dos Estados Unidos. Ela nunca teria imaginado isso. E eu nunca imaginei que este país seria ainda mais bonito do que era no filme. Vocês são, como Jorge Ben Jor cantou, 'Um país tropical, abençoado por Deus, e bonito por natureza'].

Bakhtin/Volochínov asseveram que os sistemas ideológicos dão o tom da ideologia do cotidiano, a partir da qual se cristalizam, exercendo-lhe, em retorno, acentuada influência. Fora da ideologia do cotidiano, tais sistemas definham, porque a ela se conectam organicamente. A morte do sistema ideológico é comparada à morte da obra literária, quando não submetida a uma avaliação crítica:

Ora, essa avaliação crítica, que é a única razão de ser de toda produção ideológica, opera-se na língua da ideologia do cotidiano. Esta coloca a obra numa situação social determinada. A obra estabelece assim vínculos com o conteúdo total da consciência dos indivíduos receptores e só é apreendida no contexto dessa consciência que lhe é contemporânea. A obra é interpretada no espírito desse conteúdo da consciência (dos indivíduos receptores) e recebe dela uma nova luz. É nisso que reside a vida da obra ideológica (Idem).

Quando criada, a obra se vincula à ideologia do cotidiano pertinente ao respectivo momento histórico. Daí sua condição de existência em determinada época e no meio de

determinado grupo social (p. 124). Vários níveis são aí distinguidos para que se possa medir a atividade mental, determinada pela escala social, e as forças sociais que orientam tais níveis. Quando dotada de um auditório social especificado, a atividade mental se diferencia e toma forma acabada, pois as orientações sociais, em contato com os níveis superiores da ideologia do cotidiano, passam a deter caráter responsável e criativo, repercutindo, mais celeremente, as mudanças na infraestrutura socioeconômica (p. 125).

Miotello (2010) acrescenta que, ao tomar a comunicação na vida cotidiana como ponto de partida para a concepção de ideologia, Bakhtin e o Círculo vinculam diretamente a ideologia aos processos de produção material da vida, relacionados à infraestrutura, e as esferas das distintas ideologias fundamentadas na superestrutura, compreendida como sistema de referência de troca de sentidos dentro da sociedade. Dessa forma, ele defende que os teóricos evidenciam os encontros fortuitos, do cotidiano, aparentemente não aptos a desenvolver o pensamento, como material rico para a instalação da ideologia do cotidiano (p. 171).

[...] para Bakhtin o sujeito não se constitui apenas pela ação discursiva, mas todas as atividades humanas, mesmo as mediadas pelo discurso, oferecem um espaço de encontros de constituição da subjetividade, pela constituição de sentidos. Nessa discussão, ainda hoje é possível se defrontar com perspectivas teóricas que encaram a ideologia dominante como face da moeda em que o outro lado é a ideologia dominada, propondo posição subalternizada e desigual de luta. Como se vê é possível uma outra posição (Idem).

Desse modo, Miotello (*op. cit.*) declara que a ideologia no pensamento bakhtiniano se torna uma expressão, organização e regulação das relações humanas históricas e materiais. Tal ponto de vista, atesta Miotello, apresenta uma compreensão diferente da que é desempenhada pela ideologia dominante. Confere-se a discussão desse ponto de vista no próximo subitem.

2.3.2 Ideologia formal / dominante

Bakhtin/Volochínov (*op. cit.*) asseveram que o contato direto entre os níveis superiores da ideologia do cotidiano e os sistemas ideológicos é substancial e de caráter responsável e criativo. Por esse fato, costumam ser mais maleáveis que as ideologias constituídas, sendo capazes de repercutir mais celeremente as mudanças da infraestrutura

socioeconômica, na qual se reúnem as energias criadoras que auxiliam na revisão parcial ou total dos sistemas ideológicos.

Antes que passem à “arena da ideologia oficial constituída” (p. 125), as novas forças sociais são primeiramente expressas nos níveis superiores da ideologia do cotidiano, para depois se submeterem, por meio da infiltração nos sistemas ideológicos estabelecidos –, literatura, imprensa, ciência –, contraindo parcialmente o método das abordagens ideológicas aí acumuladas.

Miotello (*op. cit.*) afirma que a super e a infraestrutura estão em constante relação intermediada pelos signos e pela presença necessária em todas as relações sociais. Nas sociedades compostas por classes sociais desiguais, as ideologias são contraditórias, pois respondem a interesses diversos, conforme ilustra:

Ora podem reproduzir a ordem social e manter como definitivos alguns dos sentidos das coisas (‘Integrantes do MST invadiram uma fazenda em Pernambuco’), e ora podem discutir e subverter as relações sociais de produção das sociedades capitalistas (‘A terra é de quem trabalha’), desde que as mesmas obstaculizem o desenvolvimento das forças produtivas (p. 171).

Em seu pronunciamento, Obama, como presidente dos EUA, sustenta uma ideia forte de igualdade em relação ao Brasil:

[...] *the journeys of the United States of America and Brazil began in similar ways. Our lands are rich with God's creation, home to ancient and indigenous peoples. From overseas, the Americas were discovered by men who sought a New World, and settled by pioneers who pushed westward, across vast frontiers* (OBAMA, 2011). [... as jornadas dos Estados Unidos da América e o Brasil começaram em caminhos iguais. Nossas terras são ricas com a criação de Deus, lar de povos antigos e indígenas. Além do oceano, as Américas foram descobertas por homens que buscavam um Novo Mundo, e se estabeleceram por pioneiros que empurraram para o oeste, através das imensas fronteiras].

Essa relação de igualdade pode ser vista como uma equivalência estabelecida por fatos históricos possivelmente comuns aos dois países, dando a entender que ambos enfrentaram os mesmos problemas e que, de certa forma, como consequência, podem juntos, em parceria, hoje enfrentar outros problemas. Naquele contexto, um possível problema mais imediato seria a contenção do avanço econômico da China no mercado brasileiro.

Neste sentido é que podemos concordar com Miotello (*op. cit.*) que afirma, amparado nas ideias bakhtinianas, não existir neutralidade nos discursos nem das ideias, pois

a mais ínfima mudança social reflete na língua. Essa mudança é percebida nos acentos apreciativos, nas entonações, nos índices de valor dos discursos dos sujeitos. Nesse sentido, as palavras figuram como memória social, podendo uma mesma palavra funcionar em diferentes contextos.

Assim, ele ressalta que as palavras são tecidas por fios ideológicos, contraditórios, constituídos nos campos das relações de conflito social. Isso porque a luta de classes é percebida no interior das palavras, fazendo com que o signo verbal não encerre um único sentido.

Para Bakhtin/Volochínov (2010), a consciência de classes deriva da característica de refração do ser no signo ideológico, determinada pelo confronto de interesses sociais no interior de uma mesma comunidade semiótica, a qual utiliza o mesmo código ideológico de comunicação. Assim é que classes sociais diferentes fazem uso da mesma língua, o que faz com que, em todo signo ideológico, sejam confrontados índices de valor contraditórios.

O signo se torna arena onde se desenvolve a luta de classes. Esta plurivalência social do signo ideológico é um traço da maior importância. Na verdade, é este entrecruzamento dos índices de valor que torna o signo vivo e móvel, capaz de evoluir. O signo, se subtraído às tensões da luta social, se posto à margem da luta de classes, irá falivelmente debilitar-se, degenerará em alegoria, tornar-se-á em objeto de estudo dos filólogos e não será mais um instrumento racional vivo para a sociedade (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 47-48).

Os autores ressaltam que o que faz do signo dinâmico e vivo também o torna instrumento de deformação e refração do ser. Isso porque, explicam, a tendência da classe dominante é dar ao signo caráter acima da diferença de classes, de intangibilidade, para esconder os índices sociais de valor que compõem o signo. O objetivo é tornar o signo monovalente.

Na realidade, todo signo ideológico vivo tem, como Jano, duas faces. Toda crítica viva pode tornar-se elogio, toda verdade viva não pode deixar de aparecer para alguns a maior das mentiras. Esta *dialética interna* do signo não se revela inteiramente a não ser nas épocas de crise social e de comoção revolucionária. Nas condições habituais da vida social, esta contradição oculta em todo signo ideológico não se mostra à descoberta porque, na ideologia dominante estabelecida, o signo ideológico é sempre um pouco reacionário e tenta, por assim dizer, estabilizar o estágio anterior da corrente dialética da evolução social e valorizar a verdade de ontem como sendo válida hoje em dia. *Donde o caráter refratário e deformador do signo ideológico nos limites da ideologia dominante.* (Idem, p. 48, grifo meu).

Tendo sido vistos alguns dos principais conceitos do pensamento de Bakhtin e de seu Círculo acerca da ideologia na linguagem, comento, no item, a seguir sobre a relação entre ideologia e cultura na própria obra bakhtiniana, como importante abordagem para a execução do objetivo desta pesquisa.

2.3.3 Ideologia, linguagem e cultura

Lembrando que existem, na arquitetura do pensamento de Bakhtin e do Círculo, duas esferas da criação ideológica em permanente interdependência – a ideologia do cotidiano e os sistemas ideológicos constituídos, estando a primeira instância relacionada às práticas socioideológicas da vida cotidiana e a segunda, às práticas socioideológicas culturalmente mais elaboradas, a ciência, o direito, a religião, a moral, as artes (FARACO, 2009) –, é importante observar como a dialética ideológica é percebida no âmbito cultural. Isto porque o conceito de cultura, na visão bakhtiniana, como será visto adiante, é um dos aspectos que ajudam a entender o funcionamento da exotopia¹⁵ do presidente B. Obama em relação ao Brasil, quando da análise de seu pronunciamento no Rio de Janeiro em 2011.

É pertinente, pois, compreender a relação entre cultura e ideologia a partir do conceito de circularidade cultural, o qual, em Bakhtin, conforme Fressato (2009), diz respeito à interação recíproca entre os elementos da cultura popular e os da cultura hegemônica, por meio da qual se observa a dialética ideológica formal/dominante. O conceito de circularidade, segundo ela,

permite problematizar a influência recíproca entre as manifestações populares e as hegemônicas, perceber a imprecisão de suas fronteiras, sugerindo, assim, um fluxo regular de permeabilidade entre elas. Permite abordar a cultura de uma perspectiva social, privilegiando sua dimensão de complexidade e de diversidade de valores e sentidos (p. 12).

A autora destaca que o princípio da circularidade revela, assim, a separação entre signos e padrões, ou seja,

a existência de uma intensa relação cultural de permuta contínua e permanente. A cultura transita em vários sentidos, estabelecendo incessantes interações, determinadas por realidades históricas específicas. Ela não é ‘pura’ e secularizada, estando em transformação ao mesmo tempo em que permanece em espaços e tempos definidos (Idem).

¹⁵ Cf. o item 2.2.2 Exotopia, cultura e nação, no segundo capítulo desta pesquisa.

Para melhor compreensão desse fenômeno na análise do meu *corpus*, relembro o exemplo descrito no item 1.3.1 deste capítulo, quando da citação do trecho da música de Jorge Ben Jor por B. Obama. Assim como nesse trecho, também em outros, percebe-se a flutuação entre cultura oficial e popular como reflexo da dialética ideológica dominante *versus* cotidiana:

Since the moment we arrived, the people of this nation have graciously shown my family the warmth and generosity of the Brazilian spirit. Obrigado. Thank you. And I want to give a special thanks to all of you for being here, because I've been told that there's a Vasco football game coming. Botafogo – So I know that – I realize Brazilians don't give up their soccer very easily. [Desde o momento em que chegamos, o povo desta nação tem gentilmente mostrado à minha família o calor e a generosidade do espírito brasileiro. 'Obrigado'. Obrigado. Quero agradecer a todos por estarem aqui, pois me disseram que haverá um jogo do 'Vasco', 'Botafogo'. Então eu sei que – eu percebo que os brasileiros não abrem mão de seu futebol tão facilmente].

Quem reconhece o espírito torcedor do povo brasileiro é a instância máxima de representatividade do governo dos EUA, o presidente. Também o é o cidadão estadunidense que acompanha a repercussão do futebol brasileiro ao redor do mundo. Assim é que Obama valoriza exotopicamente a imagem do Brasil como “país do futebol” e, dessa forma, inicia seu pronunciamento no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. A estratégia causa comoção na plateia, que reage empaticamente¹⁶ à fala de um presidente que começa a tear uma relação de proximidade com seus ouvintes, mantida no decorrer de sua enunciação, como apresento na análise do *corpus* no último capítulo desta pesquisa.

Voltando a tratar da circularidade cultural, as ideias em torno desse fenômeno estão presentes na obra *Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (doravante CPIMR). Nela, Bakhtin demonstra como a cultura milenar cômica popular é representada pela literatura de François Rabelais, mais especificamente sob a análise de quatro livros, pertencentes à obra *Garganta e Pantagruel*, publicadas durante o Renascimento, em 1533.

Na introdução de CPIMR, Bakhtin (1996) apresenta o problema da cultura cômica popular na Idade Média e no Renascimento: o desconhecimento e a incompreensão do caráter

¹⁶ A empatia, como será visto no segundo capítulo desta pesquisa, é um aspecto extremamente importante para a compreensão da exotopia no *corpus* aqui pretendido. Por meio do olhar exotópico, empático, são desenhadas as imagens do Brasil no pronunciamento de B. Obama. Na análise deste *corpus*, mostro como tais imagens – e quais imagens – obedecem a uma formação de imagens de si, próprias da cena enunciativa advinda do *ethos* político que vai sendo construído pelo presidente em sua enunciação.

popular e do folclore da época pré-romântica, da cultura de praça pública, das manifestações do humor popular, retratados no romance de Rabelais. Dessa forma, o autor compreende a crítica à manifestação literária rabelaisiana como expressão de resistência a uma obra fora dos padrões impostos pela literatura oficial.

O mundo infinito das formas e manifestações do riso opunha-se à cultura oficial, ao tom sério, religioso e feudal da época. Dentro da sua diversidade, essas formas e manifestações – as festas públicas carnavalescas, os ritos e cultos cômicos especiais, os bufões e tolos, gigantes, anões e monstros, palhaços de diversos estilos e categorias, a literatura paródica, vasta e multiforme, etc. – possuem uma unidade de estilo e constituem partes e parcelas da cultura cômica popular, principalmente da cultura carnavalesca, una e indivisível (p. 3-4).

O objetivo de seu trabalho, porém, não é, propriamente, retratar a cultura cômica popular, ainda que, por meio da obra de François Rabelais, seja possível compreender aspectos dessa cultura. Para tanto, Bakhtin transporta-se para o que ele toma como “a enciclopédia da cultura popular”, cuja representação mais central é o carnaval. Segundo Bernardi (2012), a intenção de Bakhtin é mostrar o carnaval não como espetáculo, mas como cosmovisão popular apta a transformações socioculturais.

[...] durante o carnaval é a própria vida que representa e interpreta (sem cenário, sem palco, sem atores, sem espectadores ou seja, sem os atributos específicos de todo espetáculo teatral) uma outra forma livre da sua realização, isto é, o seu próprio renascimento e renovação sobre melhores princípios. Aqui a forma efetiva da vida é ao mesmo tempo sua forma ideal ressuscitada. [...] durante o carnaval é a própria vida que representa, e por um certo tempo o jogo se transforma em vida real. Essa é a natureza específica do carnaval, seu modo particular de existência. O carnaval é a segunda vida do povo, baseada no princípio do riso. É a sua vida festiva. A festa e a propriedade fundamental de todas as formas de ritos e espetáculos cômicos da Idade Média (BAKHTIN, 1996, p. 7).

Em seu exame das formas medievais da cultura popular, o autor reitera que o riso medieval não faz parte dos cultos religiosos, das cerimônias feudais, estatais, em suma, dos gêneros da ideologia elevada, dominante. A característica da cultura oficial da Idade Média é o tom sério, calcado no conteúdo dessa ideologia:

[...] ascetismo, crença numa sinistra providência, papel dominante desempenhado por categorias como o pecado, a redenção, o sofrimento, e o próprio caráter do regime feudal consagrado por essa ideologia: suas formas de opressão e de extrema intimidação determinaram esse tom exclusivo, essa seriedade congelada e pétrea. O tom sério afirmou-se como a única forma que permitia expressar a verdade, o bem, e de maneira geral tudo que era importante, considerável. O medo, a veneração, a docilidade, etc., constituíam por sua vez os tons e matizes dessa seriedade (p. 63).

No entanto, revela Bakhtin, a cultura popular do riso na Idade Média existe extraoficialmente e, em virtude disso, destaca-se pela clareza e, ao mesmo tempo, pelo radicalismo e liberdade excepcional. Ao ser jogado para fora dos domínios oficiais da vida e das ideias, o riso medieval conquista privilégios de impunidade e de licença além desses limites – nas praças públicas, na literatura recreativa e durante as festas (p. 62).

Um dos aspectos da cultura cômica medieval, observável em abundância na obra rabelaisiana, é o realismo grotesco. Vale registrar que, ainda que, na minha pesquisa, eu não observe, propriamente, elementos do realismo grotesco em meu objeto de análise – o discurso político¹⁷ –, entendo ser importante apresentar as características do fenômeno para a compreensão, mais à frente, de como as possíveis formas da circularidade cultural refletem a dialética ideológica oficial/não oficial, percebendo-se os sentidos advindos dessa correlação por meio do funcionamento da categoria entonação no enunciado obamaniano. Essa percepção, evidentemente, transpõe-se do plano literário, objeto de análise de Bakhtin, para o âmbito do discurso político.

Segundo Bakhtin (*op. cit.*), o realismo grotesco é uma estética relacionada às imagens exageradas e hipertrofiadas do corpo e seus universos semânticos: nascimento, morte, bebida, comida, cópula (BERNARDI, *op. cit.*, p. 79). Bernadi (Idem) explica que, em linhas gerais, se realiza, no plano do realismo grotesco, o fenômeno do rebaixamento, ou seja, a inversão dos valores espirituais aos valores materiais.

O próprio Bakhtin afirma que, em muitas ocasiões, definições errôneas foram direcionadas ao fenômeno do realismo grotesco. “Por isso não se compreendeu a concepção cômica do mundo, única e profundamente original, que está por trás da diversidade e heterogeneidade desses fenômenos que apenas representam o seu aspecto fragmentário” (p. 16).

Para o autor, as imagens do princípio material e corporal, retratadas em Rabelais, assim como em outros autores renascentistas, herdaram a cultura cômica cultural popular, concebida esteticamente na vida cotidiana, destoando-a das culturas posteriores.

No realismo grotesco (isto é, no sistema de imagens da cultura cômica popular), o princípio material e corporal aparece sob a forma universal,

¹⁷ O comentário acerca das características dessa modalidade de discurso se encontra no terceiro capítulo deste trabalho, no item 3.1.

festiva e utópica. O cósmico, o social e o corporal estão ligados indissolúvelmente numa totalidade viva e indivisível. É um conjunto alegre e benfazejo. No realismo grotesco, o elemento material e corporal é um princípio profundamente positivo, que nem aparece sob uma forma egoísta, nem separado dos demais aspectos da vida. O princípio material e corporal é percebido como universal e popular, e como tal opõe-se a toda separação das raízes materiais e corporais do mundo, a todo isolamento e confinamento em si mesmo, a todo caráter ideal abstrato, a toda pretensão de significação destacada e independente da terra e do corpo. O corpo e a vida corporal adquirem simultaneamente um caráter cósmico e universal; não se trata do corpo e da fisiologia no sentido restrito e determinado que tem em nossa época; ainda não estão completamente singularizados nem separados do resto do mundo (p. 17).

O teórico assinala que o povo, na sua constante renovação e evolução, é porta-voz do princípio material e corporal. Por isso, as principais imagens desse princípio, atribuídas não a um ser único, mas a um corpo coletivamente, são a fertilidade, a superabundância, o crescimento, determinadas por seu caráter festivo, alegre e extra-cotidiano.

O riso popular, ligado ao baixo corporal e material, é a materialização de uma forma de cultura avessa às formas “nobres” da literatura da arte medieval. O riso, nesse contexto, desmoraliza, corporifica, como exemplifica o autor,

É o caso [...] da *Coena Cypriani* (A Ceia de Ciprião) [...] e de várias outras paródias latinas da Idade Média cujos autores em grande parte extraíram da Bíblia, dos Evangelhos e de outros textos sagrados todos os detalhes materiais e corporais degradantes e terra-a-terra. Em certos diálogos cômicos muito populares na Idade Média como, por exemplo, os que mantêm Salomão e Marcul, há um contraponto entre as máximas salomônicas, expressas em um tom grave e elevado, e as máximas jocosas e pedestres do bufão Marcul, que se referem todas premeditadamente ao mundo material (bebida, comida, digestão, vida sexual). É preciso esclarecer, também, que um dos procedimentos típicos da comicidade medieval consistia em transferir as cerimônias e ritos elevados ao plano material e corporal; assim faziam os bufões durante os torneios, as cerimônias de iniciação dos cavaleiros e em outras ocasiões solenes. Numerosas degradações da ideologia e do cerimonial cavaleiresco que aparecem no *Dom Quixote*, são inspiradas pela tradição do realismo grotesco (p. 17-18).

O rebaixamento, como traço marcante do realismo grotesco, conforme Bakhtin, possui sentido topográfico. No seu aspecto cósmico, o plano espiritual (abstrato, ideal) – representa o céu e o plano material, a terra – regida pelo princípio da absorção (ventre) e da ressurreição (seio materno). No aspecto corporal, nunca distante do aspecto cósmico, a cabeça, o rosto representam o alto e os órgãos genitais simbolizam o baixo.

E é a vida dupla, intensa e contraditória dessas **imagens** que constitui a sua força e o seu realismo histórico superior. Isso constitui o drama original do

princípio material e corporal na literatura do Renascimento: o corpo e as coisas são subtraídos à unidade da terra geradora e separados do corpo universal, que cresce e se renova sem cessar, aos quais estavam unidos na cultura popular (p. 21, grifo meu).

Bakhtin ressalta que no, realismo renascentista, se entrecruzam duas correntes de pensamento opostas. Uma gira em torno da cultura cômica popular e a outra dá conta do modo de existência burguês, o qual o autor define como “preestabelecido e fragmentário” (Idem). “O princípio material em crescimento, inesgotável, indestrutível, superabundante, princípio eternamente ridente, destronador e renovador, associa-se contraditoriamente ao ‘princípio material’ abastardado e rotineiro que preside a vida da sociedade de classes” (Idem), o que corrobora o princípio da circularidade cultural respaldado na dialética ideológica formal/cotidiana.

Nesse contexto renascentista, conforme explica Bakhtin (*op. cit.*), o riso distancia-se das manifestações populares para adentrar o universo da grande literatura e da ideologia “superior”. Essa migração torna possível a publicação de obras como o *Decameron*, de Boccaccio, o próprio romance de Rabelais, também de Cervantes e Shakespeare (Idem). Com isso, aponta o autor, as fronteiras entre as ideologias da literatura oficial e não oficial tornam-se tênues, na medida em que a literatura tende a adotar as línguas vulgares em detrimento das línguas latinas (Idem).

O autor pontua que o desaparecimento dessas fronteiras, junto a outros fatores resultantes do desaparecimento do regime feudal e tecnocrático medieval, contribuiu para a mescla da ideologia oficial/não oficial, ou seja, para a circularidade cultural.

A cultura cômica popular que, durante séculos, formara-se e defendera sua vida nas formas não-oficiais da criação popular – espetaculares e verbais – e na vida corrente não-oficial, içou-se aos cimos da literatura e da ideologia a fim de fecundá-las e, em seguida, à medida que se estabilizava o absolutismo e se instaurava um novo regime oficial, tornou a descer aos lugares inferiores da hierarquia dos gêneros, decantando-se, separando-se em grande parte das raízes populares, restringindo-se e, finalmente, degenerando. Mil anos de riso popular extraoficial foram assim incorporados na literatura do Renascimento. Esse riso milenar não só a fecundou, mas foi por sua vez por ela fecundado. Ele se aliava às ideias mais avançadas da época, ao saber humanista, à alta técnica literária. Na pessoa de Rabelais, a palavra e a máscara¹⁸ do bufão medieval, as formas dos folguedos populares carnavalescos, a ousadia do clero de ideias democráticas, que transformava e

¹⁸ Na sua análise do romance medieval, Bakhtin cita o termo máscara em diversos momentos da sua pesquisa. Segundo Gonçalves (2006), o termo máscara se avizinha ao conceito de *ethos*, o qual, como comento ao longo do segundo capítulo, mantém estreita ligação com as categorias bakhtinianas alteridade, exotopia e, mais proximamente, com a categoria entonação.

parodiava absolutamente todas as palavras e gestos dos saltimbancos de feira, tudo isso se associou ao saber humanista, a ciência e a prática médica, a experiência política e aos conhecimentos de um homem que [...] conhecia intimamente todos os problemas e segredos da alta política internacional do seu tempo (p. 62-63).

Dessa forma, Fressato (*op. cit.*) destaca ser clara a mensagem deixada por Bakhtin em sua reflexão sobre a situação da cultura popular no contexto da produção de CPMIR, a União Soviética stalinista¹⁹: “por mais eficiente e homogeneizante que seja a cultura dominante, sempre existe espaço para o deboche, para a rebeldia e para o protesto, enfim para a cultura popular” (FRESSATO, 2009, p. 14).

Bakhtin insiste na dimensão cômica da cultura popular medieval, aspecto pouco explorado pelos pesquisadores, contrapondo-a a seriedade da cultura oficial. Essa escolha não foi feita por acaso. Além de refletir muito mais sobre o contexto em que vivia, do que sobre o período medieval, Bakhtin transforma a comicidade e a seriedade em categorias de análise para afirmar a existência da cultura popular e da cultura hegemônica. Porém, apesar de possuírem fronteiras, elas são imprecisas, ocorrendo uma relação constante e conflituosa entre elas. Nesse sentido, podemos afirmar que Bakhtin reinventa a cultura popular da Idade Média, para melhor refletir sobre a cultura popular de diversos contextos, notadamente o da União Soviética stalinista (Idem, p. 14-15).

Tendo sido vistos alguns dos principais aspectos da concepção bakhtiniana de cultura e a importância dessa discussão para o objetivo aqui proposto, passo a tratar das categorias de análise do *corpus* no segundo capítulo desta pesquisa.

¹⁹ A obra CPMIR, apesar de ter sido escrita em 1940 e apresentada como tese em 1951 por Bakhtin, não foi aprovada pela banca examinadora. Na União Soviética, era o período do governo de Stálin, quem controlava os meios de comunicação e qualquer manifestação, as quais somente poderiam ocorrer com autorização do Estado (FRESSATO, 2009, p. 14).

3. Os sentidos na relação eu *versus* o outro no pensamento bakhtiniano

Eu não experiencio o homem a quem digo Tu. Eu entro em relação com ele no santuário da palavra-princípio. Somente quando saio daí posso experienciá-lo novamente. A experiência é distanciamento do Tu.
Martin Buber

Depois de ter-se discorrido, no primeiro capítulo, sobre a perspectiva sociocultural da linguagem na teoria bakhtiniana, destacando alguns dos conceitos-chave, como linguagem, dialogismo, enunciação, discurso, ideologia, teço comentários, neste capítulo, acerca das três categorias de análise da pesquisa – alteridade, exotopia e entonação – fazendo ponte a outros temas a elas relacionados, dividindo a discussão em três itens. O primeiro dedica-se à alteridade, a relação eu-outro, que constitui importante aspecto na concepção bakhtiniana de linguagem, a qual, nesta pesquisa, assume relevância, principalmente, por ser a relação eu-outro pré-condição para o funcionamento da categoria exotopia na enunciação do presidente B. Obama. Mediante este expediente, embaso-me na discussão do primeiro item em Bakhtin/Volochínov (2010), Bakhtin (2011), e também nas contribuições de Ponzio (2012) e Magalhães (2010), cujas leituras ampliam o entendimento e aplicação dos conceitos de Bakhtin e do Círculo.

No segundo item, apresento a macro-categoria de análise, a exotopia, que constitui o excedente de visão do autor em relação à personagem, ou em relação ao observador e aquilo a que se observa, considerando os principais pontos de confluência entre as características da categoria na teoria bakhtiniana e o objetivo geral desta pesquisa, o de entender quais imagens são formadas do Brasil no pronunciamento de Obama. O referido item está dividido em duas partes. A primeira corresponde ao debate em torno de três aspectos relativos à exotopia – estética, ética e cognição – e a segunda amplia a discussão sobre outro importante aspecto, o cultural, dialogando exotopia e teoria da nação, pois a relação eu-outro correspondente à enunciação aqui analisada se apresenta como uma relação entre nações. Com esse fim, me apoio em Bakhtin (2011), e na releitura do conceito de exotopia presente em Ponzio (2012) e Tezza (2005). Para relacionar o conceito de exotopia ao de nação, fundamento-me em Anderson (2008), o qual, em seu estudo da nação como comunidade imaginada, afirma que a condição de nação (*nation-ness*) possui o maior grau de legitimidade universal na vida política moderna – fundamentando-se na necessidade de tornar antigo o novo, de transmutar o presente em passado –, e em Bauer (2000), o qual defende que a

consciência nacional se constitui no reconhecimento do estrangeiro enquanto tal, numa acepção semelhante à de Bakhtin quanto ao excedente de visão gerado pela distância que significa e dá acabamento a uma cultura.

O terceiro item descreve a última categoria de análise, a entonação, que representa a modalidade apreciativa dos enunciados, por meio da qual são reveladas as ideologias que acompanham os signos. Ao lado da exotopia e da alteridade, a entonação ajuda a perceber quais imagens são formadas por B. Obama em seu pronunciamento. Assim, divido esse item em quatro subitens – tema e significação, acento apreciativo, compreensão responsiva e imagens discursivas. Neste último subitem, aproximo o conceito de entonação ao de *ethos*, com vistas ao entendimento de como, a partir das imagens que B. Obama faz de si, este projeta imagens do Brasil em sua enunciação. Respaldam a discussão desse item os autores Bakhtin/Volochínov (2010), Bakhtin (2010b), além dos intérpretes da arquitetura conceitual do pensamento de Bakhtin e do Círculo, Clark/Holquist (2008). A caracterização de *ethos* e das imagens discursivas é feita com base em Maingueneau (1997, 2008a, 2008b, 2011) e em Eggs (2011).

3.1 A relação eu-outro: a alteridade

No primeiro capítulo, viu-se que M. Bakhtin e o Círculo instauram uma concepção de linguagem, de acordo com a qual o homem e o mundo se constituem pela linguagem, na interação gerada pelas relações travadas em sociedade. O princípio da interação traduz que, nas relações sociais, sempre existem um eu que pensa e se direciona a um tu socialmente definido (BAKHTIN, 2011). A relação eu-tu, eu-álter, eu-outro, é, portanto, propriedade da linguagem e está fortemente presente na arquitetura do pensamento bakhtiniano. Dessa forma, não podendo a comunicação humana existir fora da relação eu-outro, a *alteridade* apresenta estreita ligação com a macro-categoria de análise desta pesquisa, a exotopia²⁰. Daí me debruçar, primeiramente, sobre o conceito de alteridade antes de passar à exotopia.

²⁰ A categoria exotopia é percebida, de forma mais geral, no pronunciamento de Barack Obama, como representante do governo dos Estados Unidos, a partir da relação posta entre este e seu diferente, o outro, o Brasil. Tal relação é o que garante o funcionamento da exotopia, a qual, como comento adiante, somente se dá

Para Bakhtin/Volochínov (2010), a *alteridade*, a relação eu-outro, norteia a palavra no diálogo. Nesse sentido, a palavra é resultado da interação, determinada pelo fato de derivar de alguém e por se dirigir a alguém. Por meio da palavra, o ser se define, se expressa, na sua relação com o outro e com a sociedade. Daí os autores afirmarem que a palavra funciona como ponte – apoiada, de um lado, no eu, e do outro lado, no (s) outro (s) –, sendo terreno comum do locutor e do interlocutor.

Quando B. Obama, em seu pronunciamento, se dirige ao “povo brasileiro” faz uso da ponte lançada entre ele mesmo e seus interlocutores, os presentes à plateia e todos os outros interlocutores para além do Theatro Municipal do Rio de Janeiro:

Now, yesterday, I met with your wonderful new President, Dilma Rousseff, and talked about how we can strengthen the partnership between our governments. But today, I want to speak directly to the Brazilian people about how we can strengthen the friendship between our nations. I've come here to share some ideas because I want to speak of the values that we share, the hopes that we have in common, and the difference that we can make together (OBAMA, 2011). [Recentemente, ontem, tive um encontro com sua maravilhosa nova presidente, Dilma Rousseff, e conversamos sobre como podemos fortalecer a parceria entre nossos governos. Mas hoje quero falar diretamente com o **povo brasileiro** sobre como podemos fortalecer a **amizade** entre nossas nações. Vim aqui para **compartilhar** algumas ideias, pois quero falar sobre os **valores** que compartilhamos, as **esperanças** que nós temos em **comum** e a diferença que nós podemos fazer juntos] (grifo meu).

Nessa passagem, o olhar distanciado do presidente dos EUA, B. Obama, a reconhecer seu diferente, o Brasil, não conduz ao desconhecido, a um desconhecimento. A diferença aí percebida se dá, contrariamente, na semelhança, porque há uma identificação de valores delineada na enunciação, percebida pelo uso dos signos “amizade”, “compartilhar”, “valores”, “esperanças”, “comum”. A afirmação de Magalhães (2010), de que o outro necessita colocar-se à frente do seu diferente sem, contudo, apresentar-se como desconhecido, ou seja, um semelhante, não um idêntico, ajuda a perceber essa identificação de valores fomentada na exotopia de B. Obama, a qual, definitivamente, não acontece fora da *alteridade*.

Numa leitura do pensamento bakhtiniano, Ponzio (2012) descreve que a distância irreduzível entre o eu e o outro, que confere o caráter de extralocalidade²¹ à exotopia, garante

no estranhamento ocasionado pela distância e pelo reconhecimento da diferença entre o observador e aquilo que se observa.

²¹ A extralocalidade é uma das denominações pelas quais é conhecida a exotopia, como esclarecido na introdução desta pesquisa.

uma *alteridade* efetiva, como é demonstrado no romance polifônico de Dostoiévski. Nele, segundo Ponzio, Dostoiévski experimenta o limite da exotopia por meio da *alteridade* da escrita literária, determinada dialeticamente pela aproximação – participação – e pelo afastamento, como descreve Bakhtin sobre o discurso da personagem nos romances de Dostoiévski:

Encontrar sua voz e orientá-la entre outras vozes, combiná-las com umas, contrapô-las a outras ou separar a sua voz da outra à qual se funde imperceptivelmente são as tarefas a seres resolvidas pelas personagens no decorrer do romance. É isso o que determina o discurso do herói. Esse discurso deve encontrar a si mesmo, revelar a si mesmo entre outros discursos na mais tensa orientação de reciprocidade com eles. E todos esses discursos costumam ser dados desde o início. No processo de toda a ação interior e exterior do romance eles apenas se distribuem de maneira diferente em relação uns aos outros, entram em diversas combinações, mas permanece inalterável o seu número estabelecido desde o início. Poderíamos dizer que desde o início é dada uma variedade significativa estável de conteúdo invariável, processando-se nela apenas um deslocamento de acentos²² (BAKHTIN, 2010b, p. 277).

Ponzio (*op. cit.*) assinala que, na comunicação humana, o encontro com o outro não é uma relação baseada em respeito ou tolerância, iniciativas que, segundo ele, são próprias do eu. Ele explica que a *alteridade* irreduzível do outro é imposta sobre o eu, sem depender das ações deste último. Dessa forma, o eu se constitui no caminho cujo espaço já é pertencente ao outro, o que pode ser percebido em âmbito linguístico e, também, no âmbito de construção da própria consciência (p. 23). Tal entendimento é percebido num diálogo apresentado por Ponzio entre Bakhtin e Pierce:

[...] Em Bakhtin, a *alteridade* se encontra dentro do sujeito, do eu, que é ele próprio diálogo, relação eu-outro, a tal ponto que o chamado ‘problema do outro eu’ implica, como diria Pierce, a determinados interpretantes. Estes permitem a autoconsciência, mantém uma relação de *alteridade* com os signos que interpretam e se reconhecem como os ‘meus’, aqueles com os quais ‘eu’ tomo consciência de mim mesmo. Não existe nenhum privilégio ontológico nem metafísico da consciência do eu, dado que a consciência é inseparável da linguagem, e a linguagem é sempre alheia. De modo que, antes a que a palavra se converta em ‘própria’ e se identifique com a própria consciência, com as próprias intenções, com o próprio ponto de vista, ela já pertence a outros (PONZIO, 2012, p. 192).

Por isso é que o autor afirma que nosso pensamento, nossos discursos interiores são dialógicos. Num mundo pertencente a outros, o diálogo não é um convite. É uma

²² O termo acento, no pensamento bakhtiniano, remete à categoria entonação, descrita no item 2.3 deste capítulo.

necessidade imposta. Ponzio (*op. cit.*) esclarece que as nossas palavras são tomadas da boca de outros. Antes de serem utilizadas por nós, para nossas finalidades, já estão contaminadas pela intenção alheia: “[...] o diálogo é o compromisso que dá lugar ao eu: o eu é esse compromisso, o eu é um compromisso dialógico – em sentido substancial, e não formal – e, como tal, o eu é, desde suas origens, algo híbrido, um cruzamento, um bastardo. A identidade é um enxerto” (p. 23).

O autor se apoia no pensamento do filósofo judeu-lituano-francês E. Lévinas para afirmar que este, assim como Bakhtin, compreende que a *alteridade* se encontra na mesma esfera do eu. Isso não significa que possa haver assimilação do eu pelo outro (ou vice-versa), a ponto de gerar uma integridade do eu ou o seu fechamento. Conforme Ponzio, Bakhtin e Lévinas não pensam a relação eu-outro como uma relação de opostos. Pensam-na com base em uma ideia de superação do pensamento objetivo, da relação sujeito-objeto.

Ponzio acrescenta que, segundo os dois autores, a relação eu-outro, marcada pela internalização do outro pelo eu, é responsável pela dialogização interna da palavra no nível linguístico. Já no nível linguístico estético, a *alteridade* seria responsável pela exotopia da atividade de escrita literária – como comento adiante –, ou seja, a *alteridade* estaria relacionada à vida real, ao escritor, ao romance, à “contemporaneidade”, ao texto interpretante. E no âmbito moral, a relação eu-outro equivaleria à responsabilidade, à reação gerada no eu pelo conhecimento do excedente do olhar alheio²³ (PONZIO, *op. cit.*, p. 193).

O âmbito do objeto desta pesquisa, o discurso de B. Obama, materializado em seu pronunciamento no Brasil em 2011, é também da ordem do linguístico: a relação eu (nação estadunidense) *versus* outro (nação brasileira) produz a exotopia da nação estadunidense em relação ao Brasil, cujo acabamento gerado pelo excedente de visão de Obama produz imagens, delineadas pelos sentidos percebidos em minha análise.

Os sentidos buscados neste trabalho podem ser captados ainda por meio de outras marcas alteritárias apreendidas da enunciação obamaniana. Exatamente aquelas que traduzem os posicionamentos ideológicos que perpassam todos os dizeres, como comentado no capítulo anterior, quando se tratou da ideologia, e como será explanado mais adiante, ao falar-se sobre a orientação do sentido gerada pela entonação. No capítulo anterior, viu-se que, dentro do

²³ Lembremo-nos do diálogo produtivo comentado no primeiro capítulo (Cf. p. 19), quando o eu, por meio do excedente de visão em relação ao outro, retorna a si e deixa de coincidir consigo mesmo.

pensamento bakhtiniano, o signo é ideológico, ou seja, nele estão inscritos acentos apreciativos, valores, comportamentos ético-sociais, mudanças sociais.

Vem daí a descrição bakhtiniana de que o signo é arena de luta, na qual uns valores duelam com outros pela estabilização do sentido. No entanto, a busca por essa estabilização não minimiza a polissemia do signo, que não é nada além da demarcação da outridade nos discursos. Cada novo sentido relacionado a um signo, a um enunciado/enunciação, é um sentido alteritário. Isso porque o signo altera a sua natureza semiótica sempre que se separa da situação social a qual está inserido (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 63). Dessa forma, intento observar os sentidos alteritários do pronunciamento do presidente dos EUA, B. Obama, originados das ideologias entoadas em seu discurso, que ajudam a compor imagens exotópicas do Brasil em sua enunciação.

Ponzio (*op. cit.*) defende, a exemplo, que, por mais esforço dispendido pelo eu para contenção da palavra alheia, é impossível reter a entonação e os pensamentos de outrem dentro da própria identidade. “Tudo o que revela a *alteridade* escapa da identidade do eu, como de um saco furado” (p. 24, grifo meu), ressalta. Para ele, todo discurso privado do eu é sério-cômico:

Isso é fato não só porque o discurso se realiza sobre a base de uma atitude irônica e paródica a respeito do discurso alheio, mas também, porque este último supera os confins da identidade do eu, apesar dos esforços do eu para possuir o outro. Isso significa que o discurso do eu supõe uma dupla caricatura²⁴: deve caricaturizar o outro de forma que possa diferenciar-se dele, mas, sem alcançar pleno êxito nesta empreitada, representa, ao mesmo tempo, a caricatura de si mesmo e de suas esperanças. A identidade é grotesca (PONZIO, 2012, Idem).

A dimensão alteritária da linguagem é tamanha que Ponzio (*op. cit.*), dentro do universo dos gêneros bakhtinianos, atrela o discurso do eu-penso aos gêneros secundários, complexos – aqueles relacionados aos gêneros “que representam e objetificam a troca cotidiana, ordinária, objetiva” (p. 208), por exemplo, os gêneros diálogo, teatral, o romance – e o discurso do outro, aos gêneros primários, como o diálogo cotidiano. Ponzio dedica especial atenção ao gênero literário, o qual acredita possuir mais exotopia que os demais gêneros. Segundo ele, a *alteridade* ideológica, fora da ótica bakhtiniana, está impregnada de

²⁴ O termo *caricatura* se aproxima do de *máscara*, o qual, como se sabe, é tratado por Bakhtin na sua análise do romance medieval. Recordemo-nos da ligação entre máscara, *ethos*, e a categoria bakhtiniana entonação, que foi destacada por Gonçalves (2006), comentada no capítulo anterior, e que será aprofundada ao longo deste capítulo.

identidade. Em virtude disso é que, segundo ele, por meio da análise literária impetrada por Bakhtin, pode-se chegar ao diálogo substancial, que se opõe ao monologismo, detectado na gênese da obra estética, a partir da exotopia e do ponto de vista de outrem. Assim ele diz:

A palavra literária desenvolve as potencialidades expressivas da *alteridade* da palavra indireta. O caráter específico que confere valor artístico à palavra literária e sua objetificação, sua representação, expressa na posição do outro, e não do eu. Passa-se a compreender por que [...] Bakhtin estabelece uma relação de afinidade entre signo carnavalesco e imagem artístico-literária: porque ambos se caracterizam por uma abertura para *alteridade*. Poderíamos encontrar na literatura, sobretudo nos gêneros que se caracterizam por uma maior exotopia – nos gêneros carnavalescos como o romance, sobretudo, o ‘polifônico’ – um lugar privilegiado de manifestação da *alteridade* e da dialogia (Idem, grifo meu).

O entendimento de Ponzio (*op. cit.*) acerca da maior incidência de exotopia na escrita literária não exclui, a meu ver, a incidência de exotopia em outros gêneros, tal qual o discurso político²⁵, gênero relativo ao *corpus* aqui pretendido. Isso se deve à produtividade do conceito de exotopia postulado por Bakhtin, como avalia Tezza (2001):

O conceito de exotopia que Bakhtin criou é de tal forma produtivo como interpretação da consciência e dos fatos da consciência que, no ensaio que relemos, em alguns momentos não sabemos mais se ele está nos falando apenas dos fenômenos estéticos ou se ele está mesmo criando uma concepção filosófica. Frequentemente, a vitalidade com que ele se refere ao ‘acontecimento aberto da vida’, e de como ele impregna este acontecimento aberto no objeto estético, nos dá lampejas da envergadura de sua visão de mundo – ou, pelo menos, de como *O autor e o herói* de fato se inseria num painel teórico muito mais amplo (p. 283, grifo meu).

Assim, percebeu-se, neste item, que a linguagem humana, dentro do pensamento bakhtiniano, é constituída pela relação eu-outro, sendo tal relação imprescindível à exotopia. Para melhor apreender, pois, o funcionamento da exotopia no pronunciamento de B. Obama – como representante do governo dos EUA – o eu da enunciação, na sua relação com o outro, o Brasil, falo sobre tal categoria, macro em minha pesquisa, no item que se segue.

²⁵ O gênero discurso político será comentado no terceiro capítulo deste trabalho, no item 3.1.

3.2 O olhar para o outro: a exotopia

Entrar em contato com a categoria exotopia na leitura da obra de Bakhtin é estar à frente de uma vasta fundamentação teórica sobre a obra literária, precisamente no que diz respeito à relação entre autor e personagem expressa na criação estética verbal. Em sua teoria, Bakhtin avalia, proficuamente, diferentes aspectos dessa relação, que ultrapassam a simples caracterização das personagens em um romance e apontam para uma visão de mundo, para uma filosofia, uma ética. Por esse aspecto, entendo que a relação autor-personagem, pré-condição da *exotopia*, pode se estender a outras esferas discursivas, como a esfera política abordada nesta pesquisa.

Desse modo, a *exotopia* foi escolhida como macro-categoria de análise em virtude do objetivo geral deste trabalho, o de perceber a formação de imagens deste país no pronunciamento do presidente dos EUA, Barack Obama, no Brasil em 2011. Deste *corpus*, percebo que tais imagens são produzidas a partir da relação estabelecida no enunciado entre os dois países, pela forma como os EUA – na figura de seu presidente – falam sobre o outro, o Brasil. Assim, é importante entender como Bakhtin pensa a *exotopia* e como tal entendimento pode guiar a investigação aqui pretendida.

Bakhtin (2011) descreve a categoria *exotopia* a partir da análise do enunciado literário com base em obras de Dostoiévski. Na introdução da edição francesa da obra *Estética da Criação Verbal*, Todorov (2011) esclarece que os estudos de Bakhtin incidiam não apenas sobre a teoria do romance, a estética do romance, mas, também, sobre a temática da relação entre o autor e suas criaturas, ou seja, entre autor e herói, ou para melhor compreensão dos objetivos desta pesquisa, autor e personagem²⁶. Em linhas gerais, Todorov sintetiza que:

[...] uma **vida encontra um sentido, e com isso se torna um ingrediente possível da construção estética, somente se é vista do exterior, como um todo**; ela deve estar completamente englobada no horizonte de alguma outra pessoa; e, para a personagem, essa alguma outra pessoa é, claro, o autor: é o que Bakhtin chama ‘exotopia’ deste último (p. XIX, grifo meu).

Dessa forma, do mesmo modo que o autor da obra literária define e molda suas personagens exotopicamente, a exotopia de B. Obama define e molda imagens do Brasil.

²⁶ Como informado na introdução desta pesquisa, prefiro utilizar o termo personagem a herói, por acreditar haver uma maior relação entre personagem e imagem do que herói e imagem.

Assim, a relação estabelecida por Bakhtin entre autor-personagem é relida para esta pesquisa como uma relação entre autor (B. Obama) e imagens do Brasil, ou simplesmente, autor-imagem.

Bakhtin (*op. cit.*) expõe que há, na relação autor-personagem, a interseção de duas consciências. A consciência da personagem é envolta e dotada de sentido pela consciência do autor, quem lhe dá acabamento. É assim que o autor confere o acabamento à obra literária, porque é dono do excedente de visão estética que escapa à personagem, definida pela relação mantida com seu autor-criador, conforme expõe Tezza (2001):

O enunciado literário é a representação de uma consciência, a consciência de um autor, que é, fundamentalmente, a *consciência de uma consciência*, a consciência do autor é uma consciência que engloba e acaba a consciência do herói e do seu mundo. O autor sabe mais que o seu herói; é esse excedente que lhe dá o princípio de acabamento da obra literária. Assim, a relação criadora é sempre marcada por um princípio básico: uma *exotopia*, isto é, o fato de uma consciência estar fora de outra, de uma consciência ver a outra como um todo acabado, o que ela não pode fazer consigo mesma (p. 282).

Da descrição bakhtiniana do contato entre consciências, interessa-nos a ideia da não coincidência de horizontes, na medida em que o horizonte do ser contemplado se distingue da do ser contemplador. Bakhtin (*op. cit.*) afirma que o ser contemplador – no caso em questão, B. Obama – ocupa lugar privilegiado, único e concreto fora do ser contemplado – por conseguinte, o Brasil. Independentemente da distância entre essas duas consciências, de parâmetro nacional, uma sempre dará conta de um todo que a outra jamais poderá acessar. Tal englobamento de outrem é descrito pelo teórico russo por meio de uma imagem corporal:

[...] em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar – a cabeça, o rosto, e, sua expressão –, o mundo atrás dele, toda uma série de objetos e relações que, em função dessa ou daquela relação de reciprocidade entre nós, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. Quando nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila dos nossos olhos. Assumindo a devida posição, é possível reduzir ao mínimo essa diferença de horizontes, mas para eliminá-la inteiramente urge fundir-se em um todo único e tornar-se uma só pessoa (BAKHTIN, 2011, p. 21).

Na *exotopia*, a distância/distanciamento – a extralocalidade²⁷ – garantem a plausibilidade do acabamento do ser contemplado. Por isso, Bakhtin (*op. cit.*) conclui que a diminuição da diferença de horizontes possibilita a fusão dos seres contemplantes, ou seja, a anulação do acontecimento estético, e também da relação eu *versus* outro, a qual representa a condição *sine qua non* para haver *exotopia*.

Ponzio (2012) esclarece que, em *O autor e o herói*, o pensamento bakhtiniano equipara a relação autor-personagem com a relação forma e conteúdo da obra literária. Segundo ele, os valores extra-artísticos pertencentes à determinada situação social encontram expressão estética na obra literária por meio da personagem e do autor. Dessa forma, a obra literária é a palavra do autor, a qual, além de ser a forma material da obra literária, é ainda a forma do conteúdo, de um material sógnico-ideológico. Assim é que os valores do mundo adentram a esfera da obra literária tomada como objeto estético. “A forma artística, ou seja, a palavra do autor se deve expressar uma real *alteridade* para que o personagem pareça convincente, para que o conteúdo pareça real e se dê uma coerência de valores” (p. 191, grifo meu).

Pensando-se na relação aqui interpretada, autor-imagem, entendo que a forma e o conteúdo são acepções que extrapolam o âmbito literário. O discurso político, em termos práticos, também estampa situações sociais, o que faz com que a enunciação de B. Obama componha sim um material sógnico-ideológico, aliás, como todo enunciado, de acordo com o pensamento bakhtiniano. Por essa razão, acredito poder haver também acontecimento estético na esfera do discurso político. Além disso, outras duas razões embasam o meu entendimento. A primeira delas diz respeito à alteridade evidenciada pela relação entre as duas nações, EUA e Brasil, já comentada no item anterior, o qual abordou a relação eu-outro e sua relação com a *exotopia*. A segunda equivale à visão exterior ocasionada pela distância do observador e daquilo a que se observa, que é o que dá sentido à vida, englobada por outrem. Por conseguinte, as imagens do Brasil contempladas nesta análise advêm do olhar de B. Obama e somente ganham sentido em virtude do seu excedente de visão.

Segundo Tezza (2005), a descrição do excedente de visão do autor, na sua relação com a personagem, longe de parecer uma classificação da teoria bakhtiniana com vistas à

²⁷ Como também visto na introdução deste trabalho, distanciamento, distância, são termos relacionados à *exotopia*, na tradução do termo *vnienakhodímst* por Paulo Bezerra na obra *Estética da Criação Verbal*. Já o termo extralocalidade tem ligação à forma comumente conhecida da denominação da categoria *exotopia* traduzido do francês.

aplicação na área da literatura ou linguística, reflete uma visão de mundo filosófica instauradora de uma ética. Em seu comentário acerca do texto *O autor e o herói*, Tezza afirma que Bakhtin, ao postular o conceito de *exotopia*, ultrapassa a simples especificação de um campo estrito da estética e alcança o campo ético da necessária presença do outro para me completar de sentido, para ver o que eu não consigo enxergar (p. 212).

Tezza esclarece que a criação das vozes do romance, a partir da relação autor-personagem, não anula a voz da personagem, pois, na linguagem romanesca, a voz do outro sempre mantém sua autonomia. Em sua visão, tal característica essencial da linguagem do romance é o que dá origem à ética bakhtiniana, uma ética romanesca que, diferentemente da linguagem da ciência, não vê o outro como objeto, mas como um ser vivo, pensante. Assim, dar voz ao outro é um caminho de mão dupla, da definição da própria forma por meio de outrem:

Sob essa perspectiva, o romance, iluminado por Bakhtin com uma força e uma clareza que, definitivamente, nenhuma outra corrente teórica desse século teve, ganha um estatuto e uma dimensão que reduz a nada o lugar comum que, por várias décadas e sob vários nomes, têm cantado e decantado a morte do romance, ou do niilismo alegre dos que dizem que a única voz literária possível neste fim de século é a do pasticho. A valorização do romance, em Bakhtin, repetimos, não decorre da definição de uma forma acabada, como o soneto ou a écloga, mas da compreensão de uma linguagem romanesca em permanente troca com a linguagem viva e inacabada da vida cotidiana, no veio de um prolongado processo de descentralização da palavra (p. 216).

Bakhtin postula o conceito de *exotopia* atrelado a três aspectos não excludentes – estético, ético, cognitivo. Há na relação entre esses aspectos importantes implicações acerca da relação autor-personagem que norteiam a análise pretendida nesta pesquisa. No item que se segue me presto a apresentar tais aspectos.

3.2.1 Ética, estética e cognição

Bakhtin (2011) assegura que o ato da personagem no romance é orientado tanto pelo acontecimento aberto da vida quanto pelo mundo dado do conhecimento. Ele quer dizer com isso que a personagem vive de modo ético e cognitivo, guiada pelo mundo formatado da existência do autor. O mundo assim desenhado pelo autor é de orientação **ético-cognitiva** axiológica. O expoente do Círculo afirma que o ser não pode viver ou agir do próprio

acabamento nem pode ser definido pelo acabamento do acontecimento. Ser inacabado, aberto, é a condição do viver. Também o é não coincidir consigo mesmo e contrapor-se axiologicamente (p. 11). Nesse sentido, a *exotopia* é o acabamento, provindo do olhar alheio, que constitui o ser, a personagem em sua totalidade.

Segundo Bakhtin, do mesmo jeito que nós respondemos às manifestações das pessoas que nos rodeiam em nosso dia-a-dia, o romancista caracteriza as particularidades, os traços, os acontecimentos e os atos da vida das personagens. Nesse sentido, ele afirma que os elementos de uma obra de arte são dados ao leitor em resposta ao autor. Estão contidos nessa resposta tanto o objeto como a resposta que a própria personagem dá ao criador da obra.

Segundo o teórico russo, na atitude do autor em relação às manifestações isoladas de suas personagens, prevalece uma única resposta referente ao todo que elas representam como elemento da obra de arte. Ele acrescenta que essa atitude do romancista é **estética** na medida em que, possuindo caráter fecundo e de princípio, responde ao todo da personagem.

Bakhtin afirma que o caminho do autor para a personagem não é dado de imediato. A personagem, primeiramente, mostrará, em resposta à alma do autor, seus **trejeitos, máscaras, gestos e atos repentinos**²⁸. A desordem proveniente dessas respostas deverá ser organizada pelo autor, que irá formatar a melhor diretriz axiológica a ser seguida para a composição estável da personagem. Tal composição deriva, segundo o teórico russo, por exemplo, da nossa própria atividade de desmanchar as criações imaginárias que fazemos dos outros previamente para que possamos chegar às suas feições verdadeiras.

Bakhtin (*op. cit.*) atesta que a contemplação, fruto do excedente de visão interna e externa do outro, é ativa e produtiva e é, precisamente, um **ato estético** (p. 22). Para conferir o acabamento do outro, contido em germe no excedente de visão do eu, é necessário que haja o desabrochar proporcionado pela contemplação do horizonte alheio, preservando-se a originalidade. Em outras palavras, deve haver uma relação empática com o outro, uma identificação com seu mundo, com seus valores, para que o mundo seja visto tal qual é visto pelo outro:

²⁸ A resposta da personagem ao autor literário – trejeitos, máscaras, gestos, atos – pode ser associada ao *ethos* – caráter, traços psicológicos do enunciador percebidos na sua enunciação –, como demonstra Maingueneau, ao citar Roland Barthes: “são os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importando sua sinceridade) para causar boa impressão. [...] O orador enuncia uma informação e, ao mesmo tempo, ele diz: eu sou isto, eu não sou aquilo” (BARTHES, 1966, p. 201 apud MAINGUENEAU, 2011, p. 70). A aproximação da noção de *ethos* ao pensamento de Bakhtin, como já dito nesta pesquisa, se dá via entonação.

O excedente de visão é o broto em que repousa a forma e de onde ela desabrocha como uma flor. Mas para que esse broto efetivamente desabroche na flor da forma concludente, urge que o excedente de minha visão complete o horizonte do outro indivíduo contemplado sem perder a originalidade deste. Eu devo entrar em **empatia** com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento (Idem, grifo meu).

A atividade do excedente de visão do autor é exemplificada, em Bakhtin (*op. cit.*) por meio da imagem de um ser que sente dor. O autor afirma que, nessa situação, o horizonte da consciência observada envolve-se com o que lhe causa dor e com o que está ao alcance do seu olhar. O olhar empático, o vivenciamento do mundo impregnado da dor alheia para dar-lhe acabamento, consiste no primeiro momento do **ato estético** – a compenetração. Nela, o observador deve identificar-se com o outro, colocar-se em seu lugar, experimentar o que é experimentado pelo outro, assumindo-lhe, dessa forma, o horizonte concreto.

O teórico evidencia que, por mais que o contemplado veja o que é visto pelo contemplador, o enfoque não é apropriado porque se situa de forma única na consciência do observador. E o que garante o acesso ao interior do outro é a expressividade externa, o que permite internamente a fusão de um ser com o outro, a identificação com seus valores. No entanto, postula Bakhtin, a fusão interna não é o objetivo principal da **atividade estética**. Nesse ponto, explica, **a atividade estética**, propriamente dita, ainda nem começou:

A situação vital do sofredor, efetivamente vivenciada de dentro, pode me motivar para um **ato ético**: para a ajuda, a consolação, uma reflexão cognitiva, mas de qualquer modo a compenetração deve ser seguida de um retorno a mim mesmo, ao meu lugar fora do sofredor, e só deste lugar o material da compenetração pode ser assimilado em **termos éticos, cognitivos ou estéticos**; se não houvesse esse retorno, ocorreria o fenômeno patológico do vivenciamento do sofrimento alheio como meu próprio sofrimento, da contaminação pelo sofrimento alheio, e só (BAKHTIN, 2011, p. 24, grifo meu).

Bakhtin (*op. cit.*) expõe que a identificação com a dor do outro, a vivência da dor do outro, suscita não o grito de dor, mas o ato de resistência, a palavra de reconforto, relacionando-se o que se viveu ao outro. Assim o autor ressalta que, na *exotopia*, na visão empática do outro, há condição necessária para a identificação de consciências, que gera o **conhecimento produtivo ético e estético**. Isso porque, ao retornar a si mesmo, o

contemplador inicia, de fato, a sua **atividade estética**. Fora do lugar ocupado por aquele que sofre, ao dar-se forma ao material recolhido, gerado por essa identificação, o mundo é dotado de nova função, de novo acabamento.

É assim que, na contemplação à personagem completa o horizonte do outro com todo o tipo de informação colhida no lugar que se ocupa, fora dele. Para tanto, emoldura-se o ser contemplado, criando-lhe ambiente propício ao seu acabamento, por meio de **elementos transgredientes** às personagens, ou seja, que vão além, que ultrapassam as personagens em si mesmas.

Por meio de seu **olhar transgrediente**, o autor dá conta de tudo o que cada personagem conhece e, ainda, do conhecimento de todas elas juntas. Ademais, o autor conhece além do que distingue suas personagens. Por isso seu excedente de visão, estável, apurado, formata o todo das personagens e o todo da obra, pois os **elementos transgredientes**, na **contemplação estético-empática**, possuem a função de acabamento:

[...] a postura do corpo dele²⁹, que nos comunicava o sofrimento, conduzia-nos para o seu sofrimento interior, torna-se um valor puramente **plástico**, uma expressão que encarna e dá acabamento ao sofrimento expresso, e os **tons volitivo-emocionais** dessa expressividade já não são tons de sofrimento; o céu azul, que o abarca, torna-se um elemento **pictural**, que dá solução e acabamento ao seu sofrimento E todos esses valores que concluem a **imagem** dele, eu os hauri do excedente da minha visão, da minha vontade e do meu sentimento (Idem, p. 25, grifo meu).

O olhar empático do autor literário para sua personagem dá margem para que o autor se afaste de sua própria posição em face da personagem para refletir sobre a **posição volitivo-emocional** desta. O autor realiza esta posição, objetiva-a. Ela não se torna objeto de vivenciamento nem de exame reflexivo, pois o autor não enxerga o processo interno psicologicamente determinado e, sim, o produto em formação:

São igualmente assim todos os vivenciamentos criadores ativos: estes vivenciam o seu objeto e a si mesmos no objeto e não no processo de seu vivenciamento; vivencia-se o trabalho criador, mas o vivenciamento não escuta nem vê a si mesmo, escuta e vê tão somente o produto que está sendo criado ou o objeto a que ele visa. Por isso o artista nada tem a dizer sobre o processo de sua criação, todo situado no produto criado, restando a ele apenas nos indicar a sua obra; e de fato, só aí iremos procurá-lo (Idem, p. 5).

²⁹ O dêitico “dele” na passagem destacada se refere ao ser que sente dor.

No discurso literário, conforme Bakhtin (*op. cit.*), as palavras possuem função dupla: tanto podem apontar para a **compenetração** quanto para o **acabamento**. Segundo ele, os dois aspectos podem coexistir no vivenciamento ativo, com mais intensidade de um ou de outro. No entanto, isso não diminui a diferença de sentido entre eles, frisa o teórico. Cabe ao analista, o exame da **diretriz ético-cognitiva**, dos **valores plástico-picturais**³⁰ e **espaciais transgredientes** à personagem e a seu mundo, e que a concluem.

Na esfera discursiva política, intuo que **os elementos transgredientes** que B. Obama – como representante dos EUA — capta da expressividade da nação brasileira, para dar acabamento volitivo-emocional às imagens do Brasil, fazem parte do universo contextual do discurso neoliberal e da globalização³¹. É assim que o olhar empático do referido presidente dá conta de aspectos sócio-históricos e políticos percebidos na identificação da nação estadunidense com os valores da nação brasileira.

Quando observo que B. Obama silencia pontos de tensão entre EUA e Brasil, por meio da palavra “amizade”, em trecho já comentado no capítulo anterior³², evidencio os elementos transgredientes³³ que se encontram além dessa enunciação, ou seja, nas entrelinhas de seu discurso. Com isso, concluo que a palavra “amizade” aponta para o acabamento de pontos em comum entre as duas nações, de uma equiparação sócio-política que pode visar, por exemplo, a acordos comerciais no âmbito do mercado internacional, frente ao avanço crescente das negociações do mercado chinês e de outros mercados, como a América Latina.

De relevância para este estudo é, ainda, o aspecto cultural da exotopia, já que a relação autor-personagem é aqui traduzida como uma relação entre nações – EUA e Brasil. Para tanto, comento sobre tal aspecto no item que se segue, associando-o a outros dois temas caros a este trabalho, nação e cultura.

³⁰ Os valores plástico-picturais correspondentes aos elementos transgredientes do autor literário em relação à personagem podem ser associados à entonação e ao *ethos*, como apresento no item 2.3 desta pesquisa.

³¹ O discurso neoliberal e a globalização são temas tratados no terceiro capítulo desta pesquisa, item 3.2.1.

³² Cf. p. 30.

³³ É notório o componente ideológico que, no meu *corpus*, assumem os elementos transgredientes postulados por Bakhtin. Daí a associação desses elementos com a entonação, a qual revela as ideologias veiculadas pelos signos que compõem a enunciação de B. Obama.

3.2.2 Exotopia, cultura, nação

No ensaio *Os estudos literários hoje*, Bakhtin (2011) afirma que a cultura possui diversos campos que estão interligados por meio de fronteiras irrestritas, variantes de acordo com cada época. A produtividade da cultura ocorre internamente, na fronteira de seus campos de vida particulares, e não no lugar de fechamento das especificidades de suas fronteiras. Tal compreensão de Bakhtin vem em resposta às teorias literárias em voga na época, as quais, no seu ponto de vista, não analisavam diferenciadamente os campos de cultura e a interação destes com a literatura.

Para o teórico, o estudo do processo literário de uma época, apartado de uma análise profunda da cultura, não passa de uma luta superficial entre as correntes literárias, que não chega a exercer influência significativa sobre a real literatura de uma época (p. 361). Conforme Bakhtin, a cultura que determina a criação dos escritores advém das correntes de baixo, as populares³⁴, consideradas por ele as poderosas e profundas correntes de uma cultura, ainda que anônimas para a maioria dos escritores.

Do mesmo modo, a cultura de uma época não pode enclausurar-se em si mesma como algo pronto e acabado porque ela é uma unidade aberta. Bakhtin frisa que cada cultura pretérita possui vastas possibilidades semânticas não reveladas e não utilizadas por toda uma vida histórica. A Antiguidade não se conhecia como a conhecemos hoje nem os gregos sabiam que são os gregos antigos do nosso tempo presente. A percepção da antiguidade somente ganhou sentido no tempo distante, quando o observador, em sua *exotopia* espacial e cultural, compreendeu de forma criativa aquilo que pretendia entender (p. 366).

Semelhante percepção da tradição histórica e da antiguidade é encontrada em Anderson (2008), quando este afirma que os discursos da nacionalidade surgem pautados por uma noção de simultaneidade que inaugura novos modos de apreender o mundo. Neles, segundo o autor, divisões cronológicas claras são substituídas por um passado mítico, em que se evidenciam os momentos de fundação das nações. A condição de nação (*nation-ness*), de acordo com esse pensamento, possui o maior grau de legitimidade universal na vida política

³⁴ Lembremo-nos do estudo impetrado por Bakhtin sobre a cultura popular da Idade Média, tema comentado no item 1.3.3, do primeiro capítulo.

moderna, fundamentando-se na necessidade de tornar antigo o novo, de transmutar o presente em um passado historicamente vivido de forma coletiva e selecionado conscientemente.

Anderson explica que a seleção histórica de um passado vivido coletivamente é construída a partir da circulação de criações imaginárias, como os jornais e romances na Europa do século XVIII, que foi responsável, a seu ver, pela representação do tipo de comunidade imaginada correspondente a uma nação. Da mesma forma, a língua opera a manutenção da suposta antiguidade essencial, respondendo pela imaginação de uma comunidade, pois promove a unificação pela leitura, principalmente quando se torna oficial.

Adiante, quando comenta sobre a concepção de nação, Anderson (*op. cit.*) afirma que, nos estados coloniais, três instituições ajudaram a moldar as imaginações – os censos, os mapas e os museus. Elas foram responsáveis, de acordo com o autor, por conformar a maneira como o Estado percebia seu domínio, a natureza da população e a geografia do território, ou seja, a legitimidade do passado recente. Também fomentaram realidades unificadas, categorias raciais claras, histórias sequenciais, lógicas e fronteiras, conforme reitera Schwarcz (2008):

Com essas operações comuns, e ordenadas, os dados retirados dos censos dos museus e dos mapas passaram a ser signo puro, e não mais bússolas do mundo. Aí pode se encontrar a urdidura essencial desse pensamento classificatório e totalizante, que transformava datas em eventos, passagens rápidas em marcos fundadores nacionais. [...] Nem tão antigas são as nações que considerávamos perdidas no tempo, assim como nem tão novo é esse Novo Mundo americano (p. 15).

Para Anderson, a nação surgiu em virtude do desaparecimento dos sistemas divinos, religiosos e dos reinos dinásticos, em decorrência do Iluminismo e da Revolução Francesa, embutida do sentimento de continuidade e, ao mesmo tempo, de contingência, como resultado de criações imaginativas da história recente:

O século do Iluminismo, do secularismo racionalista, trouxe consigo suas próprias trevas modernas. A fé religiosa declinou, mas o sofrimento que ela ajudava a apaziguar não desapareceu. A desintegração do paraíso: nada torna a fatalidade arbitrária. O absurdo da salvação: nada torna mais necessário um outro estilo de continuidade. Então foi preciso que houvesse uma transformação secular da fatalidade em continuidade, da contingência em significado. [...] poucas coisas se mostraram (se mostram) mais adequadas a essa finalidade do que a ideia de nação. Admite-se normalmente que os estados nacionais são ‘novos’ e ‘históricos’, ao passo que as nações a que eles são expressão política sempre assomam de um passado imemorial, e ainda mais importante, seguem rumo a futuro ilimitado. É a magia do nacionalismo que converte o acaso em destino (p. 38-39).

Por meio dessas e de outras razões, as quais não podem ser aqui esmiuçadas em virtude da pertinência do escopo deste tópico, Anderson procura fundamentar como a legitimidade nacional se tornou um sentimento tão profundo, a ponto de mover milhões de pessoas a morrer – muito mais que a matar – em nome da nação. Por isso, ele reconhece o sentimento de nacionalidade como de irmandade, porque partilhado por milhões de desconhecidos. Também interpreta a nacionalidade como um sentimento da ordem da alma, pois é assentido culturalmente por cada nativo de um país que se vê igual a outros nativos – independentemente das desigualdades que possam existir – e se imagina viver numa comunidade de semelhantes, legitimada nacionalmente.

É possível ver no sentimento de nacionalidade descrito por Anderson (*op. cit.*) uma correlação com a *exotopia*, na medida em que o olhar empático do nativo de um país para o seu conterrâneo gera uma identificação de valores, advinda do excedente de visão do observador, do seu conhecimento de mundo, da sua vontade, do seu sentimento.

Outra acepção da nacionalidade é defendida pelo conhecido representante do austromarxismo, Bauer (2000), que, na sua descrição da consciência nacional, exprime que uma pessoa somente distingue o pertencimento a uma nação quando conhece um estrangeiro. Análoga é a percepção de Bakhtin sobre o reconhecimento de uma cultura pela outra. Para ele, uma cultura só é significada, acabada, quando observada exotopicamente por outra, por outras. Cada cultura observa e observará uma alheia com olhar diferente. O filósofo elucida que tal diálogo não provoca a fusão de culturas. Longe de comprometer a unidade própria de cada uma, o diálogo as enriquece mutuamente:

Um sentido só revela as suas profundidades encontrando-se e contactando com outro, com o sentido do outro: entre eles começa uma espécie de *diálogo*³⁵ que supera o fechamento e a unilateralidade desses sentidos, dessas culturas. Colocamos para a cultura do outro novas questões que ela mesma não se colocava; nela procuramos resposta a essas questões, e a cultura do outro nos responde, revelando-nos seus novos aspectos, novas profundidades do sentido. Sem levantar *nossas* questões não podemos compreender nada do outro de modo criativo (é claro, desde que se trate de questões sérias, autênticas) (BAKHTIN, 2011, p. 366, grifo do autor).

³⁵ O diálogo entre as culturas brasileira e estadunidense, proporcionado pelo movimento do olhar do presidente B. Obama em relação ao Brasil, produz sentidos que são dotados nessa diferença. Esses sentidos são revelados pela *entonação*, por meio da qual são conhecidas as ideologias difundidas pelos signos.

Em Bauer, posso encontrar apoio com a visão antropológica do diálogo intercultural proposto por Bakhtin, o qual transcende a limitação da troca de sentidos entre as culturas. Deixo as palavras com o próprio Bauer:

Quando minha comunicação se dá apenas com alemães, não tenho oportunidade de me conscientizar de que as pessoas a quem conheço se parecem comigo num aspecto, isto é, em serem alemãs. Vejo apenas as diferenças: esta aqui é suábica e eu sou bávaro; aquela é burguesa e eu sou trabalhador. Só quando venho a conhecer estrangeiros é que me dou conta de que essas pessoas me são estranhas, ao passo que estou ligado àquelas com que me comunicava anteriormente, e com milhões de outras, pelo laço de pertencermos a uma nação (BAUER, 2006, p. 66).

Destarte, a consciência nacional para o austromarxista pré-condiciona o conhecimento da vida estrangeira que, na prática, culmina, particularmente, na presença de estrangeiros, soldados, trabalhadores, comerciantes em regiões nacionais fronteiriças. Ele assegura que a comunhão em torno de uma nacionalidade surge ainda que não haja consciência dela. Nesse caso, o que rege a ação de seus membros é a comunhão do caráter nacional.

No entanto, o autor frisa que o comportamento político é movido pela real consciência de uma nação, pois a nacionalidade atua como meio pelo qual atuam as forças sócio históricas nas decisões individuais. Daí a importância da consciência nacional para preservação da nação, cuja característica constitutiva é a totalidade das pessoas conscientes da sua diferença em relação a outras nações: “A nação não é algo que me seja alheio, mas uma parte de mim mesmo que retorna para mim na natureza dos outros. Assim, a ideia de nação está ligada à ideia de meu eu (Idem, p. 68)”.

Desse modo, encerro a discussão deste item sobre os aspectos relevantes da *exotopia* para esta pesquisa e passo a discutir sobre a terceira categoria de interesse à minha análise, a entonação. Ao lado, da alteridade e da *exotopia*, a entonação ajuda a entender como imagens são formadas sobre o Brasil no pronunciamento de B. Obama no Brasil em 2011, especialmente em razão de o conceito de entonação em Bakhtin/Volochínov (2010) se aproximar do de *ethos* em Mainguenu (1997, 2008a, 2008b, 2011), o qual conduz ao conceito de imagem.

3.3 Orientação do sentido: a entonação

Como visto no capítulo anterior, os sentidos produzidos no diálogo estabelecido entre um eu e um outro são orientados ideologicamente pelos signos, por meio dos quais são valorados, porque expostos à *alteridade* (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010). A valoração ideológica do signo o diferencia da forma linguística tomada como sinal estável, que sempre coincide a si mesmo, pois define o signo como veículo de ideologias.

As ideologias que acompanham os signos são percebidas no enunciado com ajuda da *entonação*, categoria linguística que demarca a presença do outro no diálogo. Ela representa a “modalidade apreciativa sem a qual não haveria enunciação” (YAGUELLO in BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 16). De acordo com os autores, a *entonação*, o relacionamento dentro de uma situação socialmente determinada e o conteúdo ideológico afetam a significação.

A *entonação* revela, assim, o sentido das palavras, do pensamento, sendo o juízo emitido na enunciação que faz, por exemplo, uma mesma palavra atender a diversas situações em um mesmo ou em diferentes enunciados. Isso porque, de acordo com Bakhtin/Volochínov (*op. cit.*), os signos são interpelados pelo seu conteúdo e seus índices de valor.

Segundo os autores, os signos adquirem valor a cada etapa de desenvolvimento da sociedade, quando grupos de objetos particulares, ao tornarem-se objeto de atenção, são dotados de valor específico. Tal grupo de objetos, do qual signos são criados, torna-se elemento da comunicação semiótica. No entanto, advertem os autores, o objeto somente adentra o horizonte social do grupo ao qual pertence – para que efetivamente desencadeie uma reação semiótico-ideológica –, se estiver ligado às bases de existência material do referido grupo, ou seja, às condições socioeconômicas do grupo (p. 46).

Bakhtin/Volochínov lembram que, pelo fato de ser criado por indivíduos em sociedade, o objeto adquire significação interindividual, o que leva a inferir que, na relação eu-outro, o eu ressignifica o outro, dá-lhe acabamento, a partir do lugar em que se encontra, a partir de seu excedente de visão em relação ao outro. Dessa forma é que o signo pode ser criado dentro do domínio ideológico, pois admite um valor social. “É por isso que todos os índices de valor com características ideológicas [...] constituem índices sociais de valor, com

pretensões ao consenso social, e apenas em nome deste consenso é que eles se exteriorizam no material ideológico” (Idem).

A realidade que abarca a criação de um signo é chamada pelos teóricos de *tema* do signo. Cada manifestação verbal possui, então, seu *tema*, o qual, por sua vez, possui um índice de valor social, ou seja, é resultado das relações alteritárias. Na consciência do indivíduo, os índices sociais de valor dos temas ideológicos, na medida em que são absorvidos como próprios ao ser, tornam-se índices individuais de valor. O diferencial é que, mesmo alteritários, os índices de valor não se originam na consciência individual.

De acordo com Bakhtin/Volochínov, a forma do signo ideológico e o *tema* estão diretamente interligados e não podem, por isso, ser diferenciados. Isso somente pode acontecer, atestam, de maneira abstrata, pois a vida de ambos é respaldada pelas mesmas forças e mesmas condições. Eles complementam ao afirmarem que:

[...] são as mesmas condições econômicas que associam um novo elemento da realidade ao horizonte social, que o tornam socialmente pertinente, e são as mesmas forças que criam as formas da comunicação ideológica (cognitiva, artística, religiosa, etc.), as quais determinam, por sua vez, as formas da expressão semiótica. Assim, os temas e as formas da criação ideológica crescem juntos e constituem no fundo as duas facetas de uma só e mesma coisa (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 47).

As formas de criação ideológica representam a integração da realidade na ideologia, em que se originam os *temas* e as formas, e são melhor percebidas no plano da palavra, que “reflete sutilmente as mais imperceptíveis alterações da existência social” (Idem). Na *entonação*, acontece a relação da semântica das palavras individuais com o *tema*, assunto abordado no item que se segue, ao lado da significação para o pensamento bakhtiniano.

3.3.1 Tema e significação

Bakhtin/Volochínov (2010) colocam a significação como um problema caro à linguística. Para eles, as tentativas da ciência em resolver o problema, até então, revelaram o precário monólogo em que se encontrava a questão. Isso porque acreditavam que a ciência apoiava-se em uma compreensão passiva da significação linguística, que não fornecia

critérios suficientes para uma abordagem criteriosa da essência da significação, como a insatisfatória distinção entre sentido usual e ocasional da palavra, sentido central e lateral, conotação e denotação. Tais distinções, advertem, atribuem um aspecto estável a uma provável significação central, usual da palavra, que só existe, para eles, hipoteticamente.

Bakhtin/Volochínov acreditam ser falaciosa essa discriminação dos sentidos da palavra atribuídos pela ciência linguística e propõem uma compreensão ativa do problema da significação a partir do estudo da enunciação. Eles afirmam que todo enunciado, em sua extensão, possui a propriedade de ter um sentido definido, unitário. Esse sentido completo da enunciação é nomeado pelos autores também de *tema*. No âmbito da enunciação, o *tema* é, então, a unidade temática que faz com que toda enunciação seja individual, não repetível, originada da expressão de uma situação histórica concreta (p. 133).

Os autores exemplificam a propriedade unitária e não reiterável da enunciação com a expressão “Que horas são?”, que tanto possui um sentido diverso, sempre que é utilizada, quanto um *tema*, a depender da situação histórica concreta da qual se origina. Na prática, o uso da expressão pode dar a entender, no meio de uma reunião, que se deseja o fim da mesma; dentro de um táxi, que se está atrasado para o compromisso e que se deseja que o motorista acelere. Da mesma forma, a expressão “Está calor” pode gerar a compreensão de que, dentro de uma sala de aula, quer-se a janela aberta, o ar condicionado ligado ou a temperatura do ar mais fria ou, ainda, um copo d’água.

A título de exemplo, observe-se agora a entonação do signo *nação* no pronunciamento de B. Obama:

*The United States was the first **nation** to recognize Brazil’s independence, and set up a diplomatic outpost in this country. The first head of state to visit the United States was the leader of Brazil, Dom Pedro II. In the Second World War, our brave men and women fought side-by-side for freedom. And after the war, both of our **nations** struggled to achieve the full blessings of liberty* (OBAMA, 2011). [Os EUA foram a primeira **nação** a reconhecer a independência do Brasil e a estabelecer um posto diplomático neste país. O primeiro chefe de estado a visitar os EUA foi o líder do Brasil Dom Pedro II. Na Segunda Guerra Mundial nossos corajosos homens e mulheres lutaram lado a lado pela liberdade. E depois da guerra, nossas duas **nações** lutaram para conseguir as bênçãos plenas da liberdade] (grifo meu).

Um novo significado para “nação” é instituído nesse trecho, em que B. Obama exalta politicamente o Brasil. Ao olhar para o Brasil como nação independente, no atual período político internacional, Obama imprime uma força ao mercado econômico nacional

brasileiro que, se partilhado com os Estados Unidos, poderá, por exemplo, ajudar a diminuir o impacto chinês em ambos os mercados.

Ao dizer, ainda, em referência a “nações” que as duas nações “lutaram para conseguir as bênçãos da liberdade”, o presidente menciona a aliança dos EUA com o Brasil na guerra contra o Eixo (Alemanha, Itália, Japão), para evidenciar alianças prévias entre os dois países que “deram certo”. No entanto, tal aliança somente foi possível depois que o Brasil recebeu empréstimo do governo Roosevelt para construção de uma usina siderúrgica. De acordo com Bandeira (2009), o Brasil, então governado por Getúlio Vargas, era simpático às potências do Eixo e foi forçado a abandonar a posição neutra frente ao conflito.

Nas expressões apontadas – “nação” e “nações” – percebe-se que o *tema* é determinado não somente pelas formas linguísticas que o compõem – os sons, as palavras, as entonações, as formas morfológicas –, mas, sobretudo, pelas formas não verbais pertencentes a cada situação em que a enunciação foi expressa. Dessa forma é que a enunciação atua como um elemento da situação histórica da qual se origina, não podendo jamais ser compreendida fora de uma circunstância concreta de uso. “O *tema* da enunciação é concreto, tão concreto como o instante histórico ao qual ela pertence. Somente a enunciação tomada em toda a sua amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui um *tema*. Isto é o que se entende por *tema* da enunciação” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, *op. cit.*, p. 134, grifo meu).

A compreensão de uma enunciação, no entanto, não é somente motivada pelo caráter histórico, unitário e não reiterável. No interior do *tema*, a enunciação é dotada também pela *significação*. Esta se compõe dos elementos repetíveis e idênticos de cada momento que são reproduzidos. Bakhtin/Volochínov esclarecem que esses elementos são abstratos, estabelecidos convencionalmente, não existindo de forma concreta independente. Mas, não por isso, participam de modo indispensável da enunciação.

Voltando à enunciação de B. Obama, o *tema* do signo “nação” está ligado indissolavelmente às situações históricas identificadas. Por essa razão, os autores ressaltam que o *tema* não pode ser segmentado, pois, em sua essência, é irreduzível à análise. A *significação*, entretanto, pelo fato de permanecer a mesma em cada uma dessas situações, é passível de análise a partir dos elementos linguísticos que a compõem.

O *tema* é um *sistema de signos dinâmico e complexo*, que procura adaptar-se adequadamente às *condições de um dado momento da evolução*. O *tema* é uma *reação da consciência em devir ao ser em devir*. A *significação* é um *aparato técnico para a realização do tema*. Bem entendido, é impossível

traçar uma fronteira mecânica absoluta entre a significação e o tema. Não há tema sem significação, e vice-versa. Além disso, é impossível designar a significação de uma palavra isolada (por exemplo, no processo de ensinar uma língua estrangeira) sem fazer dela o elemento de um tema, isto é, sem construir uma enunciação, um ‘exemplo’. Por outro lado, o tema deve apoiar-se sobre uma certa estabilidade da significação; caso contrário, ele perderia seu elo com o que precede e o que segue, ou seja, ele perderia, em suma, o seu sentido (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 134, grifo dos autores).

Percebe-se, dessa forma, que a estabilidade da *significação* é relativa e é necessária para dar sentido à enunciação. Os autores salientam que a estabilização das significações na linguagem se desenvolveu proporcionalmente ao crescimento do número de seus complexos sonoros, em virtude do uso frequente de determinadas linhas temáticas para essa ou aquela palavra. No entanto, lembram que a atribuição do *tema* a uma única palavra isolada somente é possível se a palavra funcionar como enunciação global, a exemplo da palavra onissignificante dos povos primitivos, usada repetidamente para significar manifestações diversas. A diferença é que a enunciação completa expressa por essa palavra não gera *significação*, pois esta depende, como foi visto, dos elementos linguísticos e da relação deles entre si. Na ausência dessa relação, a *significação* se perde. “É por isso que não se pode traçar uma fronteira entre o *tema* e a *significação*” (p. 136, grifo meu), admitem os teóricos.

Para aclarar o entendimento sobre *tema* e *significação*, ainda que não seja possível delimitar um limite claro entre ambos os conceitos, os autores interpretam o *tema* como o único capaz de significar de modo determinado, porque pertence ao estágio superior da capacidade linguística de significar (Idem). Ao estágio inferior, portanto, pertence a *significação* que, sem querer dizer nada em si mesma, potencializa a significação no interior do *tema*. Na investigação de qualquer elemento linguístico da enunciação, pode se chegar a qualquer dos dois estágios da significação. No superior, leva-se em consideração o contexto das condições da enunciação concreta. No inferior, procura-se a significação do elemento linguístico dentro do sistema da língua, como a investigação da palavra dicionarizada (Idem).

Além do tema e da significação, a palavra no diálogo apresenta acento de valor ou acento apreciativo. O acento apreciativo é o elemento que, percebido na expressão do conteúdo objetivo na enunciação (falada ou escrita), diferencia o *tema* da *significação*. Sem apreciação, não há palavra, conforme é discutido no subitem que se segue.

3.3.2 Acento apreciativo

Bakhtin/Volochínov (2010) assinalam que a relação entre acento e significação, estabelecida no enunciado pela *entonação*, equivale ao nível mais superficial da apreciação social da palavra. Na maior parte dos casos, ressaltam os teóricos, a *entonação* é determinada pela situação social imediata e pelas circunstâncias mais efêmeras do diálogo. Um exemplo disso é ilustrado com uma passagem do *Diário de um Escritor*, de Dostoiévski:

Certa vez, num domingo, já perto da noite, eu tive ocasião de caminhar ao lado de um grupo de seis operários embriagados, e subitamente me dei conta de que é possível exprimir qualquer pensamento, qualquer sensação, e mesmo raciocínios profundos, através de um só e único substantivo, por mais simples que seja [Dostoiévski está pensando aqui numa palavrinha censurada de largo uso]. Eis o que aconteceu. Primeiro, um desses homens pronuncia com clareza e energia esse substantivo para exprimir, a respeito de alguma coisa que tinha sido dita antes, a sua contestação mais desdenhosa. Um outro lhe responde repetindo o mesmo substantivo, mas com um tom e uma significação completamente diferentes, para contrariar a negação do primeiro. O terceiro começa bruscamente a irritar-se com o primeiro, intervém brutalmente e com paixão na conversa e lança-lhe o mesmo substantivo, que toma agora o sentido de uma injúria. Nesse momento, o segundo intervém novamente para injuriar o terceiro que o ofendera. ‘O quê há, cara? quem tá pensando que é? a gente tá conversando tranquilo e aí vem você e começa a brincar!’ Só que esse pensamento, ele o exprime pela mesma palavrinha mágica de antes, que designa de maneira tão simples um certo objeto; ao mesmo tempo, ele levanta o braço e bate no ombro do companheiro. Mas eis que o quarto, o mais jovem do grupo, que se calara até então e que aparentemente acabara de encontrar a solução do problema que estava na origem da disputa, exclama com um tom entusiasmado, levantando a mão: ... ‘Eureka!’ ‘Achei, achei!’ é isso que vocês pensam? Não, nada de ‘Eureka’, nada de ‘Achei’. Ele simplesmente repete o mesmo substantivo banido do dicionário, uma única palavra, mas com um tom de exclamação arrebatada, com êxtase, aparentemente excessivo, pois o sexto homem, o mais carrancudo e mais velho dos seis, olha-o de lado e arrasa num instante o entusiasmo do jovem, repetindo com uma imponente voz de baixo e num tom rabugento... sempre a mesma palavra, interdita na presença de damas para significar claramente: ‘Não vale a pena arrebentar a garganta, já compreendemos!’ Assim, sem pronunciar uma única outra palavra, eles repetiram seis vezes seguidas sua palavra preferida, um depois do outro, e se fizeram compreender perfeitamente (DOSTOIEVSKI, 1906 apud BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 138-139).

A palavra repetida seis vezes surge no diálogo como suporte da *entonação* e é por isso que os seis operários conseguem postular a conversa. Em cada pronúncia diferente da palavra, um novo acento é entonado demonstrando a apreciação de cada falante para essa palavra, ao mesmo tempo criando uma imagem de si para cada enunciadador como resultado do *ethos* que vai sendo tecido na enunciação.

Não existe um ato de linguagem que não passe pela construção de uma imagem de si. Quer queiramos ou não, calculemos ou neguemos, a partir do momento em que falamos, aparece (transparece) uma imagem daquilo que somos por meio daquilo que dizemos. Não se trata tanto de nosso posicionamento ideológico, do conteúdo de nosso pensamento, de nossa opinião, quanto daquilo que sobressai da relação que mantemos conosco e que oferecemos à percepção dos outros. O sujeito que fala não escapa da questão do *ethos*, **a fortiori o sujeito político** (CHARAUDEAU, 2006, p. 86, grifo meu).

Daí a conversa entre os operários fluir na ausência de um suporte concreto, porque inserida num contexto imediato de uso. De acordo com os autores, muitas vezes, o material entonativo individualmente acumulado manifesta-se por meio de construções linguísticas não completamente adaptadas à *entonação* do enunciado em uso. Ao mesmo tempo, a *entonação* acaba não se associando ao conteúdo intelectual objetivo relativo à construção do enunciado (p. 139).

Bakhtin/Volochínov observam que, em qualquer enunciação, o *tema* da palavra realiza-se plenamente pela *entonação* expressiva e não pela significação das palavras ou mesmo pela articulação gramatical das mesmas. Isso porque a acentuação valorativa possui grande importância tanto para enunciações como a dos seis operários, descrita anteriormente, quanto para outras enunciações de alta carga semântica ou audiência social, tal o discurso político.

Os autores até admitem que a *entonação* possa não traduzir o valor apreciativo de uma palavra ou enunciação de forma adequada, mas ressaltam que ela orienta, primeiramente, na distribuição da carga de sentido da enunciação, que jamais é construída sem modalidade apreciativa. Antes, a palavra envolve uma orientação apreciativa, o que faz com que sempre possua uma apreciação e um sentido, diferentemente dos elementos abstratos do sistema da língua, que não apresentam valor apreciativo (p. 140).

Segundo Clark/Holquist (2008), essa é a razão de o pensamento bakhtiniano rejeitar o emprego do termo denotação/referência e conotação/atitude, pois ele separa o uso avaliativo do significado referencial e nega que a mudança do significado de uma palavra indique uma reavaliação. Os autores afirmam que o poder da *entonação* de ressignificar em situações particulares “lembra a tese de Bakhtin, segundo a qual os valores determinam a consciência. A linguagem é apenas a forma mais complexa e ao mesmo tempo a mais paradigmática em que o jogo de valores é expresso em atividade humana” (p. 251).

Para Bakhtin/Volochínov (*op. cit.*), a apreciação social ajuda a compreender a evolução histórica do *tema* e de suas significações. Com isso, afastar a *significação* da apreciação torna aquela um objeto ontológico, ideal, ou seja, apartado da evolução histórica. Conforme afirmam, ao passo que a língua evolui semanticamente, evolui também o horizonte apreciativo de certo grupo social – aquilo tudo que faz sentido e tem importância para este grupo. A expansão da infraestrutura econômica determina a evolução do horizonte apreciativo. Isso acontece porque a expansão da base econômica alarga os meios de sobrevivência humana:

O criador de gado pré-histórico não tinha preocupações, não havia muita coisa que realmente o tocasse. O homem do fim da era capitalista está diretamente relacionado com todas as coisas, seus interesses atingem os cantos mais remotos da terra e mesmo as mais distantes estrelas. Esse alargamento do horizonte apreciativo efetua-se de maneira dialética. Os novos aspectos da existência, que foram integrados no círculo do interesse social, que se tornaram objetos da fala e da emoção humana, não coexistem pacificamente com os elementos que se integraram à existência antes deles; pelo contrário, entram em luta com eles, submetem-nos a uma reavaliação, fazem-nos mudar de lugar no interior da unidade do horizonte apreciativo. Essa evolução dialética reflete-se na evolução semântica. Uma nova significação se descobre na antiga e através da antiga, mas a fim de entrar em contradição com ela e de reconstruí-la (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 141).

Os autores salientam que o resultado da evolução dialética promove um confronto de acentos em cada espaço semântico de vida humana. Os sentidos estão diretamente ligados a essa evolução, a esse alargamento do horizonte social. Assim é que o ser em transformação é abarcado pela sociedade que se alarga e se transmuda para englobá-lo. A instabilidade desse processo permite que a *significação* – elemento abstrato e idêntico a si – seja absorvida pelo *tema* para, depois de rebuscada pelas contradições existentes, revista-se de nova significação de identidade provisoriamente estável.

Os teóricos afirmam que é possível diferenciar os dois conceitos *tema e significação* a partir do problema da compreensão, conforme demonstro no próximo subitem.

3.3.2 Compreensão responsiva

Bakhtin/Volochínov (2010) garantem que qualquer nível da compreensão deve ativamente possuir um agente de resposta. Para eles, não existe compreensão passiva, ou seja,

aquela que não exige resposta. Tanto é ativa a compreensão que é por esse fato que se pode apreender o *tema* da enunciação. Isso porque não é possível conhecer um desenvolvimento evolutivo desligado de um processo anterior. Assim é que se compreende a enunciação alheia, porque se é orientado a ela pela relação eu-outro, porque se é guiado ao lugar ocupado pelo seu contexto correspondente. E, conseqüentemente, de retorno a ela, gera-se uma réplica, formada pelas próprias palavras do interlocutor da enunciação, resultado do acabamento advindo de seu excedente de visão em relação ao outro.

Dessa forma, toda compreensão é tomada por Bakhtin/Volochínov como dialógica, leia-se também exotópica. Eles explicam que a compreensão existe na enunciação como o diálogo que, a cada turno, lança uma palavra contra outra palavra, ou seja, uma *contrapalavra*. A *significação* da palavra decorre, então, da união entre os interlocutores, inserida no processo de compreensão ativa e responsiva. Ademais,

A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da *interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro*. É como uma faísca elétrica que só se produz quando há contato dos dois polos opostos. Aqueles que ignoram o tema (que só é acessível a um ato de compreensão ativa e responsiva) e que, procurando definir o sentido de uma palavra, atingem o seu valor inferior, sempre estável e idêntico a si mesmo, é como se quisessem acender uma lâmpada depois de terem cortado a corrente. Só a corrente da comunicação verbal fornece à palavra a luz da sua significação (p. 137, grifo dos autores).

Ao comentar sobre o discurso romanesco, Bakhtin (2010b) assevera que todo e qualquer enunciado são não somente orientados para a resposta como ainda são influenciados profundamente pela antecipação dessa resposta. A atividade do autor em relação à personagem também é uma resposta ao todo da personagem. Tal é a característica do discurso vivo que, ocorrendo no presente, calca-se no futuro, pois pressente e provoca a resposta no ouvinte.

Refletindo sobre esta ideia no meu material de análise, diria que uma imagem do Brasil formatada pelos olhos de B. Obama advém de uma compreensão responsiva da nação brasileira como “país livre”. Tal compreensão se dá em resposta aos regimes totalitários e em favor da democracia, como se apreende da entonação dos signos “democracia” e “desenvolvimento”, que reforçam o acento dos valores de liberdade:

On the streets of the United States, men and women marched and bled and some died so that every citizen could enjoy the same freedoms and opportunities -- no matter what you looked like, no matter where you came

from. In Brazil, you fought against two decades of dictatorships for the same right to be heard -- the right to be free from fear, free from want. And yet, for years, democracy and development were slow to take hold, and millions suffered as a result (OBAMA, 2011). [Nas ruas dos EUA, homens e mulheres marcharam e sangraram e alguns até morreram para que todos os cidadãos pudessem usufruir das mesmas liberdades e oportunidades, não importa como fosse sua aparência, não importa de onde você viesse. No Brasil vocês lutaram contra duas décadas de ditadura, lutando pelo mesmo direito de serem ouvidos, o direito de serem livres, livres do medo, livres da necessidade. E mesmo assim, durante anos, a **democracia** e o **desenvolvimento** demoraram a se estabelecer e milhões sofreram por causa disso].

Bakhtin (*op. cit.*) esclarece que a fixação no ouvinte chamou a atenção dos linguistas ao estudarem o discurso retórico e sua relação com os interlocutores. Estes, no entanto, eram considerados apenas receptores passivos, não aptos a replicar ativamente. Isso porque os linguistas desconsideravam o pensamento e o estilo dos interlocutores, preocupando-se apenas em pesquisar aspectos da compreensão e clareza do discurso. Com isso, a enunciação era tomada como desprovida de diálogo interno e a compreensão se reduzia ao significado neutro e não atual do discurso.

No entanto, como ressalta Bakhtin, nenhum discurso gesta-se na ausência de resposta. Essa orientação não se destaca na composição do discurso. Ela atua na essência da formação discursiva e incide sobre a compreensão ativa, que pode tanto reforçar como opor ou enriquecer o discurso em resposta a ele. Nessa compreensão ativa, o locutor acessa pelo ouvinte o ambiente plurilíngue, composto pelos discursos alheios, dados no fundo aperceptivo – não linguístico, mas expressivo-objetal – das respostas e objeções constitutivas da enunciação. Sob a forma de resposta, a enunciação se porta como novo discurso alheio oriundo da influência que recebeu sobre seu estilo.

Na ausência de réplica ao enunciado, a compreensão deixa de ser compreensão para ser apenas uma abstração, uma reprodução ou mesmo uma dublagem do discurso compreendido. Aí não há transcendência do contexto nem contribuição ao que foi compreendido porque o falante se restringe ao próprio círculo, tangente aos próprios limites. Assim, exigências como clareza, persuasão ou evidência, apoiadas na compreensão passiva e imanentes ao discurso do falante, permanecem dependentes de sua expressão e estilo.

Diferentemente, na compreensão ativa, aquilo que deve ser compreendido liga-se ao seu próprio círculo, expressão e objeto. Bakhtin postula que a fala viva e concreta se amalgama a uma resposta, assentimento ou oposição, nos quais de fato a compreensão

amadurece. Resposta e compreensão estão, assim, unidas dialeticamente, não podendo uma existir sem a outra, como explana o autor:

[...] a compreensão ativa, somando-se àquilo que é compreendido no novo círculo do que se compreende, determina uma série de inter-relações complexas, de consonâncias e multissonâncias como compreendido, enriquece-o de novos elementos. É justamente com esta compreensão que o falante conta. Por isso, sua orientação para o ouvinte é a orientação para um círculo particular, para o mundo particular do ouvinte, introduzindo elementos completamente novos no seu discurso: pois para isto concorre a interação dos diversos contextos, diversos pontos de vista, diversos horizontes, diversos sistemas de expressão e de acentuação, diversas 'falas' sociais. O falante tende a orientar o seu discurso, como seu círculo determinante, para o círculo alheio de quem compreende, entrando em relação dialógica com os aspectos deste âmbito. O locutor penetra no horizonte alheio de seu ouvinte, constrói a sua enunciação no território de outrem, sobre o fundo aperceptivo do seu ouvinte (p. 90-91).

Como visto até aqui, as categorias de análise de perspectiva bakhtiniana ajudam-me a entender como Barack Obama compõe imagens do Brasil em seu discurso no Rio de Janeiro em 2011. Tais imagens são construídas de um lugar de fora. O presidente dos EUA observa o Brasil de uma posição não acessível a este país. Essa posição é favorável porque confere um excedente de visão somente disponível ao observador. De fora, o outro completa de sentido o eu observado. Os sentidos dotados nessa diferença, entre o observador e o observado, ou seja, na *alteridade*, são revelados pela *entonação*, por meio da qual são reconhecíveis as ideologias veiculadas pelos signos.

No reconhecimento das ideologias veiculadas no discurso de B. Obama, o interlocutor conhece o mundo desenhando pelo locutor em sua enunciação. Um mundo tecido por uma maneira de ser e de dizer que chama o interlocutor a aderir às ideias presentes nesse discurso. Dessa maneira, B. Obama constrói ao redor de si um *ethos* que faz parte do poder de persuasão da sua enunciação, como será visto adiante, na discussão em torno da construção do conceito de *ethos* com a ajuda do conceito de *entonação*. No item a seguir detenho-me melhor a essa correlação conceitual que me ajudam a entender que imagens faz B. Obama do Brasil a partir das imagens discursivas que constrói de si mesmo.

3.3.4 Imagens discursivas

A noção sobre *ethos* remonta a Aristóteles. Em sua leitura da obra *Retórica*, Eggs (2011) esclarece que o filósofo discorre sobre os três pilares do discurso – *logos*, *pathos* e *ethos* –, destacando o último como o mais importante. Em termos gerais, Eggs explica que o *logos* é a argumentação em si, que independe da comunicação concreta. O *pathos* diz respeito ao envolvimento e convencimento do interlocutor e o *ethos* é o aspecto ético ou moral que o locutor permite visualizar em seu discurso. Ao contrário do *logos*, *pathos* e *ethos*, como ressalta Eggs, estão sempre ligados a uma situação específica e aos indivíduos a ela relacionados.

Ao evidenciar a noção de *ethos*, Eggs explica que Aristóteles contraria a retórica que vigorava até então, a qual não compreendia o *ethos* como contributo da persuasão, e vê neste uma importante prova da argumentação. Categorizada em dois campos semânticos distintos, a noção de *ethos*, como expõe Eggs, ora possui um sentido moral (*epieíkeia*) ora possui sentido neutro (*héxis*). No primeiro sentido, englobam-se as virtudes, como a benevolência, a equidade, e, no segundo, os hábitos, modos ou caráter. Para o autor, as duas concepções de *ethos* não se excluem e se somam como faces importantes da atividade argumentativa (p. 30).

De acordo com Eggs, *pathos*³⁶, *logos* e *ethos* se complementam na arte do convencimento. Por esse fato, ele conclui que, na retórica de Aristóteles, a Ética e a Dialética estão unidas. Delas sobressai o *ethos*, que, segundo o autor, não tem sido bem explorado na pesquisa atual em linguística, pragmática ou teoria da argumentação. A exceção, aponta, está na obra de Dominique Maingueneau, que desenvolve estudos sobre o *ethos* na perspectiva da análise do discurso.

Maingueneau (2011) reflete para além da persuasão por argumentos em seu estudo sobre o *ethos* e a formação de imagens de si. Segundo o autor, a noção de *ethos* permite uma reflexão sobre o processo de adesão dos sujeitos a certas posições discursivas, como é evidente nos discursos publicitário, político, filosófico. Nestes o objetivo não é uma

³⁶ Do termo *pathos* se origina a empatia, capacidade de se identificar com o outro, em que o eu pode conseguir sentir o mesmo que o outro. A empatia está diretamente relacionada à exotopia, na sua forma de olhar empático, como mostramos no item 2.2.1 deste capítulo.

adesão imediata, no entanto, possuem o dever da conquista de um público que poderá ignorá-los ou recusá-los.

Dois razões levaram o autor a recorrer à noção de *ethos*, como ele mesmo esclarece: “seu laço crucial com a reflexividade enunciativa e a relação entre corpo e discurso que ela implica” (p. 70). Ele afirma que o *ethos*, sendo a instância subjetiva que se manifesta por meio do discurso, não pode ser visto como estatuto, mas sim como voz, ou melhor, como corpo enunciante, especificado e situado historicamente, pressuposto e validado pela enunciação.

Maingueneau (1997) relaciona a noção sobre *ethos* ao conceito de *habitus*. Em Bourdieu (2003, 2007), *habitus* é descrito como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientadas para funções e ações do agir cotidiano.

Habitus seriam, então, as práticas vivenciadas no passado que refletem no presente, cujo alimento e projeção de sua continuidade no futuro persistem de acordo com seus pressupostos. Dessa forma, *habitus* comportaria, em sua expressão, assim como o *ethos*, um sistema de disposições a abranger as estratégias e as práticas sociais pelas quais a ordem social se materializa, tornando-a significativa e evidente à medida que essas disposições são incorporadas e interiorizadas mediante um processo de interação social e em um contexto constituído historicamente³⁷.

A incorporação na descrição de *ethos* de Maingueneau (*op. cit.*) tem a ver com a maneira pela qual o coenunciador se relaciona ao *ethos* construído na enunciação. Segundo o autor, a incorporação atua na forma de três registros: a enunciação do texto dá corporalidade ao fiador; o coenunciador incorpora, habita o próprio corpo, ao assimilar esquemas relativos à maneira de se relacionar com o mundo; as duas incorporações constituem um corpo, resultado da comunidade imaginária dos sujeitos que aderiram ao mesmo discurso. Por isso, o autor afirma que a qualidade do *ethos* aponta para a figura do fiador “que, mediante sua fala, se dá

³⁷ A vizinhança entre os termos *ethos* e *habitus* encontra eco na percepção cultural de *ethos* de Geertz, o qual aponta: “Na discussão antropológica recente, os aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura, os elementos valorativos, foram resumidos sob o termo ‘ethos’, enquanto aspectos cognitivos, existenciais foram designados pelo termo ‘visão de mundo’. O *ethos* de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao mundo que a vida reflete. A visão de mundo que esse povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são, na simples realidade, seu conceito da natureza, de si mesmo, da sociedade” (1989, p.142-143 apud GONÇALVES, 2006, p. 36).

uma identidade compatível com o mundo que se supõe que ele faz surgir em seu enunciado. Paradoxo constitutivo: é por seu próprio enunciado que o fiador deve legitimar sua maneira de dizer” (p. 73).

Maingueneau (2011) ressalta que o público pode construir representações prévias do enunciador que antecedam a enunciação. Essas representações correspondem ao *ethos pré-discursivo* ou *ethos prévio* (estereótipo). No entanto, ele afirma que, em certas circunstâncias, não há como presumir que o interlocutor possa formar representações prévias do enunciador, como acontece quando se inicia na leitura de um romance. Porém, o mesmo não ocorre quando o enunciador ocupa recorrentemente a cena midiática, sendo associado a um *ethos* cujas enunciações podem confirmá-lo ou não.

Um exemplo disso pode ser percebido na leitura de um pronunciamento do presidente Barack Obama divulgado pela mídia, depois de ele ter recebido o prêmio Nobel da Paz. Ao se iniciar na leitura, o interlocutor pode pensar que está diante de um político pacifista, imagem motivada também pela figura carismática que o presidente vinha demonstrando desde antes do início da campanha presidencial, em 2007. A imagem de pacifista se afina à justificativa do comitê, à época, de que o presidente não teria medido esforços para cooperar diplomaticamente com os povos do planeta. Uma ideia contrária à imagem de pacifista pode se relacionar ao fato de que o prêmio não faz de B. Obama um presidente pacifista, pois, comumente, os EUA são conhecidos como potência mundial bélica, principal fornecedor de armamentos para guerras. Esses são exemplos de *ethos* que a leitura do pronunciamento de Obama em questão poderá confirmar ou infirmar.

Resumindo o pensamento de Maingueneau acerca do estereótipo³⁸, o autor afirma que “o simples fato de que um texto pertence a um gênero³⁹ de discurso ou a um certo posicionamento ideológico induz expectativas em matéria de *ethos*” (2011, p. 71). O enunciado é visto por ele como dotado de “uma vocalidade específica, que permite relacioná-lo a uma fonte enunciativa, por meio de um tom que indica quem o disse” (p. 72). Ele explica que, na determinação da vocalidade, há uma determinação do corpo do enunciador – diferente do corpo do autor efetivo –, o que faz com que a leitura suscite uma instância subjetiva encarnada que atua como fiador do discurso.

³⁸ No estereótipo, está presente também o elemento cultural, que, nesta pesquisa, relaciona-se com a exotopia de uma cultura em relação à outra e que gera o reconhecimento de uma nação pela outra.

³⁹ Para Bakhtin (1997), gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados utilizados pelos integrantes de qualquer esfera de atividade humana, como abordado no item 1.2 do primeiro capítulo.

A figura do fiador é construída pelo leitor a partir de diversos indícios textuais e é investido de certo “caráter” – um feixe de traços psicológicos – e “corporalidade” – com grau de precisão variável a cada texto –, traduzida por uma forma de vestimenta e mobilidade no espaço social. É assim que o *ethos* implica no controle implícito num comportamento global:

[...] o *ethos*, por natureza, é um *comportamento* que, como tal, articula verbal e não verbal, provocando nos destinatários efeitos multissensoriais. Além disso, a noção de *ethos* remete a coisas muito diferentes conforme seja considerada do ponto de vista do locutor ou do destinatário: o *ethos* visado não é necessariamente o *ethos* produzido. Um professor que queira passar uma imagem de sério pode ser percebido como monótono; um político que queira suscitar a imagem de um indivíduo aberto e empático pode ser percebido como um demagogo. Os fracassos em matéria de *ethos* são moeda corrente (MAINGUENEAU, 2008a, p. 16).

O autor reconhece que a concepção de *ethos* está suscetível a zonas de variação teórica. Nesta pesquisa, interessa, particularmente, o cruzamento teórico entre *ethos* e entonação na perspectiva bakhtiniana, observável no instante em que Maingueneau destaca que a interpretação dos enunciados não pode ser uma questão de apenas decodificar o conteúdo ali posto. É necessário, segundo ele, deixar-se aderir às ideias que suscitam pela maneira de dizer ou pela maneira de ser do enunciador. Na materialidade linguística, a maneira de ser e de dizer do enunciador é percebida na entonação que ele dá à sua enunciação, na acentuação apreciativa dos signos que a compõem.

Dessa forma, o coenunciador da enunciação poderá ser envolvido por um *ethos* invisível e participar do mundo assim desenhado pela enunciação. Nesse processo, segundo o autor, é possível aderir a uma identidade encarnada de alguma maneira por um fiador do discurso (MAINGUENEAU, 2008a, p. 29). Nisso está parte do poder de persuasão do discurso, no momento em que o destinatário é constringido a se identificar com o movimento de um corpo, esquemático ou carregado de valores históricos específicos.

Outro aspecto da formação do *ethos* na enunciação diz respeito à cena enunciativa, que é o que dá pertinência à situação de enunciação. Segundo Maingueneau (2008b), é próprio da manifestação do discurso buscar o convencimento pela instituição de uma cena que legitima a sua enunciação. Pela palavra, o enunciador significa um cenário, um quadro que surge em meio ao espaço existente previamente.

Maingueneau (2011) divide a cena enunciativa em cena englobante, cena genérica e cenografia. A primeira atribui o estatuto pragmático ao discurso; a segunda corresponde ao contrato vinculado a uma instituição discursiva, a um gênero; e a terceira não se pauta pelo

gênero, sendo construída pelo próprio texto: “um sermão pode ser enunciado por meio de uma cenografia professoral, profética etc.” (p. 75). A esfera discursiva política dá margem à manifestação de múltiplas cenografias, conforme o autor: “um candidato poderá falar a seus eleitores como jovem executivo, como tecnocrata, como operário, como homem executivo, como homem experiente etc., e conferir ‘lugares’ correspondentes a seu público” (p. 76).

Na cenografia, ocorre um enlaçamento paradoxal, motivado pela validação progressiva da enunciação nela mesma, o que torna a cenografia fonte da enunciação que ela produz. Ela é legitimada pelo enunciado que legitima, manifestando-se plenamente quanto maior for a distância em relação ao coenunciador. Também aqui a produção de sentidos se dá numa relação de afastamento, o que confere o aspecto exotópico à cenografia. A distância impede que o coenunciador reaja imediatamente à enunciação e permite que as cenas imaginativas se deem de forma controlada pelo enunciador, como no caso do pronunciamento de B. Obama.

Dessa forma, finalizo as considerações em torno das categorias de análise desta pesquisa e passo a discutir alguns aspectos da relação entre Estados Unidos e Brasil no capítulo a seguir.

4. A configuração sócio-histórica e política dos Estados Unidos em relação à América Latina e ao Brasil

O estrangeiro, o estranho ao grupo, é considerado e visto, enfim, como um não pertencente, mesmo que este indivíduo seja um membro orgânico do grupo, cuja vida uniforme compreenda todos os condicionamentos particulares deste social.
Georg Simmel

Neste espaço, contextualizo a relação estabelecida entre os Estados Unidos e os países da América Latina, como parte do entendimento acerca do objeto de pesquisa aqui proposto, o discurso do presidente Barack Obama, mais propriamente o pronunciamento realizado em solo brasileiro em 2011. Para tanto, divido o capítulo em quatro partes. Na primeira, apresento uma breve caracterização sobre a natureza discursiva da esfera enunciativa política, em Charaudeau (2006), por entender ser necessário situar o objeto desta pesquisa em aporte teórico que demonstre como o discurso político opera a linguagem.

Na segunda parte, falo sobre um dos principais fatores que fomentaram e fomentam o poder hegemônico dos Estados Unidos em relação às demais nações do globo, entendendo que os países da América Latina sofreram enorme influência, mais acentuadamente a partir do século XIX, para manutenção do imperialismo econômico-político-militar estadunidense. Essa contextualização se ampara em Petras/Veltmeyer (2012), que desenvolvem estudo sobre a hegemonia dos EUA no novo milênio, e em Bordieu (1998), que, na sua pesquisa em torno de táticas à invasão neoliberal, traz importantes características do discurso globalizado.

Na terceira parte, teço comentários sobre a relação entre os EUA e a América Latina, também considerando aspectos históricos importantes da relação dos EUA com o Brasil, com o fito de contextualizar meu objeto de pesquisa. Para tanto, me apoio em Bandeira (2009), Milani (2011) e Obama (2007, 2008). Na quarta parte, retrato a eleição do presidente Barack Obama, bem como aspectos da relação de seu primeiro mandato com a América Latina e, conseqüentemente, com o Brasil, destacando a visita do presidente a este país, com base em Colombo/Frechero (2012) e Milani (2011).

4.1 A natureza discursiva da enunciação política

Antes de contextualizar a configuração sócio-histórica e política da relação dos Estados e da América Latina, apresento neste item uma breve caracterização da discursividade do objeto de pesquisa proposto neste trabalho, o discurso do presidente B. Obama, baseado em Charaudeau (2006) e seus estudos sobre o discurso político. Embora a temática se encerre em um expediente teórico relativo à análise de discurso de corrente francesa, é interessante observar quais dispositivos regem a discursividade da enunciação de cunho político, sobretudo, no âmbito da materialidade linguística, para que possa ser melhor percebida a formação de imagens, no pronunciamento de B. Obama, quando da análise do *corpus* no quarto capítulo desta pesquisa.

Além disso, o conhecimento acerca dos mecanismos operados pela discursividade política ajudam na identificação das relações de poder que se mostram no *corpus* analisado, posto ser este um dos objetivos do exame da forma pela qual a exotopia, a alteridade e a entonação ajudam a entender como são construídas imagens do Brasil. Logo, é útil para o desenvolvimento da proposta deste item o enfoque de Charaudeau sobre linguagem, ação, poder e verdade na esfera discursiva política. Especialmente, porque, para o autor, a palavra política está inscrita em uma prática social e circula em determinados espaços públicos na esteira das relações de poder aí instauradas (p. 16).

Charaudeau dialoga com Bakhtin quando compreende que a relação eu-outro orienta o ato de linguagem. Assim como este afirma que o eu se constitui na interação, num espaço pertencente ao outro, aquele aponta que a linguagem decorre de um sujeito cuja consciência de si advém da sua relação com outrem. Trazer o outro para si é o objetivo traçado nessa relação, desenvolvida mediante um “princípio de influência” utilizado para fazer o outro pensar tal qual o eu pensa, age, diz. No entanto, destaca Charaudeau, ao possuir o outro um projeto de influência próprio, ambos os sujeitos gerenciam um “princípio de regulação”. Juntos, os princípios de alteridade, influência e regulação fundam o ato de linguagem numa “praxiologia⁴⁰ do agir sobre o outro” (Idem). Este agir deve considerar o efeito seguido da intenção, a ponto de permitir perceber, por exemplo, como se dá a relação de um sujeito que se submete à posição de um outro que fala:

⁴⁰ A praxiologia pode ser entendida como o estudo das ações e da conduta humanas.

A questão de saber o que pode obrigar o sujeito visado a submeter-se deve, então, ser colocada. Diremos que é a existência de uma ameaça ou a possibilidade de gratificação. Uma ou outra constitui uma sanção, e é essa possibilidade que confere ao sujeito que fala alguma autoridade. Desde que essa seja reconhecida pelo parceiro na troca, o projeto de influência adquire certo poder de ação. Da mesma forma, o sujeito-alvo é colocado em uma posição de dominado, o sujeito de autoridade em uma posição dominante e os dois em uma relação de poder. **Assim, pode-se dizer que todo ato de linguagem está ligado à ação mediante as relações de força que os sujeitos mantêm entre si, relações de força que constroem simultaneamente o vínculo social** (Idem, p. 17, grifo meu).

Nesse sentido, Charaudeau (*op. cit.*) adverte que o discurso político, fundamenta-se em uma instância que, ao jogar com argumentos da razão e da paixão, objetiva a adesão da instância cidadã. O autor chama atenção para a contrariedade da instância política, que acaba contextualizando a produção desses discursos movidos pela persuasão:

[...] a instância política encontra-se entre ‘dois processos contrários: a produção comunicativa de um poder legítimo [...] e a constituição dessa legitimação pelo sistema político, com a qual o poder administrativo estabelece uma relação reflexiva⁴¹’. No entanto, se o poder administrativo remete às regras da ação política [...], o poder comunicativo remete à busca pela dominação legítima – que, sem necessariamente justificar a violência, garante o acesso da instância política ao poder, ou sua manutenção nessa posição –, pois ela se encontra permanentemente ameaçada por uma sanção física (golpe de Estado), institucional (derrubada do governo) ou simbólica (descrédito) (Idem, p. 19).

Linguagem e ação misturam-se nos campos⁴² da atividade humana de onde resulta a concepção dialética de poder político de Charaudeau: do campo do espaço público, lugar da troca de opiniões, e do campo do espaço político, lugar de tomada de decisões e instituição e atos. Ambos os campos são definidos pelo autor por relações de força que operam os processos de regulação do jogo de dominação que os caracteriza. No campo do espaço público, em especial, a linguagem predomina em detrimento da ação, dando margem para uma “luta discursiva” em busca da legitimidade baseada na formação de opinião. Já no campo

⁴¹ HABERMAS, 1990 apud CHARAUDEAU, 2006, p. 19.

⁴² A concepção de campo em Charaudeau se aproxima do conceito de campo de P. Bourdieu, para o qual, o campo é um lugar de disputa onde são determinadas as condições e critérios legítimos de pertencimento e hierarquia. Nesse sentido, a sociedade é formada por um conjunto de “campos sociais” (tais como o campo acadêmico, o campo do direito, o campo desportivo, etc.), mais ou menos autônomos, atravessados por lutas entre classes (BOURDIEU, 2007). Tal concepção de campo, por sua vez, perpassa a compreensão de campo em Bakhtin, como aponta Grillo (2010): “Semelhançamente à obra do Círculo, Bourdieu concebe que o sentido da constituição dos sujeitos caminha do social para o individual. Os sujeitos são formados pela incorporação de disposições produzidas por regularidades objetivas, situadas dentro da lógica de um campo determinado (ciência, religião, mídia, família, classe social, etc.), mas que são redimensionadas em razão da trajetória individual e da posição ocupada pelo sujeito nesse campo (p. 139-140)”.

do espaço político, predomina o poder de agir, pautado no exercício de autoridade, que se apresenta pela regulamentação e sanção, entre uma instância cidadã política e uma instância política que se declara soberana.

Resultado da fusão entre linguagem e ação, a palavra política se apresenta, assim, rodeada de armadilhas, oriundas desse duplo poder, que levam a instância política a construir formas de dizer que, apesar de não revelarem os projetos e objetivos de ação, não perdem de vista a ética da responsabilidade, que limita o jogo de máscaras da ação pelo discurso. Assim é que a palavra política tanto se apresenta como uma verdade do dizer quanto uma verdade do fazer: “uma verdade da ação que se manifesta por meio de uma palavra de decisão e uma verdade da discussão que se manifesta mediante uma palavra de persuasão (ordem da razão) e/ou de sedução (ordem da paixão) (Idem, p. 23)”.

Dessa forma, Charaudeau (*op. cit.*) assinala que a linguagem é que motiva a ação, dando-lhe sentido. Por isso a política está inscrita nas relações de influência social, porque depende da ação. O pensamento e ação políticos surgem exatamente em decorrência do fenômeno de circulação dos discursos que acabam por constituir espaços de discussão, persuasão e sedução por meio da palavra política. Ação e discurso político estão imbricados conseqüentemente.

No plano da linguagem certamente existe um lugar no qual se inscreve o discurso político, aquele em que precisamente se encontram *opinião* e *verdade* em uma relação dialética entre a construção da opinião, na qual desemboca o julgamento reflexivo, e a verdade, que surge da ação e do ato de decisão. É nesse lugar que se instituem comunidades múltiplas de pensamento e de ação, que se definem nesse ‘em comum’, um em comum que é preciso considerar como uma norma de pensamento e de ação intercambiada entre os membros do grupo. Essa norma partilhada constitui a mediação social na qual se encontram os valores transcendentais que, ao mesmo tempo, fundam o julgamento e ação, e que são construídos e transportados por um discurso que os faz circular na comunidade, construindo seu cimento identitário (Idem, p. 45).

De acordo com o teórico francês, dentro da comunicação humana, a enunciação política é desenvolvida numa cena⁴³, na qual são representadas as relações de poder que obedecem aos lugares, papéis e textos relativos a essa cena, as quais são manobradas pela disposição dos atores envolvidos nessa dramaturgia. A enunciação política ocorre, assim, como qualquer outro tipo de enunciação, no campo da ação – lugar das trocas simbólicas

⁴³ Recorde-se a cena enunciativa descrita por Maingueneau, conforme consta no item 2.3.4, do segundo capítulo desta pesquisa.

mediante relações de força – e no campo da enunciação – lugar das formas de encenação de linguagem, com vistas à formalização de um “contrato de comunicação”. Dele, surgem os obstáculos enfrentados pelos políticos para garantir, nas significações e nos efeitos discursivos, a eficácia de sua enunciação:

As significações e os efeitos do discurso resultam de um jogo complexo de circulação e de entrecruzamentos dos saberes e das crenças que são construídos por uns e reconstruídos por outros. Essa construção-reconstrução se opera segundo o lugar ocupado no contrato e, ao mesmo tempo, segundo o posicionamento dos indivíduos que ocupam essas posições. Ora, esses posicionamentos resultam de linhas de pensamento diversas, de reações ao mesmo tempo emocionais e intelectivas e de interações em situações particulares em que eles estão alternadamente em posição de dominante e de dominado. Diremos que as significações do discurso político são fabricadas e mesmo re-fabricadas, simultaneamente, pelo dispositivo da situação de comunicação e por seus atores (Idem, p. 52-53).

Na encenação do campo político, Charaudeau esclarece que o enunciador atua de forma dupla: tanto se refugia na legitimidade social, como faz uso da palavra para se construir por meio do que diz. Os destinatários, igualmente, existem como grupo coletivo e também como grupo ideal sobre o qual o enunciador, *exotopicamente*, se submete e deseja influenciar. Com Bakhtin, entendo que o público almejado pelo enunciador político é um público significado pelo seu excedente de visão. Por meio desse distanciamento advindo da relação entre enunciador político (eu) e público (outro), pode o enunciador político representar ao público, *exotopicamente* cúmplice, uma imagem ideal.

A legitimidade social do sujeito político, ou seja, a manutenção da sua palavra de autoridade, conforme Charaudeau (*op. cit.*), é, assim, projetada em sua identidade social, porque reconhecida por outros que a aceitam em nome de um valor comum. Legitimidade e poder estão, conseqüentemente, imbricados em torno da encenação enunciativa política, que também envolve a credibilidade, com a diferença de que esta determina não um direito concedido ao sujeito para o exercício do poder, mas uma capacidade do sujeito em dizer ou fazer (p. 67).

O autor chama atenção para o fato de que, a pretexto da legitimidade da enunciação política, na democracia, o voto responde muito mais às **imagens projetadas pelos políticos discursivamente** do que aos programas de governo por eles apresentados. Todavia, alerta que a política não pode ser exercida somente por meio da legitimidade adquirida e atribuída. O sujeito político necessita persuadir, de maneira plausível, o máximo de pessoas

que com ele partilham determinados valores, pois é papel da instância política – que atua como representante e fiadora do bem-estar social – buscar o consenso em meio à articulação de opiniões.

O político encontra-se em uma dupla posição, pois, por um lado, deve convencer todos da pertinência de seu projeto político e, por outro, deve fazer o maior número de cidadãos aderirem a esses valores. Ele deve inscrever seu projeto na ‘longevidade de uma ordem social’, que depende dos valores transcendentais fundados historicamente. Ao mesmo tempo, ele deve se inscrever na volátil regulação das relações entre o povo e seus representantes. O político deve, portanto, construir para si uma dupla identidade discursiva; uma que corresponda *ao* conceito político, enquanto lugar de constituição de um pensamento sobre a vida dos homens em sociedade; outra que corresponda à prática política, lugar das estratégias da gestão do poder: o primeiro constitui o [...] posicionamento ideológico do sujeito do discurso; a segunda constrói a posição do sujeito no processo comunicativo. Nessas condições, compreende-se que o que caracteriza essa identidade discursiva seja um *Eu-nós*, uma identidade do singular-coletivo (p. 79).

O político é, então, o portador de valores que vão além da sua singularidade: representa a todos em sua única voz, dirigindo-se a eles como se se reunissem em um enunciador ideal, um *terceiro*. Nesta representatividade, apreendo que o político se utiliza do excedente de visão que possui em relação a toda a coletividade, numa atitude clara de forte aspecto *exotópico*, em virtude do distanciamento existente nessa relação *eu-todos os outros*. As vozes do *eu* e do *terceiro* se amalgamam num corpo social expresso e guiado pela voz do *nós*, como vê-se em diversos momentos do pronunciamento de B. Obama no Brasil:

We know that different nations take different paths to realize the promise of democracy. And we understand that no one nation should impose its will on another. But we also know that there's certain aspirations shared by every human being: We all seek to be free. We all seek to be heard. We all yearn to live without fear or discrimination. We all yearn to choose how we are governed. And we all want to shape our own destiny (OBAMA, 2011) [Nós sabemos que diferentes nações seguem caminhos diferentes para cumprir a promessa da democracia. E entendemos que nenhum país deve impor sua vontade sobre outro. Mas também sabemos que há certas aspirações compartilhadas por todo ser humano: **Nós** todos buscamos ser livres. Todos **nós** buscamos ser ouvidos. Todos **nós** ansiamos por viver sem medo ou discriminação. **Nós** todos ansiamos por escolher como seremos governados. E todos **nós** queremos moldar nosso próprio destino] (grifo meu).

Representando um sentimento da ordem do coletivo, B. Obama inspira confiança, admiração, sentimentos que colaboram, segundo evidencia Charaudeau (*op. cit.*), à adesão da imagem ideal do tipo de líder depositado no imaginário coletivo do público que se quer atingir. Razão e emoção pendulam, desse modo, na encenação política que abrange *logos*

(argumentação), *pathos* (envolvimento e convencimento do interlocutor) e o *ethos* (adesão dos sujeitos⁴⁴) na tentativa de obter resposta quanto ao que leva os sujeitos a aderirem ou não a determinado valor. O projeto político impetrado na encenação enunciativa move-se como uma estratégia para o acabamento de uma imagem persuasiva de si que fomente a apresentação e a escolha dos valores fundamentais desse projeto.

Com isso, concluo a breve caracterização da natureza discursiva da enunciação política e inicio, no item a seguir, a configuração sócio-histórica e política da relação dos Estados Unidos e da América Latina, a fim de construir a contextualização do *corpus* da pesquisa.

4.2 O poder hegemônico dos Estados Unidos

A supremacia dos EUA, entre domínio e influência, frente às demais nações americanas, especialmente frente aos países latino-americanos, conforme Menezes (2000), torna-se hegemônica, principalmente, a partir do século XIX, quando política, militar, econômica e culturalmente a preeminência dos EUA “inspira e condiciona as opções de inserção regional dos países latino-americanos, tanto por força de seu prestígio [...] como em virtude de seu elevado potencial de intimidação e coerção nas relações interestatais (p. 255)”.

O autor ressalta que o poder dos EUA sobre as Américas é simbolizado em pressupostos doutrinários que representam valores explícitos do nacionalismo estadunidense. Segundo ele, esses valores constroem percepções que enaltecem possíveis semelhanças, numa visão difusa e geral do mundo, pela qual há uma identificação comum de interesses, que se querem harmônicos e homogêneos, ou seja, diluidores de diferenças. E isso é feito em detrimento de configurações específicas:

[...] constrói-se um discurso que incentiva a identificação de vínculos comuns - uma identidade americana - e conseqüentemente forjam-se pontos de vistas que se querem comuns sobre questões de ordem prática, de interesses pressupostamente coletivos. Pérolas como ‘América continente de paz’, ‘América continente de liberdade’, ‘América refúgio seguro de populações procedentes de outras regiões do globo’, ‘América, terra de promessa’ são cunhadas e ao longo dos anos vão moldando uma ‘consciência americana’ (p. 256).

⁴⁴ MAINGUENEAU (1997, 2008a, 2008b, 2011).

Com a virada do século, palavras-chave como *globalização*, *preservadores da paz* surgem no âmbito da nova ordem mundial para se referir aos esforços imperiais estadunidenses – dentre os quais, intromissão bélica –, com vistas ao domínio mundial e a derrubada de regimes que não se submetem ao poderio dos EUA (PETRAS/VELTMEYER, 2000). Nesse cenário, potências europeias e asiáticas estão subordinadas a instituições econômicas e militares controladas pelos EUA, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial, o grupo dos sete países mais desenvolvidos do mundo, o G-7 (EUA, Reino Unido, Canadá, França, Alemanha, Itália e Japão) e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).

Com o fito de compreender de modo prático e teórico o imperialismo econômico-político-militar internacional, Petras/Veltmeyer propõem uma revisão do capitalismo latino-americano na virada do século, no qual é evidente a hegemonia estadunidense em relação ao processo de acumulação capitalista mundial. Como fatores desse processo de acúmulo de capital e estado imperial, os autores apontam a fusão e aquisição de corporações importantes na esfera da economia global, dentre as quais a América Latina, a partir da década de 1990. Também nesse período, a hegemonia emergente estadunidense ganha reforço com a diminuição da posição do capital europeu, especialmente o japonês, e com uma série de lances estratégicos para o estabelecimento do controle das instituições financeiras globais e de governo, a exemplo do poder militar.

Os autores prosseguem apontando outros aspectos que contribuíram para a atual configuração do poder capitalista na AL, como os socorros financeiros de investidores do estado imperial estadunidense aos países da América Latina em crise. De acordo com os teóricos, a presença estadunidense na região gerou extremo retrocesso no padrão de vida latino-americano, em consequência da nova divisão social do trabalho como resultado da transição do capitalismo rural agrícola para o capitalismo industrial urbano centralizado.

Num lado desta linha divisória acha-se a burguesia dominada por um punhado de bilionários riquíssimos ligados aos circuitos do capital global e um pequeno grupo de corporações multinacionais voltadas para a exportação. No outro lado fica uma massa cada vez maior de trabalhadores empobrecidos, sobreexplorados (*sic*) e marginalizados que encontram-se no crescente setor informal das economias urbanas da região, despojados de direitos sociais e legislação trabalhista protetora (PETRAS/VELTMEYER, op. cit., p. 23).

Os autores chamam atenção para um tipo de discurso que passou a acompanhar as ações do imperialismo, mas que, na verdade, intentava amenizar seus efeitos na AL e no

mundo. Nessa ressignificação do discurso imperialista, por exemplo, os bancos e conglomerados transnacionais e multinacionais, cujas ações dizem respeito à absorção de empresas produtivas e à apropriação de lucros provenientes de mão-de-obra barata, deixam de ser “agentes do sistema imperialista” para ser “facilitadores da globalização”, “facilitadores da crescente integração e interdependência da economia mundial”; os “mecanismos de ajuste interno às exigências da economia global” passam a ser um novo entendimento quanto à “transferência de renda do trabalho para o capital e a sua reconcentração”; a “privatização” substitui a “aquisição por baixo preço e tomada de controle de ativos públicos e estatais”; o “ajuste estrutural” passa a ser a nova cara das “políticas destinadas a aumentar a taxa de lucro sobre o capital investido”, como o investimento estrangeiro irrestrito, a abertura dos mercados e a desregulamentação da empresa privada (Idem, p. 23-24).

Ainda conforme Petras/Veltmeyer (op. cit.), novos significados se somam ao “receituário imperial de políticas macroeconômicas”, que se apresenta como “estabilização”. As “políticas de mercado livre” ou “políticas favoráveis ao mercado” são, na verdade, a “imposição de políticas econômicas visando atrair e favorecer o capital estrangeiro, o alijamento de investidores locais, um maior nível de controle nas forças militares e polícias sob pretexto de campanhas contra o narcotráfico”; o “bom governo” ou o “fortalecimento da sociedade civil”, ou ainda, um fator significativo no “processo de desenvolvimento econômico” são expressões que ressignificam a “adaptação do terceiro setor, ou organizações populares, aos interesses e políticas do estado imperial”. Continuam os autores:

E as providências em busca de lucros tomadas pela classe dominante são vistas como comportamento socialmente orientado e subjetivamente significativo de novos agentes econômicos ou, em termos ‘pós-modernos’, como ações de diversos e determinados indivíduos em busca da sua identidade social. Com a dissolução no pensamento das estruturas operativas e condições materiais do sistema capitalista, as classes também desapareceram. Até mesmo a classe capitalista econômica e politicamente dominantes, base social do sistema imperialista, é substituída por uma variedade de agentes sociais e indivíduos, todos lutando para definir-se e situar-se no contexto social da nova ordem econômica global e na heterogeneidade das suas condições, que são entendidas e encaradas como subjetivas em lugar de objetivas (Idem, p. 24-25).

Como foi visto, todas as expressões apontadas por Petras/Veltmeyer (op. cit.), respaldadas no discurso eufemístico da nova ordem mundial, encobrem o verdadeiro projeto do imperialismo frente à manutenção do poder hegemônico dos EUA. Importante se faz para

esta pesquisa perceber as ideologias que perpassam esse discurso e quais suas principais características. Para tanto, trato do assunto no subitem que se segue.

4.2.1 Discurso neoliberal e globalização

Para Bourdieu (1998), o discurso neoliberal funciona como “doutrinação simbólica” – respaldada pela mídia, por intelectuais e mesmo por cidadãos comuns – e legitima certos pressupostos, como o de que o objetivo das ações humanas é o crescimento máximo, a competitividade e a produtividade; ou o de que a economia nada tem a ver com o social, que é deixado de lado, como “entulho”. A presença desses pressupostos no discurso neoliberal, como afirma o sociólogo, “tendem a fazer crer que a mensagem neoliberal é uma mensagem universalista de libertação” (p. 44).

O autor pontua que o discurso neoliberal estadunidense está inserido dentro de um projeto de envolvimento sistemático de grande influência na dinâmica política e cultural de outras nações. A doutrinação simbólica manifestada por esse discurso tende a legitimar o pensamento conservador, como a redução do Estado e o estímulo ao interesse privado.

O sociólogo esclarece que, na doutrina neoliberal, o Estado é reduzido, realidade, para ele, “ambígua”, já que não se pode pensar simplesmente que o Estado está a serviço dos dominantes ou é neutro. A sua força, conforme o autor, é medida pelo seu tempo de existência, pelo registro das conquistas em sua composição. No movimento contrário a essas conquistas, ou seja, contra as conquistas do *welfare state* (Estado-Providência), Bourdieu assinala que a globalização é a principal arma, funcionando como “um mito no sentido forte do termo, um discurso poderoso, uma ideia-força, uma ideia que tem força social, que realiza a crença” (p. 48).

Um pensamento da globalização, de acordo com o autor, é o retorno a antigas ideias do patronato fomentado pelo neoliberalismo. Ele cita o exemplo de revistas americanas, que estampam a classificação de patrões num quadro de honra pelo valor dos seus salários e pelo número de demissões efetuadas em suas empresas. Bourdieu (*op. cit.*) compara tal situação com as ocorridas nas “revoluções” conservadoras dos anos 30; com a diferença que, hoje, a revolução conservadora não mais invoca um passado idealizado, de exaltação da terra

e do sangue, mas, sim, levanta a bandeira do progresso, da razão, da ciência – no caso, a economia –, com o objetivo de respaldar uma restauração, a julgar como “arcaísmos” o pensamento e ação progressistas. Bourdieu descreve como a revolução conservadora atua nos dias de hoje:

Ela constitui como normas de todas as práticas, logo como regras ideais, as regularidades reais do mundo econômico entregue à sua lógica, à alegada lei do mercado, isto é, **a lei do mais forte**. Ela ratifica e glorifica o reino daquilo que se chama **mercados financeiros**, isto é, a volta a uma espécie de capitalismo radical, cuja única lei é a do lucro máximo, capitalismo sem freio e sem disfarce, mas racionalizado, levado ao limite de sua eficiência econômica pela introdução de formas modernas de dominação, como o *management*, e de técnicas de manipulação, como a pesquisa de mercado, o marketing, a publicidade comercial (p. 49-50, grifo meu).

A unificação dos mercados financeiros é proporcionada pela globalização, cuja atuação, segundo Bourdieu, possibilitada a diminuição do controle jurídico e do refinamento dos meios de comunicação de massa. No entanto, a unificação do mercado não o torna hegemônico, ressalta. Apenas a economia dos países ricos, mais acentuadamente, a dos Estados Unidos⁴⁵, dominam as regras do jogo financeiro, o que faz com que os mercados financeiros nacionais não possuam autonomia para manipular as taxas de juros, nem de intercâmbio. “A política de um Estado particular é largamente determinada pela sua posição na estrutura da distribuição do capital financeiro (que define a estrutura da distribuição do capital financeiro mundial)” (p. 54).

Petras/Veltmeyer (2000) mostram que, diferentemente do que pensam os ideólogos do neoliberalismo, que falhas do estatismo e virtudes inerentes do mercado propiciaram o surgimento do “mercado livre”, o “mercado livre” nasceu de forma imposta, na América Latina, em resposta à exitosa reforma social, sob violenta intervenção política (p. 27-28).

Washington, agindo de comum acordo com os militares latino-americanos, derrubou governos eleitos democraticamente no Chile, na Argentina, no Brasil e no Uruguai. Os ditadores recém-instalados, apoiados pelas instituições financeiras internacionais, passaram a dismantlar as barreiras sociais e protecionistas e a desnacionalizar os setores industriais e bancários, privatizando ativos públicos. Políticas de mercado livre foram implementadas e impostas por regimes draconianos que mataram milhares de pessoas, encarceraram e torturaram dezenas de milhares e forçaram milhões a exilar-se. Os vínculos políticos entre bancos, corporações multinacionais, capitalistas transnacionais latino-americanos e o Estado

⁴⁵ A crise econômica de 2008 abalou a economia dos Estados Unidos, mas o país ainda domina a economia mundial, mesmo que apresente relativo declínio.

foram fortalecidos, e as aspirações hegemônicas dos EUA viraram realidade (p. 28).

Dessa forma, os autores desmistificam a ideia de que o “novo modelo econômico” decorre de um mercado racional e eficiente para atestar que a nova configuração neoliberal oculta o verdadeiro caráter central da política neoliberal, marcado pela violência e interferência do estado imperial. Para Petras/Veltmeyer, o crescente investimento imperial advindo da compra de papéis de empresas privadas, da reivindicação do controle de bancos da AL e da invasão nos mercados, resulta da luta de classes, em âmbito nacional, da qual saem vitoriosas as forças imperiais, além de seus aliados locais. O resultado é a arquitetura de uma nova ordem econômica e sociopolítica que atenda aos interesses das forças imperiais.

No cenário da nova ordem imperial, a sua legitimidade é garantida pelas ideologias do novo discurso, o da globalização (PETRAS/VELTMEYER, *op. cit.*). Tal discurso se vale de argumentos e projeções relacionados ao desenvolvimento do capitalismo, os quais, na ótica dos autores, são passíveis de análise crítica. O primeiro argumento evidencia uma crise do modelo econômico anterior, o sistema “estadista-capitalista”, com vistas à implantação de novo modelo acumulativo, voltado menos para dentro, vinculado ao mercado mundial e ao setor privado (p. 29).

A necessidade de um intervalo para medidas drásticas como a baixa nos salários e o desemprego em massa no serviço público – com o fito de gerar crescimento econômico com base em nova dinâmica de concentração de renda, e uma promessa de largos prazos para fluxo de capital, que estimulariam melhores empregos –, é apresentada pelos autores como segundo argumento para o desenvolvimento do capitalismo. O terceiro afirma que a competitividade internacional de empresas da AL, acompanhadas pela “transformação produtiva”, conversão tecnológica, e pela “modernização”, desenvolveriam o consumo privado, estimulado pela baixa nos custos da produção e importações competitivas, que resultaria em maiores benefícios aos pobres, com aumento da renda real, por mais que, na prática, como esperado, persistissem as desigualdades sociais (Idem).

Ainda mais um argumento de garantia do capitalismo vem dos neoliberais, ao afirmarem que, uma vez estabelecida a nova ordem, políticas democráticas surgirão da liberalização da economia, junto a políticos responsáveis, cuja preocupação incidirá sobre a administração do sistema de mercado livre para não haver “cobranças demagógicas populistas irracionais” (p. 30). Petras/Veltmeyer ressaltam que, nessa nova interpretação da consolidação

do sistema imperial, entende-se que a adequação à transformação do sistema econômico permite que a economia da região participe da “nova onda da prosperidade” que toma conta do mundo (Idem). Porém, advertem os autores, a prática difere em muito do discurso. Na “nova onda de prosperidade”, ocorre uma grande divisão das novas formas de capital e trabalho, o que gera concentração de riqueza de um lado, e de outro, pobreza e miséria que se alastram profundamente.

Com isso, a retórica da globalização mascara o projeto de recolonização imperial, que não somente instaura um ciclo de acumulação capitalista na AL, mas cria oportunidades para expansão das forças do imperialismo no resto do globo. Por isso é que “a América Latina tem sido preparada não só para ser despojada de seus recursos, mas para ser o cenário para uma batalha iminente pelo mercado mundial entre os principais centros de poder capitalista e as aspirações e pretensões hegemônicas do capital norte-americano”, (Idem).

Petras/Veltmeyer salientam que a nova ordem imperial se equilibra sobre cinco patamares:

[...] pagamentos de juros da dívida externa, em grande escala e a longo prazo; maciças transferências de lucros resultantes de investimentos diretos e em ações e títulos; aquisição de participações e absorção de empresas públicas lucrativas e de empresas nacionais com problemas financeiros, bem como investimentos diretos em lojas que exploram seus funcionários, reservas de energia e indústrias manufatureiras lucrativas e de serviços que pagam baixos salários; a arrecadação de rendimentos provenientes de *royalties* em cima de grande variedade de produtos, patentes, artigos culturais, etc.; balanços de conta corrente favoráveis baseados no domínio de corporações e bancos norte-americanos na região por meio da ‘familiaridade’ com o mercado tradicional de laços históricos (Idem).

Desse modo, pôde-se compreender de que forma os Estados Unidos vêm se mantendo na liderança político-econômica do globo. Passo a discorrer sobre alguns aspectos históricos da relação entre EUA e América Latina, em especial, o Brasil.

4.3 A relação dos Estados Unidos com a América Latina

Objetivo, neste espaço, tecer comentários sobre a relação entre os Estados Unidos e a América Latina, a partir dos acontecimentos da Guerra Fria, quando as fronteiras econômicas da nação estadunidense já haviam se expandido para todas as regiões do sistema capitalista. No auge daquele período, os EUA estavam presentes na América Latina, no

Oriente Médio, na Europa e na Ásia (BANDEIRA, 2009). Isso significava, para o governo dos EUA, segurança em seus interesses e privilégios, abastecimento, mercado, propriedades, capitais advindos de empresas e concessões e a possibilidade de implantação de fábricas nas mais diversas localidades.

Bandeira (*op. cit.*) explica que a expansão do domínio econômico estadunidense foi possibilitada pelas conquistas tecnológicas que os EUA, Alemanha e outras potências industriais desenvolveram para, especificamente, atender às demandas sociais europeias no combate à influência da União Soviética e ao avanço do comunismo no mundo. No entanto, à medida que a expansão ajudava a construir o Estado de bem-estar nos EUA e na Europa Ocidental, gerava ônus para os países exportadores de matéria-prima, como explica o autor:

A construção do Estado de bem-estar social, porém, embora promovesse a ampliação do mercado interno nas potências industriais, resultou, também, na redução da taxa de lucro, o que contribuiu para fomentar a emigração de capitais para a periferia do sistema capitalista, onde havia estoques abundantes de força de trabalho e de matérias-primas. A transladação de plantas industriais para os países atrasados, visando principalmente ao barateamento dos custos de produção e à recuperação da taxa média de lucro, concorreu, juntamente com a substituição da força de trabalho por técnicas intensivas de capital, para o aumento do desemprego na Europa e nos Estados Unidos (p. 197).

De acordo com Bandeira (*op. cit.*), o problema do desemprego atrelado ao crescimento do capitalismo, influenciou a transformação das indústrias transnacionais em virtude do surgimento dos *new industrializing countries* (novos países industrializados) e da nova divisão internacional do trabalho. Assim, enquanto as fábricas, sobretudo de bens duráveis de consumo, eram transferidas para os países mais atrasados – coloniais, semicoloniais e em desenvolvimento – as potências capitalistas conservavam o monopólio da tecnologia, da produção de bens de capital e do sistema financeiro.

O Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), que compõe o Banco Mundial – criados por meio do Tratado de Bretton Woods, em 1944 –, funcionavam como importantes ferramentas para manutenção da estrutura da economia mundial, sintonizada com os interesses e conveniências dos EUA. Por causa de sua total liberdade econômica, ressalta Bandeira (*op. cit.*), os EUA contribuíam para a crescente desigualdade entre as nações, as mais pobres, denominadas de Terceiro Mundo, dentre as quais, os países da América Latina (AL).

O autor mostra que a AL foi uma região particularmente afetada pelas políticas dos EUA, que exerciam o liberalismo econômico, por meio do autoritarismo político, dos golpes militares, sempre a serviço dos homens de negócio (p. 199). No contexto da Guerra Fria, os investimentos do BIRD, nos setores industriais e de infraestrutura, segundo a pesquisadora Mônica Martins⁴⁶, eram destinados aos governos aliados do bloco ocidental, cujo líder eram os EUA. Daí os primeiros países a receber os recursos do BIRD terem sido Brasil, Chile, México e Colômbia, onde, por sinal, o antiamericanismo se exacerbava, como exemplifica Bandeira:

As violentas demonstrações de massa contra o vice-presidente Richard Nixon, quando, em maio de 1958, ele realizava uma visita de cortesia a alguns países da América Latina, revelaram o nível que o ressentimento contra os Estados Unidos atingira. A começar pela Argentina, Nixon foi hostilizado no Uruguai, no Equador, na Colômbia, no Peru e na Venezuela. [...] Tais manifestações, conforme compreendeu o secretário de Estado assistente para os Assuntos Interamericanos, William Snow, resultaram de vários fatores combinados, entre os quais as relações passadas e presentes dos Estados Unidos com as ditaduras nos países da região e a outorga de asilo político aos ditadores, entre os quais Pérez Jiménez, da Venezuela (BANDEIRA 2009, p. 200).

O autor destaca que a CIA, durante o governo de Lyndon Johnson, articulou o golpe militar de 1964, no Brasil, contra o presidente João Goulart. O marechal Humberto Castelo Branco representaria, então, “na América Latina, o veículo de propagação das diretrizes estratégicas do Pentágono (p. 271)”. A partir daí, a soberania americana ultrapassaria as fronteiras geográficas dos Estados para intervir política e ideologicamente em qualquer regime ameaçado por movimentos comunistas ou afins, ou seja, que tentasse contestar as fronteiras ideológicas americanas. Assim Washington, como assinala o autor, mantinha a coesão do sistema capitalista, sob seu poder hegemônico.

Segundo relatório do Bureau Internacional do Trabalho, citado por Bandeira (*op. cit.*), no início dos anos 1970, mais de 700 milhões de pessoas viviam na extrema pobreza no Terceiro Mundo, em virtude do cartel das grandes potências industriais, dentre as quais, os EUA, de explorar o capital financeiro na região. Depois de uma década, o número passaria a 800 milhões, conforme relatório do próprio Banco Mundial, também registrado pelo autor. A

⁴⁶ De acordo com o artigo I dos Estatutos Constitutivos reformulados, compete ao BIRD: “dar assistência à reconstrução e ao desenvolvimento das nações-membros, facilitando o investimento de capital para fins produtivos, promover o crescimento equilibrado do comércio internacional, no longo prazo, e manter o equilíbrio da balança de pagamentos” (Cf. http://www.cedep.ifch.ufrgs.br/Textos_Elet/Alas/Monica%20Dias%20Martins.pdf. Acesso em: 03 mar. 2012).

estimativa do número de pobres na América Latina, na época, era de 100 milhões de pessoas e, em todo o hemisfério sul, 40% da população.

A renúncia do presidente Nixon, após *Watergate*, que revelou os crimes e abusos cometidos pela CIA e pelo FBI, a exemplo da violação dos direitos humanos institucionalizados na América Latina, impulsionou a impopularidade dos EUA. Momento propício, conforme Bandeira, para o então candidato Jimmy Carter trabalhar a restauração da imagem do país ao introduzir um discurso em prol dos direitos humanos e em defesa da liberdade.

A questão dos direitos humanos passou, então, a ser o ponto central da política exterior dos EUA. Mas, como adverte o autor:

Carter não conseguiu, porém, dominar toda a máquina administrativa e seus esforços para implementar a política de direitos humanos sofreram muitos constrangimentos e restrições. Embora suspendesse o fornecimento de material bélico à Argentina e a outros países da América Latina em que havia violações dos direitos humanos, Irã, Filipinas, Coreia do Sul e Zaire, onde também as ditaduras cometiam todos os tipos de abusos e tropelias, continuaram a receber armamentos em abundância, devido a sua importância estratégica para os Estados Unidos (p. 381-382).

A realidade econômico-mundial obedeceu aos interesses da máquina de guerra americana, posto que, de acordo com Bandeira, o militarismo representava para os EUA o meio de garantir a prosperidade de suas empresas privadas e a redução do desemprego, mediante o fornecimento de armamentos e de projetos militares. Depois da Guerra Fria, seriam criados outros pretextos para a intervenção armada. A ameaça do comunismo internacional cedeu espaço para a ameaça do terrorismo islâmico como fenômeno internacional.

Bandeira ratifica que o surgimento e recrudescimento do terrorismo islâmico, que ele alcunhou de “grande Satã” (p. 504), foi concebido pela expansão do poderio americano ao subjugar outras regiões do globo, frequentemente aquelas produtoras de gás e petróleo, como o Oriente Médio. O discurso do terrorismo, assim, encobriria as ações estratégicas dos EUA, que visavam forjar vínculos estreitos com regimes impopulares e antidemocráticos do Oriente, para promoção de seus interesses políticos e econômicos.

Feito o comentário a respeito de pontos importantes da relação entre EUA e América Latina, apresento, no item a seguir, alguns aspectos da relação daquele país com o Brasil, a partir da década de 1990, quando da redemocratização do Estado brasileiro. O

recorte histórico se justifica pelo tamanho do escopo deste espaço que não comportaria uma descrição demasiado longa da relação entre os dois países, que se dá desde o Brasil Império.

4.3.1 A relação dos Estados Unidos com o Brasil

No fim da década de 1980, o Brasil, acompanhado pela maioria dos países da América Latina, se encontrava em crise em virtude da estagnação econômica e do processo inflacionário, ocasionado pela fuga crescente de capitais estrangeiros e nacionais, o que impedia o atendimento aos serviços da dívida externa estadunidense (BANDEIRA, *op. cit.*). Eram os efeitos da onda neoliberal na América Latina que, durante o governo Fernando Collor de Mello, alinhou a política externa brasileira à política econômica globalizada estadunidense. Cervo (2003) caracteriza esse período da política externa brasileira como o “triunfo do monetarismo sobre o estruturalismo” (p. 11), em que a funcionalidade do Estado é reduzida a prover a estabilidade econômica, leia-se, estabilidade monetária.

Já no governo Itamar Franco, de acordo com Milani (2011), houve oscilação entre a tentativa de revalorização da dimensão nacional e soberana da política externa brasileira e o respeito às instituições multilaterais. Ele explica que essas duas movimentações contribuíram para a perda de autonomia nas decisões estratégicas dentro e fora do país.

O retorno ao alinhamento com a política externa estadunidense caracteriza o governo Fernando Henrique Cardoso. Segundo Milani (*op. cit.*), FHC procurou priorizar as relações com os Estados Unidos – os aspectos de discordância eram apenas setoriais – e com a Europa Ocidental. O multilateralismo moderado de sua política externa garantia um bom relacionamento com Bill Clinton, nos Estados Unidos, e com Tony Blair, na Inglaterra.

Cervo (*op. cit.*) ressalta que as relações econômicas internacionais do Brasil, impetradas no governo FHC, destruíram o patrimônio nacional, em virtude dos mecanismos de privatização das empresas públicas terem ido além das exigências do centro de comando capitalista ao darem preferência ao capital de empresas estrangeiras. Ademais, essa abertura ao capital do mercado financeiro e dos bancos foi acompanhada pelo livre fluxo de capital especulativo, como explica o autor:

A especulação e a alienação de ativos de empresas privatizadas ou de empresas privadas vendidas ao exterior abriram, naturalmente, duas novas vias de transferência de renda ao centro, que se somaram à tradicional via

dos serviços da dívida externa. A renda do país passou a migrar para fora também pela via dos dividendos e do movimento de capitais. [...] Sem projeto de desenvolvimento e sem recursos, a era Cardoso [...] provocou a estagnação da economia brasileira e interrompeu um ciclo de sessenta anos de desenvolvimento caracterizado pelas mais elevadas taxas de crescimento entre os países do mundo capitalista (p. 18).

As características neoconservadoras da geopolítica do governo Bush reavivaram as tensões em torno da posição imperialista e unilateral de sua doutrina de segurança nacional (MILANI, *op. cit.*). Apesar de ter aderido parcialmente ao Consenso de Washington⁴⁷, o governo FHC não foi favorável à política estadunidense de combate ao terrorismo. Bandeira (2004) destaca que, cerca de um mês depois dos atentados de 11 de setembro, o presidente brasileiro disse que “era mais fácil ‘ideológica e politicamente’ negociar acordos comerciais com a União Europeia do que com os Estados Unidos” (p. 221).

De acordo com o autor, FHC havia reconhecido que as negociações com a UE eram menos arriscadas para a soberania do Brasil do que as realizadas com os EUA, naquele contexto, para a formação da Área de Livre Comércio da América (ALCA), que, na sua opinião, apenas favoreciam os interesses de potências, como os EUA e o Canadá. Bandeira acrescenta que o presidente ainda declarou, à época, que “a barbárie não é somente a covardia do terrorismo, mas também a intolerância ou a imposição de políticas unilaterais em escala planetária” (Idem), as quais somente poderiam ser impostas pelos EUA.

No governo Lula, ressalta Milani, a política comercial e macroeconômica brasileira ganha confiança de investidores no cenário externo. Na relação com os EUA, prevalece o multilateralismo e o bilateralismo, baseado na “reciprocidade”, por meio da qual a manutenção do livre comércio deveria atender aos interesses dos diferentes Estados. O autor destaca que a posição comercial brasileira gerou confrontos com a política dos EUA, como no caso da integração das Américas, a respeito da presença da Venezuela e da Aliança Bolivariana para as Américas (Alba). O novo ajuste da relação entre os dois países foi resultado da postura negligente do governo Bush em relação à América do Sul, conforme o autor. “As relações Brasil-Estados Unidos permaneceram relevantes nas agendas da PEB⁴⁸ -

⁴⁷ As reformas estruturais recomendadas aos países devedores da dívida externa, pelo que se convencionou chamar Consenso de Washington, previam, grosso modo, uma desregulamentação da economia, privatização das empresas públicas e a liberalização unilateral do comércio exterior (BANDEIRA, 2009).

⁴⁸ Política Externa Brasileira.

Lula; porém, teriam deixado de ser prioritárias e norteadoras das estratégias diplomáticas nacionais” (p. 80).

Milani argumenta que a mudança de rumo na relação Brasil-Estados Unidos continuou no governo Lula, dentre outros aspectos, por causa das negociações comerciais hemisféricas e da posição crítica do governo com relação à guerra do Iraque e ao posicionamento estadunidense nos conflitos entre Venezuela e Colômbia. Atritos também surgiram quando o Brasil e a Índia, líderes da revolta dos países em desenvolvimento contra os Estados Unidos e Europa, em termos do subsídio agrícola, criaram o G-20 – composto por países industrializados e emergentes, a saber, África do Sul, Alemanha, Arábia Saudita, Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, China, Coreia do Sul, França, Índia, Indonésia, Itália, Japão, México, Rússia, Turquia, Reino Unido, Estados Unidos e União Europeia – criado como resposta à crise financeira do fim da década de 1990.

Com isso, passo a argumentar sobre a eleição de Barack Obama nos EUA, em 2008, e a repercussão desse governo na relação com o Brasil.

4.4 A eleição de Barack Obama nos Estados Unidos

O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, ganhou a eleição para um dos cargos de maior visibilidade mundial, numa disputa em que o emblema “Yes, We Can”, ecoou pelo mundo. Era o início de uma era política marcada pela eleição do primeiro negro a ocupar a Casa Branca, cuja missão mais imediata era conter a crise econômica do capitalismo, recuperando a confiança do povo estadunidense em seu próprio governo e esforçando-se por manter o poder hegemônico dos EUA.

A eleição do primeiro presidente afro-americano se dá num contexto em que a segregação racial é parte da história do passado recente dos EUA. Obama foi também o primeiro negro a presidir a revista da Escola de Direito Harvard, ocasião em que se sentiu estimulado a percorrer o caminho das letras e veio daí o seu primeiro livro, *A Origem dos Meus Sonhos*, que surgiu...

[...] com a convicção de que meus esforços para compreendê-la (a sua eleição), poderiam mostrar, de alguma maneira, as fissuras entre as raças que caracterizaram a experiência norte-americana, bem como o estado fluido de identidade – a transposição de obstáculos através do tempo, o choque de culturas – que marca a nossa vida moderna (OBAMA, 2008, p. 9).

Depois de formado, exerceu direito cível numa pequena firma em Chicago e foi professor de direito constitucional na Universidade daquela cidade. Anos antes, em 1985, organizou o Projeto Desenvolvendo Comunidades, um grupo patrocinado por igrejas que trabalhava para melhorar as condições de vida de moradores de bairros pobres.

Na ascensão aos cargos eletivos, Obama seguiu a trilha que se assemelha a história de políticos no mundo. Formou base nas lideranças comunitárias, enfrentou a descrença de vencer trabalhando para pessoas de baixa renda e com discurso convincente conquistou uma cadeira na Assembleia Legislativa de Illionois.

Seis anos depois, em 1996, conquista uma cadeira no Senado estadual de Illinois. No Legislativo, tomou como bandeira o bem-estar social e a ética. Tornou obrigatória a gravação eletrônica de interrogatórios policiais e confissões em investigações de homicídio. Conseguiu aprovação para a reformulação do sistema de pena de morte e expansão do programa de assistência à saúde da criança.

Em 2000, é derrotado no Congresso ao disputar uma vaga com um democrata candidato à reeleição. Fortalecido, quatro anos depois, conquista uma vaga altamente disputada no Senado, recebendo 53 por cento dos votos das primárias democratas, sendo que a disputa envolvia oito candidatos. A vitória foi considerada fácil. O *National Journal* chegou a classificá-lo como o senador estadunidense mais de esquerda.

No dia dez de fevereiro de 2007, Obama anuncia sua candidatura à presidência dos Estados Unidos da América, antes vencendo a senadora por Nova York, Hillary Clinton, tida como favorita para a indicação presidencial pelo Partido Democrata. Conquistou recursos para a campanha e atraiu simpatias com discurso de oposição à guerra do Iraque e à política divisora, marca dos últimos 40 anos de história dos EUA.

Obama foi eleito presidente dos Estados Unidos em quatro de novembro de 2008, com a maior participação popular na história das eleições dos EUA, em meio a mais grave crise econômica desde o *crash* da Bolsa de Nova York, em 1929. O desafio maior era corresponder à grande expectativa da população, que depositara no presidente democrata a esperança de encontrar soluções viáveis para problemas tão complexos quanto à ameaça de recessão, a guerra no Iraque e o combate ao terrorismo.

Na primeira gestão, Obama herdou um déficit orçamentário de cerca de US\$ 1 trilhão. A popularidade de seu governo sofreu baixas ao longo dos quatro anos, devido à crise

econômica, que provocou queda da renda da classe média em torno de 28%. A persistência do déficit e o Congresso dividido comprometeram suas aspirações, pondo em cheque suas promessas. No entanto, a vontade de fazer diferença lhe reconduziu ao cargo.

Obama conquista vitória apertada, recebendo 50% dos votos contra 49% de Romney, nacionalmente, após uma campanha em que os candidatos e seus aliados gastaram juntos US\$ 2 bilhões. No entanto, no sistema de Colégio Eleitoral em que a escolha presidencial é feita Estado a Estado, Obama conseguiu uma vitória confortável. Além do déficit, a meta foi de reduzir a dívida nacional de US\$ 16 trilhões, revisar gastos significativos em programas sociais e lidar com um Congresso dividido – os democratas mantêm o controle do Senado, com 100 cadeiras, já que tomaram vagas que eram dos republicanos nos Estados de Massachusetts e Indiana, além de terem mantido as que já tinham, incluindo a Virgínia e o Missouri.

Em sua nova gestão, persistem os problemas na economia interna e externa, somados as altas taxas de desemprego e a queda nas exportações:

[...] as falências de indústrias e empresas do setor financeiro, e a corroída imagem dos Estados Unidos em praticamente todos os continentes. É neste cenário que Barack Obama, presidente reeleito, toma posse para seu segundo mandato como presidente dos Estados Unidos da América⁴⁹.

Nos próximos quatro anos, Obama terá como desafio resolver a questão do desemprego – cujos números no país giram em torno dos 7,9%, sendo ainda bastante lenta a geração de empregos – e a questão do desarmamento. Até o fim de 2012, havia mais de 350 milhões de armas em circulação nos EUA. Há ainda a preocupação com o Irã e a fabricação de armas nucleares.

Obama, em seu segundo mandato, segue apoiando-se na crença da igualdade de condições no âmbito interno. Ele defende o casamento entre pessoas do mesmo sexo e renda digna para todos os americanos. Ainda se torna desafio conseguir reunir apoio necessário para superar a crise econômica, e obter a maioria, numa política americana dividida.

Uma vez contextualizada a eleição de Barack Obama nos Estados Unidos, segue-se o comentário da política internacional de seu primeiro mandato, com foco nas relações com

⁴⁹ DINIZ, Janguê. Disponível em: <<http://jornaldehoje.com.br/obama-e-os-desafios-do-segundo-mandato-janguie-diniz-mestre-e-doutor-em-direito-fundador-e-acionista-majoritario-do-grupo-ser-educacional-janguiesereducacional-com>> Acesso em: 01 Fev. 2013.

a América Latina, com o fito de demonstrar a forma como vem sendo desenvolvida a relação entre as duas regiões, que justificou a visita de B. Obama à AL em 2011.

4.4.1 A política internacional de Barack Obama para a América Latina

A vitória de Barack Obama alimentou novas esperanças quanto à possibilidade de estreitamento da relação de cooperação com a América Latina, que se distanciava da presunção hegemônica e da política da Guerra Fria. O fato de ser o primeiro afrodescendente a ocupar a Casa Branca – com forte apelo de seu marketing político – motivou a expectativa em torno de uma condescendência com as demandas de longo prazo dos países americanos (COLOMBO/FRECHERO, 2012).

Em resposta à aspiração por um governo que se diferenciava do seu antecessor, o discurso de campanha de Obama se valeu da proposta de mudança, em especial, quanto à renovação da liderança dos EUA nas Américas⁵⁰. Dentre os pontos da proposta, estão “o acordo energético multilateral, a revisão dos tratados de livre-comércio em negociação, o aumento da ajuda, uma renovada política para Cuba e, por último, porém não menos relevante, a realização da postergada reforma imigratória” (p. 191).

Segundo os autores, a primeira medida drástica anti-Bush na AL foi a disposição, que não se efetivou, para o fechamento da prisão cubana de Guantánamo. Antes do anúncio de fechamento da prisão, Obama aproxima os EUA de Havana, ao permitir viagens, enviar remessa e promover a gestão de serviços de telecomunicação. Em 2003, propõe retomar a negociação das imigrações no país, as quais não foram tratadas por Bush, e revoga a expulsão de Cuba da Organização dos Estados Americanos (OEA).

No entanto, enfatizam Colombo/Frechero (*op. cit.*), o entusiasmo proporcionado pelas novas medidas de Obama logo cedeu margem ao retorno da suspeita imperialista estadunidense, em virtude dos eventos que sucederam a V Cúpula das Américas, como o anúncio de acordo, no valor de R\$ 40 milhões, para os EUA fazerem uso de bases militares na Colômbia durante dez anos. O medo de nova intervenção militar na América do Sul fez com

⁵⁰ O discurso *Renewing U.S. Leadership in the Americas* (Renovando a Liderança dos EUA nas Américas) foi proferido em 28 de maio de 2008 na Fundação Cubano Americana, por meio do qual Obama intenta conquistar os votos dos latinos, criticando o governo Bush de ter demonstrado empenho “negligente com nossos amigos, ineficaz com nossos adversários, desinteressado nos desafios que importam para as pessoas e incapaz de promover nossos interesses na região” (OBAMA, 2008 apud COLOMBO/FRECHERO, 2012).

que os governos do Cone Sul reagissem por meio da União de Nações Sul-Americanas (Unasul). O acordo acabou sendo invalidado pela Corte Constitucional da Colômbia.

Como resultado, no final do primeiro ano de gestão, já era palpável a ausência absoluta de uma nova política hemisférica, o que nem mesmo a demorada designação de Arturo Valenzuela como responsável por Assuntos Hemisféricos no Departamento de Estado pode encobrir; mais precisamente, os eventos referidos foram dando suporte à ideia de uma continuidade fundamental no que diz respeito à negligência, à ineficácia e ao desinteresse, que haviam sido denunciados pelo próprio Obama em 2008 (Idem, p. 194).

Nesse período, o Brasil se uniu aos países antipáticos ao governo dos EUA, Cuba, Venezuela e Bolívia, para criticar a falta de uma política hemisférica estadunidense, como foi proposta na campanha de Obama. Somado a isso, Obama não expandiu o serviço exterior. A exemplo, Colombo/Frechero (*op. cit.*) destacam o reduzido número de visitas feitas por Obama à AL durante seu primeiro mandato. Apenas seis nações latino-americanas foram visitadas. Na Europa, doze países receberam o presidente dos EUA em seu primeiro mandato.

Na América Latina, o México recebeu três visitas (duas em 2009 e uma em 2012), Trinidad e Tobago, recebeu uma (em 2009) e o Brasil⁵¹, Chile e El Salvador foram visitados na mesma oportunidade num giro oficial, em 2011. Colômbia também foi visitada uma única vez, em 2012. Os autores ressaltam que o giro oficial de 2011 – cujo objetivo era o de estreitar laços econômicos e políticos no Brasil e em Santiago – não logrou êxito, já que gerou insatisfação em virtude dos ataques militares à Líbia.

Mesmo tendo sido estabelecido pouco contato diplomático com os países latino-americanos no primeiro mandato de B. Obama, Colombo/Frechero apontam evidências do interesse político externo dos EUA pelos países da AL, como a transferência monetária oficial, fomentada pela ajuda militar-policia e econômico-social.

Obama comprometeu-se durante sua campanha a aumentar essa ajuda, que já vinha em alta desde os anos de Bush. De acordo com dados disponibilizados pelo site Just The Facts, assim foi feito para o orçamento do ano fiscal de 2012, aumentando em 10% a ajuda militar (para 1,6 bilhão de dólares) e em 50% a econômica (para 2,695 bilhões de dólares), em comparação com o ano anterior, alcançando, com isso, um pico total de 4,297 bilhões [...]. No entanto, provavelmente por efeito da grande crise econômica e da crescente autoconsciência acerca da debilidade fiscal de Washington, desde então o orçamento de ajuda para a América Latina teve uma redução drástica, acumulada em 47%, nos anos de 2011, 2012 e 2013 (Idem, p. 196).

⁵¹ O *corpus* desta pesquisa provém dessa visita de Barack Obama ao Brasil na comitiva que também visitou os países Chile e El Salvador.

Contudo, Colombo/Frechero assinalam que a retórica conciliatória de Obama não corresponde à manutenção do poder hegemônico que ele implementa em seu governo, que dá prosseguimento, por exemplo, à campanha militarista e ao controle político-econômico global. Nesse sentido, os autores evidenciam que a AL caminha a passos largos para sair do “pátio traseiro” e ocupar o lugar da “vizinhança”.

Para observar mais detidamente outros aspectos da política externa do governo Obama em relação ao Brasil, passo a comentá-los no subitem que se segue.

4.4.2 A relação Brasil-EUA no governo Barack Obama

Milani (2011) expõe que, com a eleição de Barack Obama, apesar da expectativa em torno de uma melhoria nas relações entre as duas nações, a agenda inicial de anúncio de cooperação potencial, no caso do Brasil, perdeu destaque, tornando-se uma normalização institucional (p. 81). A causa apontada pelo autor deriva da forte oposição dos republicanos às propostas de Obama, no plano interno, atrelada à crise financeira dos EUA e à pressão exercida pela indústria militar estadunidense. O autor chama atenção para o caso de Honduras, que considera como “divisor de águas” na relação Brasil-EUA. O governo estadunidense reconheceu o representante eleito Porfirio Lobo e o Brasil, ao contrário, defendeu como presidente Manuel Zelaya.

Voltando à mudança de fisionomia da América Latina, apontada no subitem anterior, Colombo/Frechero afirmam que a autonomia que vem sendo conquistada, principalmente, pelos países latino-americanos tidos como autônomos, Brasil, Venezuela e Argentina, é consequência tanto da atenção dos EUA às guerras do Oriente Médio e na Ásia Central como do desempenho econômico próprio desses e de outros países da AL. Com isso, a política externa estadunidense, não somente está fragmentada em âmbito doméstico, mas ainda encontra cada vez menos interlocutores governamentais simpáticos às suas ações.

Mais propriamente no Brasil, Milani ressalta que, entre 2003 e 2010, as relações Brasil-EUA não mais seriam o aspecto central das políticas diplomáticas do país, resultado de uma maior independência econômica, reforçada pelo regionalismo sul-americano e pelas alianças estratégicas, como o Fórum de Diálogo Índia-Brasil-África do Sul (Ibas) e o Agrupamento Brasil-Rússia-Índia-China-África do Sul (BRICS). Para Hirst (2009 apud

Milani, 2011), apesar de divergências no âmbito do comércio, o Brasil, no governo Lula, procurou manter uma agenda positiva com os EUA, que não resultou em confronto direto entre os dois países, mas em inserção soberana e autonomia política do Brasil frente ao mercado financeiro internacional. Colombo/Frechero (*op. cit.*) ressaltam que, para a Casa Branca, o Brasil passou a representar um forte interlocutor regional para assuntos de segurança, democracia, comércio hemisférico e desenvolvimento, que também compartilha a preocupação com “a estabilidade financeira, a mudança climática e a reforma de instituições multilaterais” (O’NEIL, 2010, p. 3 apud COLOMBO/FRECHERO, 2012).

Porém, Colombo/Frechero ressaltam que as ações prioritárias de inserção internacional para o Brasil são as relacionadas à América do Sul. É uma preocupação brasileira apostar em novas lideranças que articulem e integrem uma base para a potencialização da competitividade econômica, bem como para a ampliação do alcance de sua autonomia política frente às negociações internacionais (p. 206).

Nesse contexto, a relação bilateral entre Brasil e Estados Unidos recebeu um impulso durante o segundo mandato de Bush, com suas visitas ao país sul-americano em 2005 e 2007, quando celebrou, com Lula, acordos nas áreas de educação, ciência e tecnologia e, em especial, biocombustíveis. Ambos os governos selaram, então, o que ficou conhecido como a Aliança do Etanol, mas que, em termos práticos, implicou em uma diminuição das barreiras tarifárias à importação do etanol brasileiro por parte dos Estados Unidos (Idem).

Colombo/Frechero advertem que a relação Bush-Lula, ainda que aparentemente boa, permaneceu estagnada mesmo após a eleição de B. Obama. Dentre as razões já citadas neste capítulo, os autores destacam a forte mudança na relação bilateral comercial brasileira, na qual os EUA, depois de oitenta anos, cederam o posto de líder para a China, segunda economia mundial, que, em 2011, trocou com o Brasil 77 bilhões de dólares, enquanto os EUA trocaram 60 bilhões de dólares. O Brasil exemplifica, assim, a perda gradual dos EUA para a China em se tratando dos mercados latino-americanos.

Passo agora a retratar a visita de Obama ao Brasil, com o fito de contextualizar o *corpus* desta pesquisa, o pronunciamento do presidente no Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

4.4.2.1 A visita de Barack Obama ao Brasil

O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, visitou nosso país pela primeira vez, em março de 2011. A visita fazia parte de uma agenda de encontros com os presidentes latino-americanos Sebastián Piñera, no Chile, Mauricio Funes, em El Salvador, além da presidenta brasileira Dilma Roussef. Aqui, especificamente, o propósito era o de estreitar relações econômicas e políticas para uma ampliação do comércio e dos investimentos, frente ao avanço econômico chinês no Brasil, como comentado no subitem anterior.

Hoje a China é a segunda potência econômica mundial e um dos maiores parceiros comerciais do nosso país. As exportações chinesas para América Latina e Ásia vêm sendo impulsionadas pela redução das exportações para os países desenvolvidos em crise: os países da União Europeia e os EUA. Como resposta, pois, a esse cenário econômico desfavorável, Obama visita a América Latina, no intuito de estreitar alianças.

Em solo brasileiro, B. Obama discursou para uma plateia de, aproximadamente, 2400 pessoas, dentre artistas globais, políticos, empresários, socialites e jornalistas, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. A princípio, o presidente faria um discurso aberto ao público, na Cinelândia, no Centro do Rio. No entanto, o local foi alterado de última hora.

A embaixada americana no Brasil justificou a mudança, à época, “devido a uma série de preocupações sobre a realização do evento ao ar livre⁵²”, conforme nota divulgada pela imprensa brasileira. No entanto, acredita-se que a mudança tenha sido motivada pela possibilidade de protestos contra a decisão da Organização das Nações Unidas (ONU) de aprovar sanções militares da Líbia.

Colombro/Frecherro (2012) esclarecem que a visita de Obama no Brasil não resultou em grandes acordos. Houve somente uma aproximação simbólica às áreas de comércio e de investimentos com sinalização para futuras negociações:

Não houve avanços nos pontos que haviam elevado as relações a um novo nível - as disputas comerciais por aço e bens agrícolas -, tampouco no plano político, com relação ao velho desejo do Brasil de ter um assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Pior ainda, o início da intervenção na Líbia, autorizada por Obama quando estava no solo brasileiro, chocou-se com a recusa de Brasília a apoiar a resolução para o

⁵² Cf. <http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,discurso-de-obama-na-cinelandia-e-cancelado,693853,0.htm>. Acesso em: 04 mar. 2012.

uso da força. Depois desses episódios, não houve ações significativas de abertura da parte de Washington que tendam a modificar o distanciamento.

Em seu pronunciamento para os brasileiros, Obama procurou fortalecer a aliança, especialmente, econômica entre as duas nações – Brasil e Estados Unidos. Com esse intuito, exaltou a relação entre os dois países, enaltecendo ideais democráticos e semelhanças históricas, de modo a destacar a importância do Brasil no cenário econômico mundial. Veremos as nuances desse pronunciamento por meio do exame da forma pela qual a alteridade, a exotopia e a entonação ajudam a entender como são construídas imagens do Brasil no último capítulo desta pesquisa.

5. Análise das imagens da nação brasileira sob a lente estadunidense a partir do pronunciamento de Barack Obama no Brasil em 2011

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam
Stuart Hall

Neste capítulo, apresento a análise do *corpus* desta pesquisa, o pronunciamento do presidente Barack Obama em visita ao Brasil, em março de 2011. Antes, descrevo o percurso metodológico escolhido para se chegar aos dados necessários que me levam a responder à pergunta de pesquisa – que imagens são formadas no pronunciamento do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, em visita ao Brasil, em 2011, a partir das categorias bakhtinianas alteridade, exotopia e entonação? A resposta à pergunta de pesquisa ainda encontra respaldo nas teorias sociais, políticas e antropológicas apresentadas nos capítulos anteriores desta pesquisa, as quais também guiam a análise das imagens do Brasil na enunciação de Obama.

5. 1 Aspectos metodológicos

5.1.1 Pesquisa

A abordagem adequada à presente pesquisa é a qualitativa. Nesse tipo de abordagem, o pesquisador se preocupa com uma realidade não quantificável (COSTA e COSTA, 2001), ao mesmo tempo em que busca a compreensão de um fenômeno.

Miles e Huberman (1994) ressaltam que a pesquisa qualitativa possibilita descrever uma realidade específica, auxiliando o pesquisador a superar compreensões iniciais de modo a revisar teorias utilizadas anteriormente. Isso é propiciado pelo fato de o pesquisador trabalhar com dados descritivos, sob o contato direto com o objeto de estudo investigado, com enfoque no processo, e não no produto, e sem existência de hipóteses definidas previamente (GIL, 2002).

Em virtude do objetivo geral de minha pesquisa – examinar de que forma a exotopia, a alteridade e a entonação ajudam a entender como são construídas imagens do Brasil, tomando como base o discurso do presidente Barack Obama, proferido no Brasil em 2011 –, esta assume caráter exploratório. Segundo Gil, a pesquisa exploratória tem como foco permitir que o pesquisador se familiarize com o problema de modo a torná-lo mais explícito.

A forma de desenvolvimento da pesquisa exploratória pretendida neste estudo é a pesquisa bibliográfica (GIL, 2008). Por meio dela, poderão ser descobertas experiências práticas com problemas e análises semelhantes que estimulem a compreensão acerca do problema aqui proposto.

5.1.2 Categorias de análise

O arcabouço teórico desta pesquisa é pautado na visão de M. Bakhtin e de seu Círculo de que linguagem e sociedade estão estreitamente relacionadas, sendo a língua um fato social e histórico. Nesse sentido, a fala, a enunciação, é de natureza social, não individual, ligada às condições de comunicação e às estruturas sociais. Ela existe no interior de um contexto social, no qual há sempre um locutor que pensa e se dirige a um interlocutor socialmente definido (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010).

É por meio dessa visão social da linguagem, na qual é central a interação com o outro, que se insere a macro-categoria linguística a ser utilizada em minha análise, a *exotopia* (distância, distanciamento, extralocalidade), que diz respeito ao excedente de visão que o outro possui, ao qual eu não tenho acesso, que me completa de sentido, me dá acabamento. Por estar de fora, o outro me tem acesso além do que eu posso enxergar, porque, de onde estou, não alcanço toda a minha dimensão. Dessa forma é que os sentidos somente podem ser formados pela *alteridade*.

A *alteridade*, a relação eu-outro, é a segunda categoria de interesse para a análise aqui proposta. Ao lado da *exotopia*, é pensada, em Bakhtin (2011), a partir da dimensão literária da relação autor /personagem (herói). Aqui, tal relação é estendida à análise de outros tipos de relação alteritária, como a política, objeto de minha pesquisa:

[...] relação de uma tensa distância do autor em relação a todos os elementos da personagem, de uma distância no espaço, no tempo, nos valores e nos sentidos, que permite abarcar integralmente a personagem, difusa de dentro

de si mesma e dispersa no mundo preestabelecido do conhecimento e no acontecimento aberto do ato ético, abarcar a ela e sua vida e completá-la até fazer dela um todo com os mesmos elementos que de certo modo são inacessíveis a ela mesma e nela mesma: com a plenitude da imagem externa, o fundo que está por trás dela, a sua relação com o acontecimento da morte e do futuro absoluto, etc., justificá-la e acabá-la desconsiderando o sentido, as conquistas, o resultado e o êxito de sua própria vida orientada para o futuro. (p. 12, grifo meu).

A última categoria de interesse para a pesquisa, a *entonação*, representa “a modalidade apreciativa sem a qual não haveria enunciação” (YAGUELLO in BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 16). Isso porque a significação está atrelada ao relacionamento dentro de uma situação socialmente determinada, ao conteúdo ideológico e à *entonação*, a qual revela o sentido das palavras, do pensamento, pois, por meio dela, é possível perceber as ideologias veiculadas pelos signos.

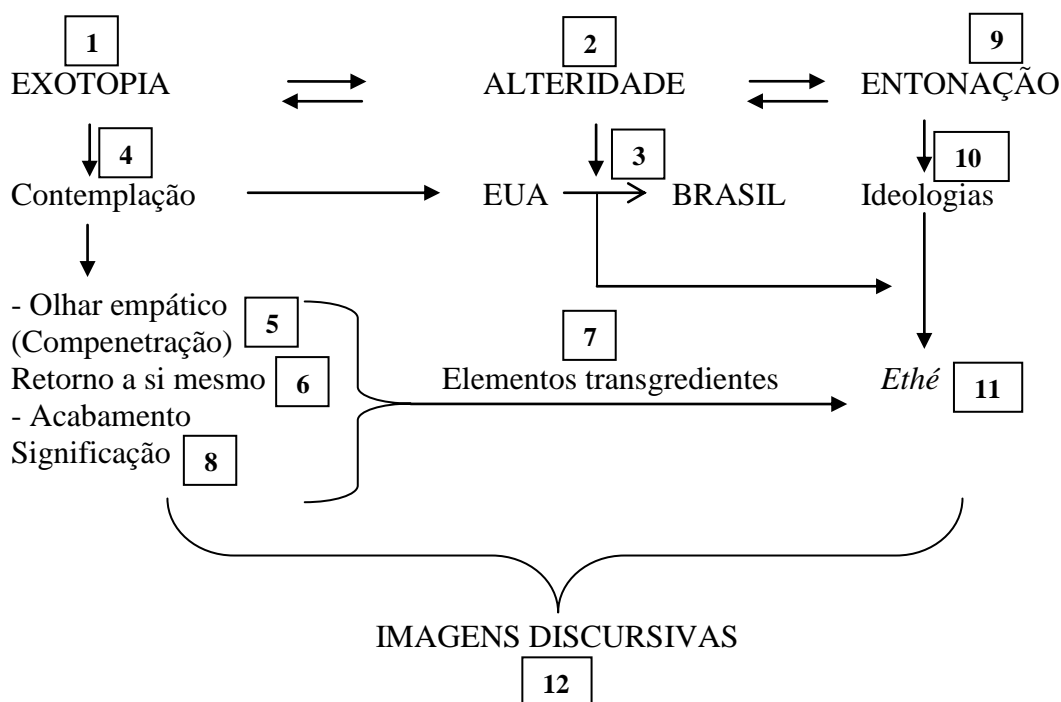
5.1.3 Corpus

Com o objetivo de examinar de que forma a exotopia, a alteridade e a entonação ajudam a entender como são construídas imagens do Brasil, tomando como base o discurso de Barack Obama, foi relacionado um *corpus* discursivo representado pelo pronunciamento do presidente proferido no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, em março de 2011. O pronunciamento está disponível no site da Casa Branca⁵³, de onde foi coletado, com tradução, para fins deste trabalho, da mestrande e professora de inglês Elisiany Leite Lopes de Sousa.

5.1.3.1 Procedimentos de análise

A análise do *corpus* se dá, primeiramente, a partir das categorias de análise descritas no item anterior. Para efeito didático, apresento um esquema de trabalho em que se visualiza o funcionamento das três categorias como parte do dispositivo analítico proposto nesta pesquisa:

⁵³Cf. <<http://www.whitehouse.gov/the-press-office/2011/03/20/remarks-president-people-brazil-rio-de-janeiro-brazil>> Acesso em: 27 mar. 2012.



Esquema metodológico da análise do *corpus* da pesquisa.

Com base no esquema metodológico descrito acima⁵⁴, a partir da exotopia (1), leio a relação eu-outro (2) observável do pronunciamento de Barack Obama como uma relação entre nações (3), fortemente vinculada à questão cultural, analisada aqui dentro de uma perspectiva social dinâmica, em que se privilegia sua dimensão de complexidade e de diversidade de valores e sentidos, como resultado da incessante interação aí estabelecida, determinada por realidades históricas específicas. Na contemplação de Obama (4), por meio de seu olhar empático (5) e do retorno a si (6), atuam elementos transgredientes (7), de cunho ideológico, próprios do excedente de visão da nação EUA em relação à nação Brasil que a dota de significado e lhe dá acabamento (8).

Os sentidos dotados na diferença advinda da relação EUA-Brasil (2) são revelados pela entonação (9), por meio da qual são conhecidas as ideologias veiculadas pelos signos (10) que compõem a enunciação de B. Obama. Com isso, os sentidos alteritários, os acentos valorativos inscritos nas palavras, como parte do fenômeno da circularidade cultural presente na enunciação obamiana, ajudam ainda a perceber quais imagens de si, ou seja, quais *ethé* (11) são criados pelo enunciador B. Obama que contribuem para entender quais forças

⁵⁴ A numeração disposta no esquema de análise não indica, necessariamente, que a análise obedece a uma sequência numérica ascendente, com etapa inicial ou final. A numeração apenas assume efeito didático. Serve de guia para o entendimento do funcionamento do esquema metodológico.

atravessam e constituem essa enunciação, que relações de poder são aí negociadas e quais estratégias discursivas acabam por formar, enfim, imagens discursivas do Brasil (12).

O dispositivo de análise é aplicado em trechos do pronunciamento de Barack Obama, apresentados no item 5.2 deste capítulo, em versão bilíngue, como foi exposto na discussão teórica dos capítulos anteriores, nos quais tentei preparar esta análise. A opção por apresentar a versão bilíngue também intenta preservar o pronunciamento original⁵⁵, já que a análise, neste trabalho, se baseia na versão traduzida em língua portuguesa para esta pesquisa.

Assim, a análise segue a sequência de fala de Barack Obama, destacando-se não todos os trechos do pronunciamento, mas aqueles nos quais se percebe maior força de construção imagética, em decorrência dos elementos discursivos utilizados nesses trechos da enunciação, os quais são examinados por meio do dispositivo de análise, conjuntamente às teorias sociais arroladas ao longo desta pesquisa. Dessa forma, a apresentação dos trechos analisados obedece à sequência de fala do orador. Para facilitar a leitura do texto da análise, destaco os trechos analisados em subitens que procuram evidenciar de que lugar parte o excedente de visão de Obama em direção ao Brasil.

Vejamos agora como e quais imagens do Brasil foram encontradas no pronunciamento do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, no subitem a seguir.

5.2 A construção exotópica das imagens do Brasil pelo olhar estadunidense a partir do pronunciamento de Barack Obama

Nas cenas criadas exotopicamente por Barack Obama em sua enunciação política, percebi a formação de imagens da nação brasileira ao longo de todo o pronunciamento. Como as imagens não estão isoladas em seu pronunciamento, mas relacionadas entre si, apresento os trechos do pronunciamento de Barack Obama que melhor representam a formatação dessas imagens acompanhando a evolução de sua fala nos subitens abaixo:

⁵⁵ O pronunciamento de Barack Obama (versão inglês-português) na íntegra encontra-se no anexo desta pesquisa.

5.2.1 O olhar para o Brasil: cultura

Neste subitem apresento como Barack Obama inicia a construção das imagens do Brasil observando este país de um ponto de vista cultural. Na abertura de sua apresentação, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, ele saudou a plateia em língua portuguesa: “Alo! Cidade! Maravilhosa! Boa tarde, todo o povo brasileiro”, arrancando aplausos e iniciando sua fala em língua materna:

*Since the moment we arrived, the people of this nation have graciously shown my family the warmth and generosity of the Brazilian spirit. Obrigado. Thank you. (Applause.) And I want to give a special thanks to all of you for being here, because I've been told that there's a Vasco football game coming. (Cheers and boos.) Botafogo (laughter.) So I know that - I realize Brazilians don't give up their soccer very easily (laughter) (OBAMA, 2011). [Desde o momento em que chegamos, o povo desta nação tem gentilmente mostrado à minha família o **calor** e a **generosidade** do **espírito brasileiro**. ‘Obrigado’. Obrigado (Aplausos). Quero agradecer a todos por estarem aqui, pois me disseram que haverá um jogo do ‘**Vasco**’ (comoção na plateia), ‘**Botafogo**’ (risadas). Então eu sei que – **eu percebo que os brasileiros não abrem mão de seu futebol tão facilmente** (risadas)] (grifo meu).*

Nesse primeiro trecho da fala de Obama, a “nação” citada é a nação brasileira, o que revela o movimento de seu olhar para o Brasil. A exotopia estabelecida por esse movimento dá conta do “espírito brasileiro”, representado pelos signos “calor”, “generosidade” que demonstram o que o presidente vivenciou com sua família logo de sua chegada ao nosso país. Também dá conta da importância do futebol para os brasileiros. Ao dizer que percebe que o brasileiro não abre mão de seu futebol tão facilmente, o presidente significa a nação brasileira como uma comunidade culturalmente ligada ao esporte. Os signos “Vasco”, “Botafogo” citados na enunciação assumem a função de elementos da cena enunciativa criada por B. Obama que compõem a imagem, já bastante conceituada dentro e fora do Brasil como país do futebol⁵⁶, sendo a única nação pentacampeã mundial e que irá sediar pela primeira vez a Copa do Mundo, em 2014, e os jogos olímpicos em 2016.

A reação da plateia a essas palavras demarca que os brasileiros também “imaginam” (ANDERSON, 2008) o Brasil como um país caloroso, como “o país do futebol”. Esse reconhecimento transmite uma sensação de proximidade entre as duas nações, Estados Unidos e Brasil, como resultado do *ethos* de proximidade que é construído desde o início da

⁵⁶ As implicações da construção dessa imagem assumem importância para esta análise conforme exponho mais a frente.

enunciação de B. Obama e acompanha todo o pronunciamento, como é percebido ao longo dessa análise.

No trecho seguinte de sua enunciação, Obama fala da primeira impressão que teve do Brasil, a partir do filme “Orfeu negro”:

Now, one of my earliest impressions of Brazil was a movie I saw with my mother as a very young child, a movie called Black Orpheus, that is set in the favelas of Rio during Carnival. And my mother loved that movie, with its singing and dancing against the backdrop of the beautiful green hills. And it first premiered as a play right here in Teatro Municipal. That's my understanding (OBAMA, 2011). [**Uma das primeiras impressões que tive do Brasil** foi de um filme que vi com minha mãe quando eu era muito pequeno, o filme se chamava ‘Orfeu negro’, que se passava nas favelas do Rio durante o **carnaval**. E minha mãe adorava aquele filme, tinha **música e dança** e como **pano de fundo, os lindos morros verdes**. Esse filme estreou primeiramente como uma peça bem aqui, no Teatro Municipal. **Este é o meu entendimento**] (grifo meu).

O excedente de visão de Obama que aí se verifica é a empatia. Por meio dela, ele formata a imagem do Brasil dono de uma cultura singular. Na entonação dos signos “música”, “dança”, “carnaval”, Obama continua a tecer o fio do *ethos* de proximidade com o Brasil. Na passagem, a cultura é uma via de acesso à população brasileira, da qual Obama se utiliza para construir a imagem de uma nação rica culturalmente. O Theatro Municipal citado na passagem, como palco da encenação da peça homônima, funciona como elemento da cena enunciativa em que é gerada essa imagem, cujo acabamento é proporcionado mais acertadamente pela expressão “este é o meu entendimento”.

Adiante em sua fala, Obama recorre à figura de sua mãe para acentuar que o excedente de visão dela não deu conta de vê-lo como presidente dos Estados Unidos. Dessa forma, reforça a legitimidade de sua fala ao afirmar-se como líder da maior nação do globo. Nesse momento, demarca a distância entre EUA e Brasil, olhando para este país de uma posição superior, como se verifica no seguinte excerto:

And my mother is gone now, but she would have never imagined that her son's first trip to Brazil would be as President of the United States. She would have never imagined that. (Applause.) And I never imagined that this country would be even more beautiful than it was in the movie. You are, as Jorge Ben-Jor sang, ‘A tropical country, blessed by God, and beautiful by nature’. (Applause) (OBAMA, 2011). [E minha mãe já se foi, mas ela nunca teria **imaginado** que a primeira viagem de seu **filho** ao **Brasil** seria como **presidente dos Estados Unidos**. Ela nunca teria **imaginado** isso. (Aplausos) E eu nunca **imaginei** que este país seria ainda mais bonito do que era no filme. Vocês são, como Jorge Ben Jor cantou, ‘Um país tropical, abençoado por Deus, e bonito por natureza’ (Aplausos)] (grifo meu).

Ainda no trecho acima, o excedente de visão de Obama em relação ao Brasil é ampliado por ele mesmo ao ver de perto este país, o que ressignifica a impressão de sua infância, quando em contato com o filme “Orfeu negro”. A imagem de um “país mais bonito que no filme” é enaltecida com auxílio de um verso da música do cantor brasileiro Jorge Ben Jor, por meio do qual Obama reitera que o Brasil é um país bonito por natureza, país abençoado por Deus. Na reacentuação do verso da música, constata-se um fenômeno da circularidade cultural de acordo com o pensamento bakhtiniano. Isso porque Obama flutua da esfera da ideologia hegemônica, sendo ele porta-voz da ideologia oficial estadunidense, como representante maior do governo dos Estados Unidos, e adentra a ideologia do cotidiano, ao falar como um cidadão estadunidense, que conhece a cultura popular deste país.

A imagem de país bonito por natureza prossegue sendo desenhada pelo presidente em seu pronunciamento, como se vê na passagem abaixo:

I've seen that beauty in the cascading hillsides, in your endless miles of sand and ocean, and in the vibrant, diverse gatherings of brasileiros who have come here today. And we have a wonderfully mixed group. We have Cariocas and Paulistas, Baianas, Mineiros. (Applause.) We've got men and women from the cities to the interior, and so many young people here who are the great future of this great nation (OBAMA, 2011). [Vi essa beleza nas encostas dos morros, nas infindáveis milhas de areia e oceanos e nas vibrantes e diversificadas multidões de brasileiros que vieram aqui hoje. E nós temos um grupo maravilhosamente misturado. Temos cariocas e paulistas, baianos, mineiros. (Aplausos) Temos homens e mulheres das cidades até o interior, e tantos jovens aqui que serão grandes no futuro desta grande nação].

A conjugação em primeira pessoa do verbo ver, “vi”, funciona como marca exotópica explícita que fotografa a paisagem brasileira no movimento de acentuação dos sintagmas “encostas de morros”, “milhas de areia”, e do signo “oceanos”. A população brasileira também vira componente do desenho da beleza da nação brasileira, com os elementos “cariocas”, “paulistas”, “baianos”, “mineiros”, “homens e mulheres”, “jovens”.

Depois de enaltecida a imagem do Brasil como país de beleza natural, rico culturalmente, Obama focaliza mais acentuadamente a imagem do Brasil como um país amigo dos Estados Unidos, como apresento no subitem a seguir, que demonstra como o enfoque político do olhar de Obama para o Brasil forma imagens desta nação.

5.2.2 O olhar para o Brasil: política

A imagem do Brasil como país amigo dos Estados Unidos é a imagem que acredito ser mais fortemente desenhada ao longo de todo pronunciamento observado nesta análise. Vejamos como essa imagem se mostra na enunciação de B. Obama, a partir dos trechos destacados:

*Now, yesterday, I met with your wonderful new President, Dilma Rousseff, and talked about how we can strengthen the partnership between our governments. But today, I want to speak directly to the Brazilian people about how we can strengthen the friendship between our nations. I've come here to share some ideas because I want to speak of the values that we share, the hopes that we have in common, and the difference that we can make together (OBAMA, 2011). [Recentemente, ontem, tive um encontro com sua maravilhosa nova presidente, Dilma Rousseff, e conversamos sobre como podemos fortalecer a parceria entre nossos governos. Mas hoje quero falar diretamente com o **povo brasileiro** sobre como podemos fortalecer a **amizade** entre nossas nações. Vim aqui para compartilhar algumas ideias, pois quero falar sobre os **valores** que compartilhamos, as **esperanças** que nós temos em **comum** e a **diferença** que nós podemos fazer juntos] (grifo meu).*

No trecho acima, B. Obama, como representante do povo estadunidense se dirige ao “povo brasileiro” (povo-povo), fazendo uso da ponte lançada entre ele mesmo e seus interlocutores, os presentes à plateia (eu-outros) e todos os outros interlocutores para além do Theatro Municipal do Rio de Janeiro (eu-todos os outros). Ao reportar-se aos *outros* de seu discurso como representante do povo estadunidense, Obama se utiliza de uma estratégia discursiva que, de acordo com Charaudeau (2006), torna o político portador de uma única voz direcionada a um enunciador ideal, no caso do pronunciamento de Obama, representado nas relações eu-*outros* e eu-*todos os outros*. Nesta representatividade, Obama se utiliza do excedente de visão que possui em virtude da sua distância em relação a toda a coletividade.

Na relação estabelecida com o Brasil, que se dá de forma exotópica, mais propriamente, em seu aspecto estético, quando Obama olha compenetradamente para este país, reconhece seu diferente, o Brasil, não como um desconhecido, mas como um semelhante, porque há uma identificação de valores. Posso perceber essa identificação por meio da entonação de um conjunto de signos – “amizade”, “parceria”, “valores”, “esperanças” – que também ajudam a compor a cena enunciativa de um encontro entre amigos, que vai sendo construída ao longo de toda a formação do *ethos* da enunciação. Aliás, de um *macroethos*, a amizade, reconhecida entre os dois países, percebida no âmbito do discurso

político, na entonação dos signos “comum”, “diferença”, como uma parceria útil, por exemplo, para fechar negócios, ou seja, para fazer a “diferença” no cenário econômico mundial.

Como já mencionado neste trabalho, a identificação de valores é uma estratégia discursiva do discurso imperialista advinda de pressupostos doutrinários que estampam os valores do nacionalismo estadunidense. Segundo Menezes (2000), tais pressupostos acabam por criar uma visão difusa e geral do mundo, pela qual há uma identificação comum de interesses, que se querem harmônicos e homogêneos, ou seja, diluidores de diferenças.

Com isso, pode-se pensar que, ao construir o macroethos da amizade, Obama se vale não somente da legitimidade de seu discurso, sendo ele presidente do país mais potente do mundo, mas, também, do contrato de comunicação (CHARADEAU, 2006) que formaliza em sua enunciação. Assim as significações e efeitos de seu discurso resultam da intenção de tornar comuns interesses, silenciando posicionamentos ideológicos divergentes, os quais são mais claramente identificados em momentos posteriores de sua fala, comentados ainda neste subitem.

Voltando ao último trecho analisado, ao olhar para as duas “nações”, juntas, Obama reforça a proximidade entre elas e destaca a parceria entre os dois governos. Assim, a significação do signo ideológico “nações” é construída por meio de um movimento duplo de contemplação. De um lado, a exotopia recai sobre a líder da nação brasileira, Dilma Rossef, de outro, recai sobre o povo brasileiro. A significação percebida nesse movimento de olhar é o estabelecimento da “amizade” entre as duas nações, ilustrando o que Anderson (*op. cit.*) chamou de irmandade, que se sobressai às desigualdades em torno de uma comunidade imaginada e que confere aos seus cidadãos o sentimento de nacionalidade.

Ao prosseguir em seu discurso, Obama mantém-se na construção da cena enunciativa do encontro entre amigos, ao sugerir que o seu interlocutor pense em como a jornada dos EUA se assemelha à do Brasil. Observe-se:

When you think about it, the journeys of the United States of America and Brazil began in similar ways. Our lands are rich with God's creation, home to ancient and indigenous peoples. From overseas, the Americas were discovered by men who sought a New World, and settled by pioneers who pushed westward, across vast frontiers. We became colonies claimed by distant crowns, but soon declared our independence. We then welcomed waves of immigrants to our shores, and eventually after a long struggle, we cleansed the stain of slavery from our land (OBAMA, 2011). [Quando você pensa sobre isso, as jornadas dos Estados Unidos da América e o Brasil

começaram em **caminhos iguais**. Nossas terras são ricas com a criação de Deus, lar de povos antigos e indígenas. Além do oceano, as Américas foram descobertas por homens que buscavam um Novo Mundo, e se estabeleceram por pioneiros que empurraram para o oeste, através das imensas **fronteiras**. Nós tornamos **colônias** dominadas por **coroas** distantes, mas logo declaramos nossa **independência**. Em seguida recebemos grandes quantidades de imigrantes em nossas costas e mais tarde, depois de muita luta, limpamos a mancha da escravidão de nossas terras] (grifo meu).

Novamente, nesse trecho, com a entonação do sintagma “caminhos iguais”, há um estabelecimento de valores de igualdade que ganha reforço a partir da acentuação dos signos “jornadas” e “fronteiras”, que apontam para sentidos em torno da conquista e da formação do território de ambas as nações e, ainda, do desenvolvimento e crescimento das respectivas populações. O olhar empático de B. Obama identifica EUA e Brasil como ex-colônias e as significa como duas nações que, igualmente, atravessaram dificuldades para alcançar a independência e para se livrar da escravidão. Quando B. Obama entona os signos “mancha” e “escravidão”, forma uma imagem de si enquanto afrodescendente que chegou ao poder. Ao se pronunciar de tal posição, imprime força à imagem do Brasil como país abolicionista, tal qual os EUA.

Relacionada a essa imagem nesse mesmo instante de fala, Obama também desenha a imagem do Brasil como ex-colônia, como país independente das “coroas” que o dominavam. O excedente de olhar verificado nessa construção emudece fatos históricos relativos à relação EUA-Brasil em períodos anteriores aos do democrata na Casa Branca, como foi retratado, nesta pesquisa, no terceiro capítulo, em item dedicado a comentar as relações entre EUA e América Latina e entre EUA e Brasil⁵⁷.

Novas semelhanças entre Brasil e EUA são construídas na sequência do pronunciamento. O mesmo excedente de olhar que reconhece o país como independente, porque liberto da “coroa”, delinea a imagem do Brasil como país livre, com ajuda da citação da figura de D. Pedro II, o último imperador do Brasil antes de instaurada a República. Este último imperador, ainda como chefe de estado, foi o primeiro líder de uma nação a visitar os EUA, conforme evidencia Obama. O Brasil também foi a primeira nação a possuir um posto diplomático dos EUA, o que demarca que a relação entre as duas nações decorre desde o Brasil Império. Com isso, segue sendo construída a imagem do Brasil como país amigo, como se constata a partir do excerto abaixo:

⁵⁷ Cf. item 3.3 e subitem 3.3.1 do terceiro capítulo desta pesquisa.

*The United States was the first nation to recognize Brazil's independence, and set up a diplomatic outpost in this country. The first head of state to visit the United States was the leader of Brazil, Dom Pedro II. In the Second World War, our brave men and women fought side-by-side for **freedom**. And after the war, both of our nations struggled to achieve the full blessings of **liberty** (OBAMA, 2011, grifo meu). [Os EUA foram a primeira **nação** a reconhecer a **independência** do Brasil e a estabelecer um **posto diplomático** neste país. **O primeiro chefe de estado** a visitar os EUA foi o **líder do Brasil Dom Pedro II**. Na Segunda Guerra Mundial nossos corajosos homens e mulheres lutaram **lado a lado** pela **liberdade**. E depois da guerra, nossas duas **nações** lutaram para conseguir as **bênçãos plenas da liberdade**] (grifo meu).*

Repare-se que, na referida passagem, o signo “liberdade” se mostra sob dois signos, “liberty” e “freedom”. Em língua portuguesa⁵⁸, os dois signos são traduzidos como “liberdade”. No entanto, sabe-se que, na língua inglesa, os signos assumem sentidos diferentes. Com “freedom”, Obama entona o sentido de liberdade em oposição ao estado de guerra, de opressão e em favor do estado de independência política. Com “liberty”, o sentido de liberdade é o reconhecimento da garantia dos direitos políticos, o qual é expandido junto ao sintagma “bênçãos plenas”, que ampliam a imagem de liberdade que é impingida a si, aos EUA, e ao Brasil.

Um novo sentido para o signo ideológico “nação” é instituído nesse mesmo trecho, em que Obama exalta politicamente o Brasil. Ao olhar para o Brasil como nação independente, no atual período político internacional, Obama imprime uma força ao mercado econômico nacional brasileiro que, se partilhado com os Estados Unidos, pode-se notar, poderá, por exemplo, ajudar a diminuir o impacto chinês em ambos os mercados.

Ainda com relação a esse fragmento, é importante destacar que Obama convoca a memória histórica, ao falar da II Guerra Mundial e da visita do primeiro líder brasileiro nos EUA. Tal resgate histórico funciona como tema da enunciação e procura legitimar, no pronunciamento de Obama, as relações amistosas de companheirismo entre os dois países. No entanto, esse resgate se dá em forma de ocultamento de fatos históricos. Ao dizer que as duas nações “lutaram para conseguir as bênçãos da liberdade”, o presidente menciona a aliança dos EUA com o Brasil na guerra contra o Eixo (Alemanha, Itália, Japão), para evidenciar alianças prévias entre os dois países que “deram certo”. O caso é que tal aliança somente foi possível

⁵⁸ A professora Dra. Mônica Dias Martins, membro de minha banca de defesa do projeto de qualificação, fez observação, incorporada a esta análise, quanto à relevante diferença semântica que atende aos usos dos signos ideológicos “freedom” e “liberty” em língua inglesa.

depois que o Brasil recebeu empréstimo do governo Roosevelt para construção de uma usina siderúrgica. Isso porque o Brasil, naquele contexto, era simpático às potências do Eixo (BANDEIRA, 2009). Com isso, percebe-se novamente o emudecimento de pontos de tensão entre as duas nações, não restrito ao passado.

Tomando-se outro trecho do pronunciamento, percebo a formação de nova imagem do Brasil, a de país democrata, que complementa à de país livre:

*On the streets of the United States, men and women marched and bled and some died so that every citizen could enjoy the same freedoms and opportunities -- no matter what you looked like, no matter where you came from. In Brazil, you fought against two decades of dictatorships for the same right to be heard -- the right to be free from fear, free from want. And yet, for years, democracy and development were slow to take hold, and millions suffered as a result. But I come here today because those days have passed. Brazil today is a flourishing democracy -- a place where people are free to speak their mind and choose their leaders; where a poor kid from Pernambuco can rise from the floors of a copper factory to the highest office in Brazil (OBAMA, 2011). [Nas ruas dos EUA, homens e mulheres marcharam e sangraram e alguns até morreram para que todos os cidadãos pudessem usufruir das mesmas **liberdades** e **oportunidades**, não importa como fosse sua aparência, não importa de onde você viesse. **No Brasil**, vocês lutaram contra duas décadas de **ditadura**, lutando pelo mesmo direito de serem ouvidos, o direito de serem **livres**, **livres** do medo, **livres** da necessidade. E mesmo assim, durante anos, a **democracia** e o desenvolvimento demoraram a se estabelecer e milhões sofreram por causa disso. Mas venho aqui hoje porque esses dias passaram. **Brasil é hoje uma democracia florescente** - um lugar onde as pessoas são **livres** para falar o que pensam e escolher seus líderes, onde um **garoto** pobre de Pernambuco pode subir a partir dos andares de uma fábrica de **cobre** ao **mais alto cargo do executivo no Brasil**] (grifo meu).*

Traçando um paralelo entre a luta pela liberdade cidadã nos dois países, Obama entona o signo “ditadura” em oposição aos signos ideológicos “democracia” e “liberdade”. O sentido de “liberdade”, no referido contexto, ganha o mesmo contorno de “freedom” analisado anteriormente – não à opressão. Do seu lugar exotópico político, Obama enaltece a imagem do Brasil como país democrata e imprime força à própria imagem, a de um partidário democrata, líder maior de uma nação também livre. Por meio dessa identificação de valores, dada empaticamente, o enunciador ressignifica a democracia brasileira como “florescente”, no sentido de livre para escolher seus representantes, numa associação de liberdade ao exercício do voto, ainda que este exercício seja obrigatório no Brasil, contrariamente ao modelo de escolha dos representantes políticos nos EUA, onde o voto é facultativo.

O adjetivo “florescente”, no sintagma “democracia florescente”, encadeia a construção do elemento cenográfico para a formação da imagem do ex-presidente Lula que, na encenação enunciativa de B. Obama, é a de um “garoto pobre” que chegou ao poder, referindo-se à figura de Lula, mesmo sem o dizer diretamente. Ao dar este acabamento à imagem de Lula, Obama retorna a si, percebendo-se igualmente como garoto pobre, ou melhor, podendo-se dizer, como garoto afrodescendente pobre, que enfrentou dificuldades para chegar à presidência dos Estados Unidos.

Nota-se, por meio da passagem analisada acima, que Obama mantém a tessitura do *macroethos* de amizade identificado logo no início de seu pronunciamento. Nas cenas enunciativas que respaldam a imagem dos EUA em proximidade com a do Brasil, observadas até aqui, o referido presidente constrói elementos cujos valores são comuns, partilhados entre as duas nações.

Avançando na análise do pronunciamento de Obama, verifico a construção de outras imagens, como se entende a partir do fragmento abaixo:

*Over the last decade, the progress made by the Brazilian people has inspired the world. More than half of this nation is now considered middle class. Millions have been lifted from poverty. For the first time, hope is returning to places where fear had long prevailed. I saw this today when I visited Cidade de Deus – the City of God. (Applause) (OBAMA, 2011). [Durante a última década, o **progresso** feito pelo **povo brasileiro** inspirou o mundo. Mais da metade deste país é considerada **classe média**. **Milhões foram retirados da pobreza**. Pela primeira vez, a **esperança** está voltando a lugares onde o **medo** prevaleceu por muito tempo. Eu vi isso hoje, quando visitei a ‘**Cidade de Deus**’ - a **Cidade de Deus**. (Aplausos)] (grifo meu).*

Nessa passagem, a imagem do Brasil como um país de potência emergente surge quando Obama avalia como o “progresso” do Brasil inspirou o mundo nos últimos dez anos contados a partir dali. Ao se referir a este país por meio do sintagma “povo brasileiro”, entendo que o presidente dos EUA destina à população brasileira o sucesso da posição do Brasil entre as dez maiores economias do globo. O Brasil ocupava, à época da visita de Barack Obama ao Rio de Janeiro, em 2011, a sétima posição no ranking econômico mundial, atrás do Reino Unido, da França, Alemanha, Japão, China e Estados Unidos, respectivamente. Tendo passado momentaneamente à frente do Reino Unido no início de 2012, quando atingiu a sexta posição, voltou à sétima posição onde permanece até hoje.

Ao indicar que mais da metade da população brasileira pertence à “classe média”, Obama dá ao país o status de economia forte, ainda que emergente, com a constatação de que

“milhões foram retirados da pobreza”. Os signos “esperança” e “medo” são contrapostos para compor a cena trazida à enunciação a partir do excedente de visão de B. Obama ao se referir à Cinelândia, região em torno do Centro do Rio de Janeiro. No lugar de descrever o lugar, Obama fala da percepção gerada pela visita à região. O acabamento significativo gerado por tais elementos transgredientes compõe a imagem de um país que contornou problemas e se equipara a outras nações potentes.

Dessa forma, a imagem do Brasil como potência emergente é desenhada por um excedente de visão que observa apenas a macroeconomia do Brasil, dando conta da representatividade internacional brasileira, do caminho de crescimento que o país vem percorrendo e que promete ser contínuo. No entanto, um olhar mais aprofundado da questão econômica brasileira veria que o PIB de muitos estados brasileiros não condiz com um país de grande economia, como aponta estudo da revista *The Economist*, divulgado pelo site Terra:

A revista especializada em finanças *The Economist* divulgou nesta semana uma comparação entre a economia de Estados brasileiros e países. As relações curiosas apontam para um longo caminho a ser percorrido ainda, antes de o Brasil se comparar a economias desenvolvidas. Por exemplo, o Produto Interno Bruto (PIB) per capita do Rio Grande Sul é equivalente ao do Gabão, enquanto a soma das riquezas produzidas na Bahia é similar ao da pequena Croácia, que tem território dez vezes menor que o Estado brasileiro⁵⁹.

A construção da imagem do Brasil como país de potência emergente, na enunciação de Obama, ressoa o discurso neoliberal (BOURDIEU, *op. cit.*), o qual propala que o objetivo das ações humanas restringe-se ao universo da economia, ou seja, do crescimento máximo, da competitividade e da produtividade, de onde se exclui o aspecto social. Assim, quando os EUA, no pronunciamento de Obama, tentam trazer para perto de si o Brasil, tal tentativa encontra apoio na prática da unificação dos mercados financeiros proporcionada pela globalização.

De acordo com Bourdieu (*op. cit.*), como já comentado nesta pesquisa, a unificação dos mercados possibilita a diminuição do controle jurídico e do refinamento dos meios de comunicação de massa. No entanto, a unificação não torna o mercado hegemônico. Apenas a economia dos países ricos, mais acentuadamente, a dos Estados Unidos, dominam

⁵⁹ ‘The Economist’ compara economia de Estados do Brasil com países. **Terra**. Disponível: < <http://www.terra.com.br/economia/infograficos/pib-estados/>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

as regras do jogo financeiro, o que faz com que os mercados financeiros nacionais não possuam autonomia para manipular as taxas de juros, nem de intercâmbio.

Tomemos outro fragmento no qual a imagem do Brasil como país de potência emergente é formatada:

[...] *With each passing day, Brazil is a country with more solutions. In the global community, you've gone from relying on the help of other nations, to now helping fight poverty and disease wherever they exist. You play an important role in the global institutions that protect our common security and promote our common prosperity. And you will welcome the world to your shores when the World Cup and the Olympic games come to Rio de Janeiro. (Applause.)* (OBAMA, 2011) [A cada dia que passa, **o Brasil é um país com mais soluções**. Na **comunidade global**, vocês passaram de contar com a ajuda de outras **nações** para agora ajudar a lutar contra a **pobreza** e a **doença** onde quer que elas existam. Vocês desempenham um papel importante nas instituições globais ao promover nossa **segurança** em comum e nossa **prosperidade** em comum. E vocês darão boas vindas ao mundo em seus litorais quando a **Copa do Mundo** e os **Jogos Olímpicos** vierem ao Rio de Janeiro (Aplausos)] (grifo meu).

No trecho acima, Obama imagina nosso país como um país com mais soluções – uma imagem diretamente relacionada à de país de potência emergente. Com isso, Obama inaugura um olhar que enxerga a nação brasileira como parte de uma comunidade internacional que mantém relações horizontalmente com outras nações, seja para receber ajuda ou fornecer essa ajuda. A nação brasileira é, desse modo, um país com soluções para a “pobreza” e a “doença” “onde quer que elas estejam” – uma significação que apaga a realidade da saúde em nosso país e o eleva ao status de nação desenvolvida porque advém do excedente de olhar estético político que observa o Brasil apenas em sua macroeconomia, deixando de lado os elementos transgredientes da cena enunciativa evocada com o signo ideológico “doença”, ou seja, o sistema de saúde público brasileiro.

Tal imagem também é aproximada à imagem dos EUA como potência, por conta da entonação dos signos “segurança” e “prosperidade” como sentimentos em comum, resultado do olhar empático de Obama, que o identifica ao Brasil. Na cena composta por essa enunciação, os elementos “copa do mundo” e “jogos olímpicos” surgem de modo a exaltar a imagem do Brasil como potência, porque sediará eventos esportivos de peso internacional, o que reforça a imagem de país do futebol construída logo no início de seu pronunciamento.

Posteriormente em sua fala, Obama continua a exaltar a imagem do Brasil como país do futebol, ou melhor, como país potência do futebol, que, inclusive, conquistou um dos seus cinco títulos, precisamente o quarto, em território estadunidense, na Copa do Mundo de

1994. Esta informação, mesmo não sendo citada diretamente no pronunciamento de Obama, é captada por seu olhar transgrediente, que dialoga diretamente com a construção da imagem do Brasil como país do futebol.

Prosseguindo com sua fala, no momento em que reconhece a preferência por sediar os jogos olímpicos em seu país, na cidade de Chicago, Obama demonstra orgulho em saber que os jogos serão sediados no Brasil. No entanto, a expressão “ver o que acontece”, no excerto abaixo, transparece que, na contemplação de Obama em relação ao Brasil como sede das Olimpíadas, perpassam elementos transgredientes que atuam como dúvida quanto à crença na eficácia brasileira para administrar eventos de tamanho porte:

Now, you may be aware that this city was not my first choice for the Summer Olympics. (Laughter.) But if the games could not be held in Chicago, then there's no place I'd rather see them than right here in Rio. And I intend to come back in 2016 to watch what happens. (Applause.) [Agora, vocês sabem que esta cidade não foi minha primeira escolha para os jogos olímpicos (risos). Mas, se os jogos não pudessem ser realizados em Chicago, então não existiria nenhum lugar em que eu gostaria mais de vê-los do que aqui no Rio. E eu pretendo voltar em 2016 para **ver o que acontece** (Aplausos)] (grifo meu).

Outra imagem conceituada do Brasil no âmbito internacional, a de país do futuro, é desconstruída discursivamente por Obama e substituída pela imagem do Brasil como país do presente, como se encontra no fragmento abaixo:

For so long, Brazil was a nation brimming with potential but held back by politics, both at home and abroad. For so long, you were called a country of the future, told to wait for a better day that was always just around the corner. Meus amigos, that day has finally come. And this is a country of the future no more. The people of Brazil should know that the future has arrived. It is here now. And it's time to seize it. (Applause.) Now, our countries have not always agreed on everything. And just like many nations, we're going to have our differences of opinion going forward (OBAMA, 2011). [Por muito tempo, o **Brasil foi uma nação cheia de potencial**, mas **atrasada pela política**, tanto aqui quanto no exterior. Durante muito tempo, vocês foram chamados de o **país do futuro**, disseram para esperar pelos dias melhores que estavam sempre ao virar da esquina. Meus amigos, este dia finalmente chegou. **Este não é mais o ‘país do futuro’**. **O povo brasileiro deve saber que o futuro já chegou. Está aqui agora. É hora de aproveitá-lo.** (Aplausos). Agora, os nossos países **nem sempre concordaram em tudo**. E, assim como muitas nações, vamos ter nossas **diferenças de opinião daqui para frente**] (grifo meu).

A imagem de país do futuro é desconstruída a partir da identificação do Brasil, novamente, como uma nação de potência emergente, por meio da expressão “nação cheia de potencial”, que, em, seu passado, foi uma nação “atrasada politicamente”. A imagem de país do presente é formada a partir do excedente de visão de Obama, o qual dá acabamento

semântico ao tempo de agora do povo brasileiro, que vive em um país do presente. Esse tempo presente também pode ser definido a partir da projeção de uma imagem de si, formada por Obama como presidente dos EUA em seu pronunciamento no Brasil, com a expressão, “está aqui agora”, “é hora de aproveitá-lo”. É como se o olhar de Obama para o Brasil demarcasse o tempo presente em que nosso país se encontra. Nesse tempo presente, fotografado cognitivamente, o presidente compreende que o Brasil está pronto, macroeconomicamente falando, para assumir seu status de potência ao lado de outras grandes potências econômicas mundiais.

A compreensão de Obama também recebe influência dos elementos transgredientes que não são citados em sua enunciação e que dizem respeito ao desempenho do Brasil diante da crise econômica de 2008. Os mercados financeiros internacionais mantiveram um bom relacionamento com o mercado financeiro brasileiro, o que gerou crescimento econômico interno em 2010. Porém, o crescimento somente durou até 2011, com pequena aceleração em 2012, que não fez o Brasil ascender sua posição no ranking do PIB mundial⁶⁰.

Nas expressões “nem sempre concordaram em tudo” e “diferenças de opinião daqui pra frente”, no último período do fragmento ao qual se mantém referência, verifica-se a demarcação de uma relação entre diferentes, observável em virtude da distância do olhar de Obama para o Brasil. Como se sabe, tendo sido já abordado nesta pesquisa, durante o governo de Obama, nem todas as posições políticas internacionais estadunidenses foram apoiadas pelo governo brasileiro, a exemplo da guerra contra o narcotráfico na Colômbia, em 2009, quando o Brasil reclamou do abuso de bases militares dos EUA no país, e, na crise de Honduras, naquele mesmo ano, quando os EUA reconheceram o novo governo e o Brasil não.

Portanto, o reconhecimento de que os dois países não concordam em tudo, apesar de expressar discordâncias, não as expõe, no lugar disso, as dilui. É o que se deduz da observação do excedente de visão de Obama oriundo de uma percepção econômica, que volta a reforçar a imagem do Brasil como potência emergente, potência econômica global, tal como se verifica no subitem que se segue:

⁶⁰ VELASCO, Andrés. Brasil, não mais o País do Futuro? *Jornal de Negócios online*, Lisboa. 03 abr. 2012. Acesso em: 14 mar. 2013. Disponível em: <http://www.jornaldenegocios.pt/opiniao/detalhe/brasil_natildeo_mais_o_paiacutes_do_futuro.html>.

5.2.3 O olhar para o Brasil: economia

Na enunciação abaixo, há uma nova menção à imagem do Brasil como potência econômica global brasileira, que é construída por meio do enunciado “o povo americano não apenas reconhece o sucesso do Brasil, nós torcemos pelo sucesso do Brasil”, no qual é formada uma imagem do Brasil como país de sucesso, porque reconhecido pelos EUA que também torcem por esse sucesso, ou seja, esperam, aguardam, observam de longe com seu excesso de visão e, assim, dão acabamento a essa imagem antevendo esse sucesso:

But I'm here to tell you that the American people don't just recognize Brazil's success -- we root for Brazil's success. As you confront the many challenges you still face at home as well as abroad, let us stand together -- not as senior and junior partners, but as equal partners, joined in a spirit of mutual interest and mutual respect, committed to the progress that I know that we can make together. (Applause.) I'm confident we can do it. (Applause.) [Mas estou aqui para lhes dizer que **o povo americano não apenas reconhece o sucesso do Brasil, nós torcemos pelo sucesso do Brasil**. Como vocês confrontam os muitos desafios que ainda enfrentam em casa e no exterior, vamos ficar juntos, não como parceiros **sênior** e **júnior**, mas como **parceiros iguais**, unidos pelo espírito do **interesse comum** e do respeito mútuo, comprometidos para com o **progresso** que sei que podemos fazer **juntos**. (Aplausos) **Estou confiante de que podemos fazer isso**. (Aplausos)].

No convite à parceria das duas nações com vistas ao “progresso”, a imagem que se forma dialoga com a imagem de país amigo, desenhada previamente. É o que se verifica quando B. Obama pronuncia as expressões “parceiros iguais”, “interesse comum”.

Ao acentuar os signos ideológicos “sênior” e “júnior”, o enunciador parece arquitetar em redor de si um *ethos* que ameniza a imagem dos EUA de líder da economia do globo. *Ethos* este que se insere no universo do *macroethos* de amizade apontado anteriormente. No entanto, a construção do *ethos* que configura os EUA como amigo do Brasil parece perder força quando Obama coloca a parceria entre os dois países como condição para o sucesso do Brasil, como se observa por meio do enunciado “estou confiante de que podemos fazer isso”.

Contudo, a imagem de país amigo perde força apenas momentaneamente. Na continuação de sua exposição, Obama volta a imaginar o Brasil como nação amiga dos EUA. Assim se infere a partir do excerto que se segue:

Together we can advance our common prosperity. As two of the world's largest economies, we worked side by side during the financial crisis to restore growth and confidence. And to keep our economies growing, we

know what's necessary in both of our nations. We need a skilled, educated workforce -- which is why American and Brazilian companies have pledged to help increase student exchanges between our two nations. (OBAMA, 2011). [**Juntos**, podemos aumentar nossa **prosperidade em comum**. Como **duas das maiores economias do mundo**, trabalhamos **lado a lado** durante a crise financeira para restaurar o crescimento e confiança. E para manter nossas economias crescendo, sabemos do que é necessário em ambas as nações. Precisamos de uma força de trabalho capacitada - é por isso que **empresas brasileiras e americanas** assumiram um compromisso de aumentar o **intercâmbio** de estudantes entre nossas duas nações] (grifo meu).

No segmento discursivo acima, Obama observa o Brasil empaticamente, de modo a significar a proximidade entre as duas nações, a qual pode gerar a “prosperidade em comum”. O signo ideológico “prosperidade”, nesse contexto, entona riqueza, fortuna, compreendida a partir do lugar discursivo ocupado por B. Obama na enunciação, o lugar de líder da nação mais forte política e economicamente do mundo. Uma nação potente reconhece outra nação potente. Mas esse reconhecimento advém do olhar transgrediente que quer para perto de si o Brasil, política e economicamente atrelado aos Estados Unidos, como se infere a partir da entonação do termo “juntos”, e também da expressão “nossas economias”.

Adiante, Obama constrói uma ideia de semelhança, de parceria, com a entonação do signo “intercâmbio”, dando a entender troca de experiências. Mas, apesar de semelhantes, os dois países possuem necessidades diferentes, como é visível no acento de valor entonado no signo “as empresas americanas”. Com isso, parece ficar evidente a pretensão de aliança econômica de Obama com o Brasil, como reflexo da necessidade por manter relações econômicas com o país. Ao afirmar que os países são “duas das maiores economias do mundo” e que trabalharam juntos durante a crise econômica, Obama desenha uma parceria entre nações afins. Por serem parceiras, compartilham a mesma visão político-econômica, no trabalho contínuo de progresso econômico, e por que não dizer, pelo trabalho contínuo em prol de “políticas de mercado livre”, de “políticas favoráveis ao mercado”, que se constata a partir da mensagem neoliberal (PETRAS/VELTMEYER, *op. cit.*) incutida nessa enunciação.

Segundo os autores, o “mercado livre” propalado pelos ideólogos do neoliberalismo nasceu de forma imposta, na América Latina, em resposta à exitosa reforma social, sob violenta intervenção política (p. 27-28). Dessa forma, eles desmistificam a ideia de que o “novo modelo econômico” decorre de um mercado racional e eficiente para atestar que a nova configuração neoliberal oculta o verdadeiro caráter central da política neoliberal, marcado pela violência e interferência do estado imperial. A ideia de liberdade, na esfera

discursiva neoliberal, segundo Bourdieu (*op. cit.*), tende a fazer crer que sua mensagem é uma “mensagem universalista de libertação” (p. 44). Porém, a libertação, nesse contexto, possui sentido de coerção sócio-política.

Voltando ao pronunciamento de Obama, a ideia de parceria é mantida na entonação dos signos “cooperação”, “cientistas”, “pesquisadores”, “engenheiros”, em novo fragmento abaixo:

We need a commitment to innovation and technology -- which is why we've agreed to expand cooperation between our scientists, researchers, and engineers. We need world-class infrastructure -- which is why American companies want to help you build and prepare this city for Olympic success (OBAMA, 2011). [Precisamos de um compromisso com a inovação e a tecnologia - por isso concordamos em aumentar a **cooperação** entre nossos **cientistas, pesquisadores e engenheiros**. Precisamos de **infraestrutura da mais alta qualidade** – por isso as empresas americanas também querem ajudá-los a construir e preparar a cidade para o **sucesso olímpico**] (grifo meu).

Porém, ao entonar “infraestrutura da mais alta qualidade” com vistas ao “sucesso olímpico”, o olhar transgrediente do enunciador antevê que o Brasil pode não ser capaz de conseguir infraestrutura compatível para o “sucesso olímpico”, e que, para tanto, precisa da ajuda dos EUA – uma atitude contemplativa que também atrela o Brasil àquela nação. A transgrediência percebida nessa contemplação quer o Brasil como dependente dos Estados Unidos.

Na passagem analisada a seguir, Obama demarca a sua fala claramente no âmbito do discurso da globalização:

In a global economy, the United States and Brazil should expand trade, expand investment, so that we create new jobs and new opportunities in both of our nations. And that's why we're working to break down barriers to doing business. That's why we're building closer relationships between our workers and our entrepreneurs (OBAMA, 2011). [Numa **economia globalizada**, os EUA e o Brasil deveriam **expandir** o comércio, **expandir** investimentos, de modo a criar **novos empregos e novas oportunidades** em ambas nossas **nações**. E é por isso que estamos trabalhando para derrubar barreiras para fazer negócios. É por isso **estamos construindo relações mais próximas** entre nossos trabalhadores e nossos empreendedores] (grifo meu).

Junto à entonação da expressão “numa economia globalizada”, Obama projeta uma imagem do Brasil e dos EUA como mercados “numa economia globalizada”, que devem expandir seu comércio e investimentos. É importante observar que o signo “expandir”, nesse

enunciado, tanto acentua que os EUA precisam expandir seus investimentos no Brasil, como acentua que o Brasil precisa expandir seus investimentos junto aos EUA. Com isso, o acento apreciativo de “expandir”, para o Brasil, valora a liderança estadunidense no mercado financeiro mundial. Com a expressão “derrubar barreiras para fazer negócios” fica nítida a intenção da enunciação em formar uma imagem do Brasil como país amigo, que vem sendo construída desde o início do pronunciamento e que, na referida passagem, é desenhada também pela expressão “relações mais próximas”.

Prosseguindo com a análise, apreendo que Obama, a partir de uma imagem que faz dos EUA, delineia imagens do Brasil como país solidário, por meio de um excedente de visão apuradamente social, como descrevo no subitem a seguir.

5.2.4 O olhar para o Brasil: social

No momento da fala de Obama destacado abaixo, o enunciador imagina os EUA e o Brasil como duas nações amigas, parceiras, que prestam solidariedade, que são irmãs de outras nações. Tal percepção projeta a imagem do Brasil novamente para o âmbito internacional, porque afirma que o Brasil, no lugar de necessitar de ajuda, presta socorro a outras nações:

[...] *Today, we're both also delivering assistance and support to the Japanese people at their greatest hour of need. The ties that bind our nations to Japan are strong. In Brazil, you are home to the largest Japanese population outside of Japan. In the United States, we forged an alliance of more than 60 years. The people of Japan are some of our closest friends, and we will pray with them, and stand with them, and rebuild with them until this crisis has passed (Applause.)* (OBAMA, 2011). [Hoje também estamos dando **apoio** e **ajuda** ao povo japonês em sua maior hora de necessidade. Os laços que unem nossa nação ao Japão são fortes. No Brasil, vocês são o lar da maior população japonesa fora do Japão. Nos EUA, solidificamos uma aliança com eles que já dura mais de 60 anos. **O povo do Japão são alguns de nossos amigos mais próximos e ficaremos ao lado deles**, rezaremos com eles e reconstruiremos com eles até que essa crise tenha passado. (Aplausos)] (grifo meu).

Os signos “apoio” e “ajuda” são reacentuados quando se relacionam a uma das maiores economias do mundo, o Japão, o qual, naquele contexto, se via abalado em virtude de um desastre natural ocorrido durante período que antecedeu a visita de B. Obama ao Brasil –

um violento terremoto seguido de um tsunami que devastou a costa do território, vitimando 15 mil pessoas, o que resultou na pior crise vivenciada no país desde a II Guerra Mundial⁶¹.

A nação japonesa, nessa cena enunciativa, passa a compor o *ethos* do encontro de amigos estabelecido entre Brasil e EUA no pronunciamento de Obama, no excerto seguinte:

In these and other efforts to promote peace and prosperity throughout the world, the United States and Brazil are partners not just because we share history, not just because we're in the same hemisphere; not just because we share ties of commerce and culture, but also because we share certain enduring values and ideals (OBAMA, 2011). [Nestes e em outros esforços para promover a **paz** e a **prosperidade** no mundo todo, os EUA e o Brasil são parceiros não apenas porque compartilhamos história ou por estarmos no mesmo hemisfério; não apenas por compartilharmos laços de comércio e cultura, mas também porque compartilhamos certos valores e ideais duradouros] (grifo meu).

À cena enunciativa projetada acima, avultam-se os novos elementos “paz”, “prosperidade”, que se relacionam a outros elementos que dialogam com o macro*ethos* da amizade entre EUA e Brasil, como “compartilhamos história”, “mesmo hemisfério”, “laços de comércio e cultura”, “valores”, “ideias duradouros”. Os signos ideológicos “paz” e “prosperidade”, acentuados apreciativamente por Obama, podem apontar para uma nação brasileira, que, amiga dos EUA, nos dias de hoje, na promoção da paz e da prosperidade no mundo, manteve, no passado, acordos de compra de arsenal bélico durante a ditadura militar financiada pelos EUA não somente no Brasil, mas em outras regiões da América Latina (BANDEIRA, *op. cit.*).

Essa transgressão observada no excedente de olhar de Obama, que pode dar conta da intervenção bélica dos EUA na AL, é atenuada na composição da imagem do Brasil como país livre, a partir do que se compreende de novo instante da enunciação de Obama:

[...] *The millions in this country who have climbed from poverty into the middle class, they could not do so in a closed economy controlled by the state. You're prospering as a free people with open markets and a government that answers to its citizens. You're proving that the goal of social justice and social inclusion can be best achieved through freedom – that democracy is the greatest partner of human progress. (Applause.)* [Os milhões neste país que subiram da pobreza para a classe média, eles não poderiam fazer isso em uma economia fechada controlada pelo Estado. Vocês estão prosperando como um **povo livre, com mercados abertos e um governo que responde a seus cidadãos**. Vocês estão provando que o objetivo da **justiça social e inclusão social** podem ser melhor alcançados por meio da **liberdade** – que a **democracia** é a maior parceira do progresso humano. (Aplausos)] (grifo meu).

⁶¹ CABRAL, Otávio. Terremoto... tsunami... e choque. Revista Veja, São Paulo, 16 mar. 2011. Capa, p. 80.

A “classe média” volta a compor a imagem do Brasil como país de potência emergente, cujo desenho se relaciona à imagem de país livre. Repara-se novamente a acepção de liberdade, “free people” – tradução de “freedom” – em oposição a um povo em estado de guerra, vivendo em uma ditadura, que dialoga ainda com a expressão “um governo que responde a seus cidadãos”. O sentido de povo livre, nessa enunciação, amplia-se quando associado à abertura de mercados. Nessa associação, pode-se ouvir o eco do discurso imperialista que atrela o desenvolvimento econômico ao desenvolvimento social, no qual o “fortalecimento da sociedade civil”, muitas vezes, significa a “adaptação do terceiro setor, ou organizações populares, aos interesses e políticas do estado imperial” (PETRAS/VELTMEYER, *op. cit.*). Assim se infere da acentuação do signo ideológico “democracia”, associado aos termos “justiça social”, “inclusão social” e, ainda, à “liberdade” – “freedom”.

O signo ideológico “democracia” ganha novo sentido no reforço à composição da imagem do Brasil como país amigo, na sequência da apresentação de Obama:

We also believe that in nations as big and diverse as ours, shaped by generations of immigrants from every race and faith and background, democracy offers the best hope that every citizen is treated with dignity and respect, and that we can resolve our differences peacefully, that we find strength in our diversity. [Nós também acreditamos que em países tão grandes e diversos quanto os nossos, moldados por gerações de imigrantes de todas as raças e de fé e de cultura, a democracia oferece a melhor esperança de que todos os cidadãos sejam tratados com dignidade e respeito, e que podemos resolver nossas **diferenças** pacificamente, que encontramos forças em nossas **diversidades**].

Nessa passagem, o signo “democracia” é ressignificado a partir da diversidade cultural presente tanto nos EUA quanto no Brasil. Os signos “diferenças”, “diversidades” são acentuados de modo a gerar proximidade, sendo as duas nações retratadas no enunciado como ricas em diversidade cultural – “todas as raças e de fé e de cultura”. Observe-se ainda um aspecto da exotopia referente ao signo “imigrantes” – na empatia, o outro é estrangeiro para mim e eu o acolho. Isso pode ser entendido a partir da política do governo Barack Obama para reforma da lei dos imigrantes, os quais, nos Estados Unidos, ultrapassam os 11 milhões que vivem na clandestinidade⁶². O mesmo olhar que acolhe o estrangeiro em seu país acolhe o

⁶² Cf. <<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/vasto-mundo/politica-de-imigracao-de-obama-facilitara-a-vida-de-milhoes-de-ilegais-mas-nao-e-um-liberou-geral-confiram/>> Acesso em: 15 mar. 2013.

Brasil discursivamente como um país amigo, cujas diferenças não minimizam a proximidade que possa existir entre ambos.

Liberdade e democracia retornam ao desenho de país livre, mais à frente na enunciação de Obama, quando este passa a fotografar imagens reveladas por elementos da história da nação brasileira, como se confere no próximo item.

5.2.5 O olhar para o Brasil: história

A imagem de país livre se une à ideia de paz – “pacificamente” – conquistada pelo movimento de homens e mulheres em prol da garantia dos direitos humanos:

*[...] When men and women peacefully claim their human rights, our own common humanity is enhanced. Wherever the light of freedom is lit, the world becomes a brighter place. That is the example of Brazil. That is the example of Brazil. (Applause.) Brazil – a country that shows that a dictatorship can become a thriving democracy. Brazil – a country that shows democracy delivers both freedom and opportunity to its people. Brazil - a country that shows how a call for change that starts in the streets can transform a city, transform a country, transform a world. [Quando homens e mulheres **pacificamente** reivindicam seus **direitos humanos**, nossa própria **humanidade comum** é realçada. Onde quer que a luz da **liberdade** seja acesa, o mundo se torna um lugar mais brilhante. **Esse é o exemplo do Brasil. Esse é o exemplo do Brasil.** (Aplausos) **Brasil** – um país que **mostra** que uma **ditadura** pode se tornar uma **próspera democracia. Brasil** - um país que mostra a **democracia** entregando **liberdade** e **oportunidade** a seu **povo. Brasil** - um país que mostra como uma **chamada** para a **mudança** que começa nas ruas pode **transformar** uma **cidade**, **transformar** um **país**, **transformar** um **mundo**] (grifo meu).*

Na cenografia de liberdade construída na enunciação, “luz” passa a ser um elemento que arquiteta a imagem do Brasil como país “brilhante”, onde brilha a luz da liberdade. A entonação do termo “exemplo” esboça uma imagem do Brasil como o país da liberdade. Em outras imagens do Brasil, o signo “ditadura” se opõe à “próspera democracia”; “democracia” se associa à “liberdade”, “oportunidade”, relacionados à imagem do povo brasileiro; “chamada” se une à “mudança”, entendida como a movimentação popular contrária à ditadura no Brasil, memória discursiva evocada no decorrer do pronunciamento de Obama, como se confere abaixo:

Decades ago, it was directly outside of this theater, in Cinelandia Square, where the call for change was heard in Brazil. Students and artists and political leaders of all stripes would gather with banners that said, ‘Down with the dictatorship. The people in power’. Their democratic aspirations would not be fulfilled until years later, but one of the young Brazilians in

that generation's movement would go on to forever change the history of this country. [Décadas passadas, foi diretamente fora desse **teatro**, na **Praça da Cinelândia** onde o **grito** por **mudança** foi ouvido no Brasil. Estudantes e artistas e líderes políticos de todos os matizes se reuniam com faixas que diziam 'Abaixo a ditadura. As pessoas no poder'. Suas aspirações democráticas não seriam cumpridas até anos mais tarde, mas **um dos jovens** brasileiros envolvidos naquele movimento iria mudar para sempre a história deste país] (grifo meu).

A “Praça da Cinelândia” compõe a cena da mudança no Brasil formatado em uma imagem de país livre. Nessa cena, um personagem participa do desenho de liberdade construído por Obama. O ex-presidente Lula, mais uma vez, surge na enunciação, por meio da entonação da expressão “um dos jovens”, como acabamento significativo do excedente de visão do enunciador do pronunciamento que alcança ainda a presidente atual do Brasil.

Dilma Roussef ressurgue no pronunciamento de Obama a partir da formatação da imagem de uma pessoa, filha de imigrante, que teve seus direitos usurpados pela ditadura militar. A imagem assim gerada da presidente Dilma reforça a imagem do Brasil como país livre, porque governado por uma presidente que foi torturada pelo governo que agora administra. Observem-se os verbos “perseverar”, “triunfar”, que dão acabamento à imagem de país democrata, que superou a ditadura militar, no enunciado que se segue:

A child of an immigrant, her participation in the movement led to her arrest and her imprisonment, her torture at the hands of her own government. And so she knows what it's like to live without the most basic human rights that so many are fighting for today. But she also knows what it is to persevere. She knows what it is to overcome -- because today that woman is your nation's president, Dilma Rousseff. (Applause.) [A filha de um imigrante. Sua participação no movimento fez com que fosse presa e torturada por seu próprio governo. Ela sabe o que é viver sem seus direitos mais básicos pelos quais tantos estão lutando hoje. Mas ela também sabe o que é **perseverar**. Ela sabe o que é **triunfar** - porque hoje aquela mulher é a presidente de sua nação, Dilma Rousseff] (grifo meu).

O excedente de visão de Obama reconhece pontos em comum entre as duas nações, que se mostram mediante a entonação dos signos “desafios” e “obstáculos” encontrados “na estrada à frente”, ou seja, projetados em uma cena ideal – “amanhã melhor” – que indicam a prosperidade da imagem de um país **de** futuro, diferentemente da imagem de país **do** futuro desconstruída pelo enunciador anteriormente. Assim a imagem do Brasil como país **do** futuro substitui-se não apenas pela imagem de país do presente, como também, pela imagem do país **de** futuro, país próspero, de acordo com o que se constata na sequência do pronunciamento:

Our two nations face many challenges. On the road ahead, we will certainly encounter many obstacles. But in the end, it is our history that gives us hope for a better tomorrow. It is the knowledge that the men and women who came before us have triumphed over greater trials than these – that we live in places where ordinary people have done extraordinary things (OBAMA, 2011). [Nossas duas nações enfrentam muitos desafios. Na estrada à frente, certamente encontraremos muitos obstáculos. Mas, no fim, é nossa história que nos dá esperança para um amanhã melhor. É o conhecimento de que os **homens** e **mulheres** que vieram antes de nós triunfaram sobre desafios maiores do que estes - de que vivemos em lugares onde **pessoas comuns** fizeram coisas extraordinárias] (grifo meu).

Também na passagem acima, há recorrência de um tipo de *ethos* projetado pelo enunciador ao compartilhar da visão da presidente Dilma, também projetada por ele, de que ele, assim como “homens” e “mulheres” brasileiros e estadunidenses – “pessoas comuns” – vive em uma terra “onde pessoas comuns fizeram coisas extraordinárias”. Percebo que Obama se identifica com a formação desta imagem, de pessoa comum que alcança algo extraordinário. Assim é que, ainda por meio da imagem que faz de si, o enunciador projeta exotopicamente uma imagem do Brasil como nação próspera.

No último trecho de sua fala, por fim, Obama desenha uma imagem de nosso país como parceiro do “novo século”, mantendo o diálogo com a imagem do Brasil como país de futuro. Futuro aqui pode acentuar que o sucesso dos acontecimentos do porvir está garantido no Brasil, é um futuro certo, determinado. Com isso, o enunciador deixa para trás, dissidências que existiram no passado das duas nações, Brasil e EUA, e enfraquece as discordâncias do presente:

It's that sense of possibility, that sense of optimism that first drew pioneers to this New World. It's what binds our nations together as partners in this new century. It's why we believe, in the words of Paul Coelho, one of your most famous writers, 'With the strength of our love and our will, we can change our destiny, as well as the destiny of many others' (OBAMA, 2011). [É esse senso de **possibilidade**, esse senso de **otimismo** que primeiro atraiu pioneiros para este Novo Mundo. É o que une nossas nações como **parceiros nesse novo** século. É por isso que acreditamos, nas palavras de **Paulo Coelho**, um de seus mais famosos escritores, ‘Com a força do nosso amor e da nossa vontade, podemos mudar o nosso destino, bem como o destino de muitos outros’] (grifo meu).

No novo século, a “possibilidade” de antes, que atraiu os primeiros colonizadores ao Novo Mundo, se mantém nos dias de hoje ao lado do “otimismo”, *ethos* consagrado que configura o povo brasileiro como povo otimista. Desse modo, a ideologia dos EUA flutua de sua esfera dominante para, como desfecho da apresentação de Obama, a esfera do cotidiano,

quando personifica a figura do brasileiro na pessoa do escritor Paulo Coelho e faz dele suas palavras. O texto de Paulo Coelho é reacentuado na imagem do Brasil como país parceiro, país amigo.

Como visto até aqui, as imagens formadas pelo presidente dos Estados Unidos Barack Obama resultaram de seu excedente de visão em relação ao Brasil. Isso fez com que a nação estadunidense olhasse para a nação brasileira, mediante determinados enfoques, de onde brotaram sentidos movimentados pelo movimento do olhar de Obama para o seu diferente, para o outro, o Brasil. De seu lugar privilegiado, fornecido pela dimensão ampliada de sua visão, imagens de uma nação brasileira como país do futebol, país rico culturalmente e como um país bonito por natureza foram compiladas de um ponto de vista cultural. Ao ressignificar a nação brasileira desse modo, Obama foi tecendo o fio do *ethos* que tentou trazer para perto dos EUA o Brasil.

O tear de proximidade acompanhou a evolução de sua fala, quando desenhou imagens do Brasil a partir de sua visão política, da qual o Brasil como um país amigo teve o traço de desenho mais intenso dentre as demais imagens construídas nos trechos analisados nesta pesquisa. Outras imagens advieram do enfoque político. Brasil, um país abolicionista, país independente, livre. O Brasil como país de potência emergente foi outra imagem notadamente desenhada por Obama em sua enunciação. Por meio dela, ele destoou a nação brasileira das demais nações latino-americanas, que não foram citadas diretamente pelo enunciador, mas foram evocadas, por diversas vezes, quando da investigação dos sentidos no discurso obamaniano.

Ao lado das imagens do Brasil como país amigo, abolicionista, de potência emergente, outros desenhos do Brasil como país independente, livre, democrata. Também como um país de soluções. Não mais um país com promessa de futuro, mas, sim, um país do presente, que teve esse presente também inaugurado pela enunciação do presidente B. Obama em solo brasileiro, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro em 2011.

De seu ponto de vista econômico, Obama redesenhou imagens do Brasil como país de potência emergente. O redesenho também delineou a imagem da nação brasileira como potência no universo da economia global, parceira dos EUA. A equiparação do lugar econômico ocupado pelas duas nações perante o mundo, leia-se, mercado financeiro, não aproxima, contudo, os EUA do Brasil. Demarca uma distância, ainda que camuflada no discurso de Obama, de onde se escuta que o Brasil não compartilha do mesmo status

estadunidense na economia mundial. Há, sim, um Brasil que guarda sua posição entre as dez maiores potências econômicas do globo. Mas, o faz baseado em um PIB interno bastante aquém, se comparado, evidentemente, ao dos EUA.

Obama ainda profere seu discurso ancorado em uma visão social. Dela, emergem imagens do Brasil, novamente, como uma nação amiga, parceira, livre, de potência emergente, rica culturalmente. Surge, nessa enunciação, o Brasil como uma nação irmã, que presta auxílio, que ajuda outras nações. Essa ajuda é ressignificada, pois, nesse contexto, o Brasil presta socorro ao Japão, a terceira maior economia do mundo.

A perspectiva histórica guia os últimos movimentos do olhar de Barack Obama para o Brasil em seu pronunciamento. As imagens do Brasil construídas por esse foco o desenham como um país brilhante, uma vez que é livre, que derrocou a ditadura militar, que redemocratizou seu governo. Com isso, construiu, por fim, a imagem de uma nação brasileira próspera, projetada para um futuro, certo, determinado. Um futuro em que Brasil e Estados estão juntos, lado a lado, formando alianças.

6. Considerações finais

Com esta pesquisa, quisemos, eu e meu orientador, dar um contributo aos estudos em torno da obra de Bakhtin e seu Círculo e sua aplicação aos estudos críticos da linguagem. Sobretudo, pelo fato de inexistir, até meu conhecimento de agora, estudos acadêmicos sobre a categoria bakhtiniana exotopia e seu funcionamento no discurso político. Raros, aliás, são os trabalhos que tratam desta categoria fora do âmbito literário, esfera discursiva na qual tem sido mais recorrente a pesquisa em torno desta categoria. A razão para isso, sem dúvida, é o fato de a exotopia ter sido apresentada na obra de Bakhtin a partir de sua análise dos romances de Dostoievski.

Desse modo, por meio dessa análise, procurou-se responder a questionamentos acerca da reflexão quanto ao pronunciamento de Barack Obama no Brasil, tais como: Que imagens do Brasil são construídas a partir do excedente de visão observado no discurso em questão? Que imagens o presidente Barack Obama quer formar do outro, a partir do lugar que ocupa no discurso? E que imagens ele forma de si? Quais posicionamentos ideológicos produzem ou atravessam esse discurso diverso, promovido pelo olhar para o outro? Quais as posições avaliativas, no discurso de Obama, para signos ideológicos como “nação”, “povo”, “cultura”, “liberdade”, que possam vir a compor imagens do Brasil?

Percebeu-se, portanto, que o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, ao desenvolver o seu pronunciamento, se propôs a desconstruir um estereótipo geralmente condizente à imagem dos Estados Unidos como potência imperialista que domina o mercado econômico global e explora o capital financeiro da América Latina, consequentemente, do Brasil. Uma das estratégias discursivas para alcançar este fim, como observado nos trechos analisados, foi o de elevar a nação brasileira à potência global, fazendo-a destoar das demais nações latinas. Afora que Obama não se referiu, em nenhum momento de seu discurso, ao Brasil como um país latino-americano.

Nos olhares inaugurados por Barack Obama em seu pronunciamento, observou-se a forma como seu excedente de visão em relação ao Brasil deu acabamento a este país. Novos sentidos foram percebidos no exercício da alteridade, que causou o estranhamento conduzido pelo reconhecimento da diferença, a qual, na enunciação de Obama, se processou entre sujeitos, povos, nações, culturas.

Com isso, compreendeu-se como a cultura estadunidense, significada na enunciação do presidente, deu acabamento à cultura brasileira. Uma cultura observada pela ótica de quem intenta elevar a nação, ao mesmo tempo, submetendo-a ao poderio costumeiramente exercido pelos EUA no mercado financeiro mundial. Com a liderança ameaçada pela atuação do mercado chinês no mundo, em especial, na América Latina, Obama volta seus olhos para os países dessa região, propondo diálogos que visam a fechamentos de acordos financeiros. Daí sua presença no Brasil, em março de 2011. A proximidade, assim estabelecida, a meu ver, demarca, na verdade, um distanciamento. O reconhecimento de “semelhanças” contribui para o apagamento das diferenças reais entre os dois países. Contribui ainda para que o discurso imperialista passe despercebido a olhos e ouvidos de cidadãos comuns, muitos dos quais assistiram ao pronunciamento de Obama transmitido pela televisão ou pela internet. Foi possível, inferir, a partir desse discurso, portanto, como o discurso obamaniano beira ao discurso – por que não dizer? – do “novo colonizador” das regiões da América Latina, do Brasil, a falar para/sobre seus “novos colonizados”.

Isso porque as relações alteritárias da enunciação de Obama, afetadas, ao longo do seu discurso, pela entonação, demarcaram as ideologias que atravessaram sua fala e contribuíram para a formação das imagens que o presidente Obama construiu em sua enunciação. Sem dúvida, a imagem mais fortemente desenhada é a que imagina o Brasil como um país amigo dos Estados Unidos. No *corpus* analisado, o excedente de visão de Obama demonstrou uma nação brasileira de visibilidade no cenário econômico mundial, ao mesmo tempo próxima e afim, apta a fechar acordos, a ser parceira de negócios, porque comuns são os valores e ideais partilhados entre ambas as nações.

Desse modo, o olhar estadunidense para o Brasil desenhou imagens positivas de uma nação amiga. Nunca estiveram os países em guerra, decerto. Mas a amizade postulada discursivamente por Obama não é tão fluida, como percebida nesta análise. O olhar do autor para sua personagem, na obra literária, observa-a como ela é, com sua história, memória, cultura própria. O olhar do estrangeiro enxerga, no outro, a própria nacionalidade. Assim, quando a nação estadunidense olhou para a nação brasileira, em território brasileiro, viu muito de si, de seu lugar cultural, político, econômico, social, histórico, seu lugar no mundo e não o lugar de fato ocupado por esta nação, em termos sociais, culturais, financeiros, políticos, etc.

Por vezes, o foco desse olhar percebeu o Brasil em fotografias consagradas e reconhecidas pelos próprios brasileiros. Noutras, percebeu um Brasil imaginado por sua lente

estadunidense. Uma lente que observa, sim, a história deste país, a memória, a cultura. Mas, não ajusta o foco, em determinados momentos, fazendo “vista grossa” para questões importantes como as que foram aqui apresentadas.

Assim quem olha para o Brasil é o líder da maior nação do globo, os Estados Unidos, que intervieram política, econômica e culturalmente em diversas regiões do mundo, como a América Latina, de onde assentaram muito de seu poder legitimado nos dias de hoje. Com a visita de Barack Obama ao Brasil, na agenda que também cumpriu no Chile e em El Salvador, sua presença aqui foi consagrada. Por meio da mídia, sua imagem foi veiculada, seu discurso foi divulgado, seu olhar foi legitimado.

A eficácia de seu discurso se deu em parte por essa legitimidade, instaurada por seu cargo político. E não somente. Obama trouxe de lá dos EUA a imagem que o consagrou em todo o mundo, como o primeiro afrodescendente a chegar à Casa Branca. Com um discurso diferenciado do seu antecessor, o ex-presidente George W. Bush, mais brando, voltado para as minorias, chega ao Brasil o estrangeiro que intenta trazer para perto de si este país, do mesmo hemisfério, mas com diferenças tão notórias.

No silenciamento dos choques culturais entre Brasil e EUA, Obama não trata, por exemplo, do aspecto religioso, sendo o Brasil um país de muitos credos, mas com um significativo número de fiéis católicos. Outros pontos de conflito foram diluídos em seu discurso, parecendo intentar que o seu olhar para o outro, para o Brasil, induz que este outro devolva-lhe o olhar desejado.

Dessa forma, por mais diluídos em seu pronunciamento, puderam ser percebidos, nesta análise, os pontos de conflito ideológicos ocultados. E isso foi possível em decorrência do caminho metodológico-científico escolhido e, ainda, de meu olhar para este objeto. Meu excedente de visão – próprio de meu lugar, nascida eu em uma nação latino-americana – em relação ao olhar de Obama para meu país, me faz entender que o democrata é dono de um discurso de nação pacífica, que também embute o discurso imperialista inserido no projeto estadunidense de envolvimento sistemático e de grande influência na dinâmica política e cultural de outras nações.

Em sua visita ao Brasil, seu discurso se propôs agregador, construtor de igualdades, diluidor de diferenças. E assim o fez. Diluiu diferenças claras entre as duas nações para uma plateia que o aplaudiu diversas vezes. Também para uma população pacífica, dócil,

composta pelos “novos colonizados”? No discurso de camaradagem do presidente dos EUA em nosso país, o cidadão brasileiro comum pôde achar que estava diante da fala de uma figura importante, cheia de valores advindos das imagens formadas de si em seu pronunciamento, como a de afrodescendente, pessoa comum que faz coisas extraordinárias, de líder da maior potência do globo, líder de um país solidário. A partir daí, esse mesmo cidadão comum pode embarcar na composição das imagens do Brasil como país amigo, país de potência emergente, país livre, país próspero, de riquezas naturais, país do futebol, que foram observadas no pronunciamento do presidente, nesta análise, e, apolitizadamente, concordar com o presidente Obama.

Eu discordo. A diferença entre os dois países é alarmante. O Brasil é um país contraditório. Ao mesmo tempo em que ocupa um importante lugar no mercado financeiro mundial, a ponto de incomodar “velhos coronéis” do mercado mundial, oferece, pra falar no mínimo, um desserviço em saúde e educação, áreas básicas de atenção à população, e amarga o ranço da corrupção em seu sistema político, engordando bolsos de paletós que casam muito bem com colarinhos brancos. Onde a grandeza de uma nação assim?

Ressalto que esse é um olhar. Outros olhares podem se voltar ao objeto de minha pesquisa e perceber mais sentidos, outros diálogos, novas forças ideológicas. Isso porque o meu olhar, assim como o olhar de Obama, fixa-se a um tempo, a um contexto. Novos contextos poderão dar a esse objeto novos sentidos, evidentemente.

Intenta-se, ainda, em decorrência desta pesquisa, ampliar o diálogo entre a Linguística Aplicada e outros domínios do conhecimento em Ciências Humanas, como a Sociologia, a História, o Direito, a Política. E, ainda, servir de sugestão para novos estudos que pretendam analisar o discurso político na pós-modernidade.

Referências

- ANDERSON, Benedict R. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail e V. N. VOLOCHÍNOV. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. 14ª ed. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. 3ª ed. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1996.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6ª ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. O discurso no romance. In: BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e Estética**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2010b.
- BAKHTIN, Mikhail. Os estudos literários hoje. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6ª ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5ª ed. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e Estética**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2010b.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **As relações perigosas**: Brasil-Estados Unidos (de Collor a Lula, 1990-2004). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Formação do Império Americano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- Barack Obama dribla crise e é reeleito presidente dos EUA. **Folha de São Paulo online**, São Paulo. 07 nov. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1181534-barack-obama-dribla-crise-e-e-reeleito-presidente-dos-eua.shtml>>. Acesso em: 07 fev. 2013.
- Barack Obama pede equilíbrio no corte de gastos nos Estados Unidos. **O Povo online**, Fortaleza. 03 fev. 2013. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/opovo/radar/2013/02/02/noticiasjornalradar,2999922/barack-obama-pede-equilibrio-no-corte-de-gastos-nos-estados-unidos.shtml>> Acesso em: 07 fev. 2013.
- BAUER, Otto. A nação. In: BALAKRISHNAN, Gopal. **Um mapa da questão nacional**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- BERNARDI, Rosse Marye. Rabelais e a sensação carnavalesca do mundo. In: BRAIT, Beth (org). **Bakhtin, dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos**: táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 11ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. 10ª. ed. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus Editora, 2003.

BRAIT, Beth e MACHADO, Irene. O encontro privilegiado entre Bakhtin e Dostoiévski num subsolo. **Revista Bakhtiniana**. São Paulo, n. 6 (1), p. 24-43, Ago./Dez. 2011. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/6999/5527>> Acesso em: 05 Out. 2012.

BRAIT, Beth e MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CABRAL, Otávio. Terremoto... tsunami... e choque. **Revista Veja**, São Paulo, 16 mar. 2011. Capa, p. 80.

CAMPOS, Maria Inês Batista. Questões de Literatura e Estética. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2012.

CERVO, Amado Luiz. Política exterior e relações internacionais do Brasil: enfoque paradigmático. **Rev. bras. polít. int.**, Brasília, v. 46, n. 2, Dec. 2003. p. 5-25. Disponível a partir do <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292003000200001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 Mar. 2012.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. Tradução de Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: contexto, 2006.

CLARK, Katerina e HOLQUIST, Michael. **Mikhail Bakhtin**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.

COLOMBO, Sandra; FRECHERO, J. Ignacio. Yes we can?: A política externa de Obama para a América Latina: da decepção à autonomização da região. **Contexto int.**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 1, June 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-85292012000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 Feb. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-85292012000100006>.

COSTA, Ana Clara. PIB fraco faz Brasil perder posto de 6ª economia do mundo. **Veja**, São Paulo. 31 ago. 2012. Acesso em: 14 mar. 2013. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/economia/pib-fraco-faz-brasil-perder-posto-de-6a-economia-do-mundo>>

COSTA, M, A, F. Da. COSTA, M. F. B. **Metodologia da Pesquisa**: conceitos e técnicas. Rio de Janeiro: Interciência, 2001.

Discurso de Obama na Cinelândia é cancelado. **Estadão.com.br**, São Paulo, 18 mar. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,discurso-de-obama-na-cinelandia-e-cancelado,693853,0.htm>>. Acesso em 04 mar. 2012.

DOSTOIEVSKI, Fiódor. **Memórias do Subsolo**. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2000.

EGGS, E. Ethos aristotélico, convicção e pragmática. In: AMOSSY, R. **Imagens de si no discurso**. São Paulo: Contexto, 2011.

FARACO, Carlos Alberto. Criação ideológica e dialogismo. In: **Linguagem e Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2009.

FERREIRA, M. C.; MOURA, M. L. S. **Projetos de pesquisa: elaboração, redação e apresentação**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2005.

FIORIN, José Luiz. **Introdução do pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

FREITAS, Antônio. Palavra: signo ideológico. **Biblioteca On Line de Ciências da Comunicação**. 1999. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/freitas-antonio-palavra-signo.pdf>> Acesso em: 20 jul. 2011.

FRESSATO, Soleni Biscouto. Cultura popular: reflexões sobre um conceito complexo. **Site O profano é sagrado na Bahia: imagens e representações da cultura popular**. 2009. Disponível em: <<http://oolhodahistoria.org/culturapopular/artigos/culturapopular.pdf>> Acesso em: 02 fev. 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, João Batista Costa. **Poder e afeto nas narrativas bíblicas: uma análise da construção do ethos discursivo nas parábolas contadas por Jesus**. 2006. 350f. Tese (Doutorado em Linguística) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

GRILLO, Sheila V. de Camargo. Esfera e Campo. IN: BRAIT, Beth. **Bakhtin outros conceitos-chaves**. São Paulo: Contexto, 2010.

Leia a íntegra do discurso de posse de Barack Obama. **G1**, São Paulo, 20 jan. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Sites/Especiais/Noticias/0,,MUL964157-16108,00.html>> Acesso em: 07 fev. 2013.

MAGALHÃES JÚNIOR, Caibar Pereira. **O conceito de exotopia em Bakhtin: uma análise de *O filho eterno*, de Cristovão Tezza**. 2010. 248f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel & SALGADO, Luciana. **Ethos discursivo**. Tradução de Luciana Salgado. São Paulo: Contexto, 2008a.

MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia e incorporação. Tradução de Sírio Possenti. In: AMOSSY, R (org.). **Imagens de si no discurso**. São Paulo: Contexto, 2011.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução de Cecília P. de Souza e Silva, Décio Rocha. 3ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos da comunicação**. Tradução Freda Indursky; revisão dos originais da tradução Solange Maria Ledda Gallo, Maria da Gloria de Deus Vieira de Moraes. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 2008b.

MALZAHN, Claus Christian. Nobel de Obama é mais peso que uma honra. **Site da UOL Notícias**. Tradução de Luiz Roberto Mendes Gonçalves. Disponível em: <[http://noticias.ml6k\]~puol.com.br/midiaglobal/derspiegel/2009/10/13/ult2682u1341.jhtm](http://noticias.ml6k]~puol.com.br/midiaglobal/derspiegel/2009/10/13/ult2682u1341.jhtm)> Acesso em: 02 mar. 2012.

MARTINS, Mônica. O Banco Mundial e as Políticas Públicas para a América Latina. **Site do Centro Brasileiro de Documentação e Estudos da Bacia do Prata**. Disponível em: <http://www.cedep.ifch.ufrgs.br/Textos_Elet/Alas/Monica%20Dias%20Martins.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2012.

MENEZES, Albene Miriam F. Sistema Interamericano: pressupostos doutrinários da hegemonia norte-americana. In: **III Simpósio Internacional: estados americanos: relações continentais e intercontinentais: 500 anos de história**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

MILANI, Carlos Roberto Sanchez. A Importância das Relações Brasil – Estados Unidos na Política Externa Brasileira. **Boletim de Economia e Política Internacional**. Brasília, n. 6, p. 69-85, abr./jun. 2011. Disponível a partir do <https://ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/boletim_internacional/110614_boletim_internacional06.pdf#page=70>. Acesso em 05 mar. 2012.

MILES, M. B. Huberman, A. M. **Qualitative data analysis: an expanded sourcebook**. Thousand Oaks: Sage, 1994.

MIOTELO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

No discurso de posse, Obama faz apelo pela união dos EUA. **G1**, São Paulo, 21 jan. 2013. Disponível: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/01/no-discurso-de-posse-obama-faz-apelo-pela-uniao-dos-eua.html>> Acesso em: 07 fev. 2013.

Obama propõe pacote menor para evitar cortes automáticos. **G1**, São Paulo, 05. Fev. 2013. Disponível: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2013/02/obama-propoe-pacote-menor-para-evitar-cortes-automaticos-de-gastos.html>>. Acesso em: 07 fev. 2013.

OBAMA, Barack. **A audácia da esperança**: reflexões sobre a reconquista do sonho americano. Tradução Candombá. São Paulo: Laurosse do Brasil, 2007.

OBAMA, Barack. **A origem dos meus sonhos**. Tradução de Irati Antonio, Renata Laureano, Sonia Augusto. São Paulo: Editora Gente, 2008.

OBAMA, Barack. Remarks by the President to the People of Brazil in Rio de Janeiro, Brazil. **Site da Casa Branca**. Disponível em: <<http://www.whitehouse.gov/the-press-office/2011/03/20/remarks-president-people-brazil-rio-de-janeiro-brazil>> Acesso em: 27 mar. 2012.

PARAGUASSÚ, Lisandra. Discurso de Obama na Cinelândia é cancelado. **Site do Estadão**. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,discurso-de-obama-na-cinelandia-e-cancelado,693853,0.htm>> Acesso em: 02 mar. 2012.

PETRAS, James e VELTMEYER, Henry. **A hegemonia dos Estados Unidos no novo milênio**. Tradução de Jaime A. Clasen e Ricardo A. Rosenbuch. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

PONZIO, Augusto. **A revolução bakhtiniana**: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea. Coordenação de tradução Valdemir Miotello. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SCHWARCZ, Lílian Moritz. Imaginar é difícil (porém necessário). In: ANDERSON, Benedict R. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

STELLA, Paulo Rogério. Palavra. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

‘The Economist’ compara economia de Estados do Brasil com países. Acesso em: 14 mar. 2013. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/economia/infograficos/pib-estados/>>.

TEZZA, Cristovão. A construção das vozes no romance. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: dialogismo e construção do sentido. 2ª ed. São Paulo: Editora Unicamp, 2005.

TODOROV, T. Prefácio à edição francesa. Tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6ª ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

Veja repercussão da reeleição de Barack Obama. **G1**, São Paulo. 07 nov. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2012/noticia/2012/11/veja-repercussao-da-reeleicao-de-barack-obama.html>> Acesso em: 07 fev. 2013.

VELASCO, Andrés. Brasil, não mais o País do Futuro? **Jornal de Negócios online**, Lisboa. 03 abr. 2012. Acesso em: 14 mar. 2013. Disponível em: <http://www.jornaldenegocios.pt/opiniao/detalhe/brasil_natildeo_mais_o_paiacutes_do_futuro.html>.

VOLOSHINOV, V. N. “O discurso na vida e o discurso na arte” (1926). Trad. Para uso didático por C. Tezza e C. A. Franco. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/96529004/M-Bakhtin-Discurso-Na-Vida-Discurso-Na-Arte>> Acesso em: 12 de setembro de 2011.

YAGUELLO, M. Introdução. In: BAKHTIN, Mikhail. V. N. VOLOCHÍNOV. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. 14ª ed. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

ANEXOS

Pronunciamento do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, no dia 20 de março de 2011:

The White House / Office of the Press Secretary / For Immediate Release

March 20, 2011 / Teatro Municipal
Rio de Janeiro

Remarks by the Presidente to the People of Brazil in Rio de Janeiro, Brazil⁶³

2:56 P.M. BRT

THE PRESIDENT: *Hello, Rio de Janeiro!*

AUDIENCE: *Hello!*

AUDIENCE MEMBER: *Many welcomes! (Muito boas vindas)- Sejam Bem-Vindos!!*

THE PRESIDENT: *Alô! Cidade! Maravilhosa! (Applause.) Boa tarde, todo o povo brasileiro. (Applause.)*

Since the moment we arrived, the people of this nation have graciously shown my family the warmth and generosity of the Brazilian spirit. Obrigado. Thank you. (Applause.) And I want to give a special thanks to all of you for being here, because I've been told that there's a Vasco football game coming. (Cheers and boos.) Botafogo – (laughter.) So I know that -- I realize Brazilians don't give up their soccer very easily. (Laughter.)

Desde o momento em que chegamos, o povo desta nação tem gentilmente mostrado à minha família o calor e a generosidade do espírito brasileiro. “Obrigado”. Obrigado (aplausos). Quero agradecer a todos por estarem aqui, pois me disseram que haverá um jogo do “Vasco” (comoção na plateia), “Botafogo” (risadas). Então eu sei que – eu percebo que os brasileiros não abrem mão de seu futebol tão facilmente (risadas).

Now, one of my earliest impressions of Brazil was a movie I saw with my mother as a very young child, a movie called Black Orpheus, that is set in the favelas of Rio during Carnival. And my mother loved that movie, with its singing and dancing against the backdrop of the beautiful green hills. And it first premiered as a play right here in Teatro Municipal. That's my understanding.

Uma das primeiras impressões que tive do Brasil foi de um filme que vi com minha mãe quando eu era muito pequeno, o filme se chamava "Orfeu negro", que se passava nas favelas do Rio durante o carnaval. E minha mãe adorava aquele filme, tinha música e dança e como pano de fundo, os lindos morros verdes. Esse filme estreou primeiramente como uma peça bem aqui, no Teatro Municipal. Este é o meu entendimento.

⁶³ Cf. <<http://www.whitehouse.gov/the-press-office/2011/03/20/remarks-president-people-brazil-rio-de-janeiro-brazil>> Acesso em: 27 mar. 2012. Tradução da mestrandia e professora de inglês Elisiany Leite Lopes de Sousa.

And my mother is gone now, but she would have never imagined that her son's first trip to Brazil would be as President of the United States. She would have never imagined that. (Applause.) And I never imagined that this country would be even more beautiful than it was in the movie. You are, as Jorge Ben-Jor sang, "A tropical country, blessed by God, and beautiful by nature." (Applause.)

E minha mãe já se foi, mas ela nunca teria imaginado que a primeira viagem de seu filho ao Brasil seria como presidente dos Estados Unidos. Ela nunca teria imaginado isso. (Aplausos) E eu nunca imaginei que este país seria ainda mais bonito do que era no filme. Vocês são, como Jorge Ben Jor cantou, "Um país tropical, abençoado por Deus, e bonito por natureza." (Aplausos)

I've seen that beauty in the cascading hillsides, in your endless miles of sand and ocean, and in the vibrant, diverse gatherings of brasileiros who have come here today.

Vi essa beleza nas encostas dos morros, nas infindáveis milhas de areia e oceanos e nas vibrantes e diversificadas multidões de brasileiros que vieram aqui hoje.

And we have a wonderfully mixed group. We have Cariocas and Paulistas, Baianas, Mineiros. (Applause.) We've got men and women from the cities to the interior, and so many young people here who are the great future of this great nation.

E nós temos um grupo maravilhosamente misturado. Temos cariocas e paulistas, baianos, mineiros. (Aplausos) Temos homens e mulheres das cidades até o interior, e tantos jovens aqui que serão grandes no futuro desta grande nação.

Now, yesterday, I met with your wonderful new President, Dilma Rousseff, and talked about how we can strengthen the partnership between our governments. But today, I want to speak directly to the Brazilian people about how we can strengthen the friendship between our nations. I've come here to share some ideas because I want to speak of the values that we share, the hopes that we have in common, and the difference that we can make together.

Recentemente, ontem, tive um encontro com sua maravilhosa nova presidente, Dilma Rousseff, e conversamos sobre como podemos fortalecer a parceria entre nossos governos. Mas hoje quero falar diretamente com o povo brasileiro sobre como podemos fortalecer a amizade entre nossas nações. Vim aqui para compartilhar algumas ideias, pois quero falar sobre os valores que compartilhamos, as esperanças que nós temos em comum e a diferença que nós podemos fazer juntos.

When you think about it, the journeys of the United States of America and Brazil began in similar ways. Our lands are rich with God's creation, home to ancient and indigenous peoples. From overseas, the Americas were discovered by men who sought a New World, and settled by pioneers who pushed westward, across vast frontiers. We became colonies claimed by distant crowns, but soon declared our independence. We then welcomed waves of immigrants to our shores, and eventually after a long struggle, we cleansed the stain of slavery from our land.

Quando você pensa sobre isso, as jornadas dos Estados Unidos da América e o Brasil começaram em caminhos iguais. Nossas terras são ricas com a criação de Deus, lar de povos antigos e indígenas. Além do oceano, as Américas foram descobertas por homens que

buscavam um Novo Mundo, e se estabeleceram por pioneiros que empurraram para o oeste, através das imensas fronteiras. Nós tornamos colônias dominadas por coroas distantes, mas logo declaramos nossa independência. Em seguida recebemos grandes quantidades de imigrantes em nossas costas e mais tarde, depois de muita luta, limpamos a mancha da escravidão de nossas terras.

The United States was the first nation to recognize Brazil's independence, and set up a diplomatic outpost in this country. The first head of state to visit the United States was the leader of Brazil, Dom Pedro II. In the Second World War, our brave men and women fought side-by-side for freedom. And after the war, both of our nations struggled to achieve the full blessings of liberty.

Os EUA foram a primeira nação a reconhecer a independência do Brasil e a estabelecer um posto diplomático neste país. O primeiro chefe de estado a visitar os EUA foi o líder do Brasil Dom Pedro II. Na Segunda Guerra Mundial nossos corajosos homens e mulheres lutaram lado a lado pela liberdade. E depois da guerra, nossas duas nações lutaram para conseguir as bênçãos plenas da liberdade.

On the streets of the United States, men and women marched and bled and some died so that every citizen could enjoy the same freedoms and opportunities -- no matter what you looked like, no matter where you came from. In Brazil, you fought against two decades of dictatorships for the same right to be heard -- the right to be free from fear, free from want. And yet, for years, democracy and development were slow to take hold, and millions suffered as a result.

Nas ruas dos EUA, homens e mulheres marcharam e sangraram e alguns até morreram para que todos os cidadãos pudessem usufruir das mesmas liberdades e oportunidades, não importa como fosse sua aparência, não importa de onde você viesse. No Brasil vocês lutaram contra duas décadas de ditadura, lutando pelo mesmo direito de serem ouvidos, o direito de serem livres, livres do medo, livres da necessidade. E mesmo assim, durante anos, a democracia e o desenvolvimento demoraram a se estabelecer e milhões sofreram por causa disso.

But I come here today because those days have passed. Brazil today is a flourishing democracy -- a place where people are free to speak their mind and choose their leaders; where a poor kid from Pernambuco can rise from the floors of a copper factory to the highest office in Brazil.

Mas venho aqui hoje porque esses dias passaram. Brasil é hoje uma democracia florescente - um lugar onde as pessoas são livres para falar o que pensam e escolher seus líderes, onde um garoto pobre de Pernambuco pode subir a partir dos andares de uma fábrica de cobre ao mais alto cargo do executivo no Brasil.

Over the last decade, the progress made by the Brazilian people has inspired the world. More than half of this nation is now considered middle class. Millions have been lifted from poverty. For the first time, hope is returning to places where fear had long prevailed. I saw this today when I visited Cidade de Deus -- the City of God. (Applause.)

Durante a última década, o progresso feito pelo povo brasileiro inspirou o mundo. Mais da metade deste país é considerada classe média. Milhões foram retirados da pobreza. Pela

primeira vez, a esperança está voltando a lugares onde o medo prevaleceu por muito tempo. Eu vi isso hoje, quando visitei a "Cidade de Deus" - a Cidade de Deus. (Aplausos)

It isn't just the new security efforts and social programs -- and I want to congratulate the mayor and the governor for the excellent work that they're doing. (Applause.) But it's also a change in attitudes. As one young resident said, "People have to look at favelas not with pity, but as a source of presidents and lawyers and doctors, artists, [and] people with solutions." (Applause.)

Não se trata apenas dos novos esforços com segurança e programas sociais. Eu quero dar os parabéns ao prefeito e ao governador pelo excelente trabalho que estão fazendo. (Aplausos) Mas também é uma mudança nas atitudes. Como um jovem morador disse, "As pessoas devem olhar a favela não com pena, mas como uma fonte de presidentes, advogados, médicos, artistas e pessoas com soluções". (Aplausos)

With each passing day, Brazil is a country with more solutions. In the global community, you've gone from relying on the help of other nations, to now helping fight poverty and disease wherever they exist. You play an important role in the global institutions that protect our common security and promote our common prosperity. And you will welcome the world to your shores when the World Cup and the Olympic games come to Rio de Janeiro. (Applause.)

A cada dia que passa, o Brasil é um país com mais soluções. Na comunidade global, vocês passaram de contar com a ajuda de outras nações para agora ajudar a lutar contra a pobreza e a doença onde quer que elas existam. Vocês desempenham um papel importante nas instituições globais ao promover nossa segurança em comum e nossa prosperidade em comum. E vocês darão boas vindas ao mundo em seus litorais quando a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos vierem ao Rio de Janeiro (aplausos).

Now, you may be aware that this city was not my first choice for the Summer Olympics. (Laughter.) But if the games could not be held in Chicago, then there's no place I'd rather see them than right here in Rio. And I intend to come back in 2016 to watch what happens. (Applause.)

Agora, vocês sabem que esta cidade não foi minha primeira escolha para os jogos olímpicos (risos). Mas, se os jogos não pudessem ser realizados em Chicago, então não existiria nenhum lugar em que eu gostaria mais de vê-los do que aqui no Rio. E eu pretendo voltar em 2016 para ver o que acontece (aplausos).

For so long, Brazil was a nation brimming with potential but held back by politics, both at home and abroad. For so long, you were called a country of the future, told to wait for a better day that was always just around the corner.

Por muito tempo, o Brasil foi uma nação cheia de potencial, mas atrasada pela política, tanto aqui quanto no exterior. Durante muito tempo, vocês foram chamados de o país do futuro, disseram para esperar pelos dias melhores que estavam chegando.

Meus amigos, that day has finally come. And this is a country of the future no more. The people of Brazil should know that the future has arrived. It is here now. And it's time to seize it. (Applause.)

Meus amigos, este dia finalmente chegou. Este não é mais o “país do futuro”. O povo brasileiro deve saber que o futuro já chegou. Está aqui agora. É hora de aproveitá-lo. (Aplausos)

Now, our countries have not always agreed on everything. And just like many nations, we're going to have our differences of opinion going forward.

Agora, os nossos países nem sempre concordaram em tudo. E, assim como muitas nações, vamos ter nossas diferenças de opinião daqui para frente.

But I'm here to tell you that the American people don't just recognize Brazil's success — we root for Brazil's success. As you confront the many challenges you still face at home as well as abroad, let us stand together — not as senior and junior partners, but as equal partners, joined in a spirit of mutual interest and mutual respect, committed to the progress that I know that we can make together. (Applause.) I'm confident we can do it. (Applause.)

Mas estou aqui para lhes dizer que o povo americano não apenas reconhece o sucesso do Brasil, nós torcemos pelo sucesso do Brasil. Como vocês confrontam os muitos desafios que ainda enfrentam em casa e no exterior, vamos ficar juntos, não como parceiros sênior e júnior, mas como parceiros iguais, unidos pelo espírito do interesse comum e do respeito mútuo, comprometidos para com o progresso que sei que poderemos fazer juntos. (Aplausos) Estou confiante de que podemos fazer isso. (Aplausos)

Together we can advance our common prosperity. As two of the world's largest economies, we worked side by side during the financial crisis to restore growth and confidence. And to keep our economies growing, we know what's necessary in both of our nations. We need a skilled, educated workforce -- which is why American and Brazilian companies have pledged to help increase student exchanges between our two nations.

Juntos, podemos aumentar nossa prosperidade em comum. Como duas das maiores economias do mundo, trabalhamos lado a lado durante a crise financeira para restaurar o crescimento e confiança. E para manter nossas economias crescendo, sabemos do que é necessário em ambas as nações. Precisamos de uma força de trabalho capacitada - é por isso que empresas brasileiras e americanas assumiram um compromisso de aumentar o intercâmbio de estudantes entre nossas duas nações.

We need a commitment to innovation and technology -- which is why we've agreed to expand cooperation between our scientists, researchers, and engineers. We need world-class infrastructure -- which is why American companies want to help you build and prepare this city for Olympic success.

Precisamos de um compromisso com a inovação e a tecnologia - por isso concordamos em aumentar a cooperação entre nossos cientistas, pesquisadores e engenheiros. Precisamos de infraestrutura da mais alta qualidade - por isso as empresas americanas também querem ajudá-los a construir e preparar a cidade para o sucesso olímpico.

In a global economy, the United States and Brazil should expand trade, expand investment, so that we create new jobs and new opportunities in both of our nations. And that's why we're working to break down barriers to doing business. That's why we're building closer relationships between our workers and our entrepreneurs.

Numa economia globalizada, os EUA e o Brasil deveriam expandir o comércio, expandir investimentos, de modo a criar novos empregos e novas oportunidades em ambas nossas nações. E é por isso que estamos trabalhando para derrubar barreiras para fazer negócios. É por isso estamos construindo relações mais próximas entre nossos trabalhadores e nossos empreendedores.

Together we can also promote energy security and protect our beautiful planet. As two nations that are committed to greener economies, we know that the ultimate solution to our energy challenges lies in clean and renewable power. And that's why half the vehicles in this country can run on biofuels, and most of your electricity comes from hydropower. That's also why, in the United States, we've jumpstarted a new clean energy industry. And that's why the United States and Brazil are creating new energy partnerships -- to share technologies, create new jobs, and leave our children a world that is cleaner and safer than we found it. (Applause.)

Juntos, podemos trabalhar pela segurança da energia e proteger nosso lindo planeta. Como duas nações comprometidas com economias mais verdes, sabemos que a solução definitiva ao desafio da energia reside na energia limpa e renovável. Por isso a metade dos carros deste país pode circular com biocombustível e a maior parte de sua eletricidade vem de energia hidrelétrica. Isso é também porque, nos EUA, demos início a uma nova indústria limpa de energia. Por isso os EUA e o Brasil estão criando novas parcerias de energia - para compartilhar tecnologias, criar novos empregos, e deixar para nossos filhos um mundo mais limpo e mais seguro do que encontramos. (Aplausos).

Together, our two nations can also help defend our citizens' security. We're working together to stop narco-trafficking that has destroyed too many lives in this hemisphere. We seek the goal of a world without nuclear weapons. We're working together to enhance nuclear security across our hemisphere. From Africa to Haiti, we are working side by side to combat the hunger, disease, and corruption that can rot a society and rob human beings of dignity and opportunity. (Applause.) And as two countries that have been greatly enriched by our African heritage, it's absolutely vital that we are working with the continent of Africa to help lift it up. That is something that we should be committed to doing together. (Applause.)

Juntas, nossas duas nações também podem ajudar a defender a segurança de nossos cidadãos. Estamos trabalhando juntos para deter o narcotráfico que destruiu vidas demais neste hemisfério. Buscamos o objetivo de um mundo sem armas nucleares. Estamos trabalhando juntos para aumentar nossa segurança nuclear pelo nosso hemisfério. Da África ao Haiti, estamos trabalhando lado a lado para combater a fome, a doença e a corrupção que podem apodrecer uma sociedade e roubar seres humanos de sua dignidade e oportunidade. (Aplausos) Como dois países que foram extremamente enriquecidos pela nossa herança africana, é absolutamente vital que trabalhemos juntos com o continente da África para ajudá-lo a se erguer. É algo que devemos nos comprometer a fazer juntos. (Aplausos)

Today, we're both also delivering assistance and support to the Japanese people at their greatest hour of need. The ties that bind our nations to Japan are strong. In Brazil, you are home to the largest Japanese population outside of Japan. In the United States, we forged an alliance of more than 60 years. The people of Japan are some of our closest friends, and we will pray with them, and stand with them, and rebuild with them until this crisis has passed. (Applause.)

Hoje também estamos dando apoio e ajuda ao povo japonês em sua maior hora de necessidade. Os laços que unem nossa nação ao Japão são fortes. No Brasil, vocês são o lar da maior população japonesa fora do Japão. Nos EUA, solidificamos uma aliança com eles que já dura mais de 60 anos. O povo do Japão são alguns de nossos amigos mais próximos e ficaremos ao lado deles, rezaremos com eles e reconstruiremos com eles até que essa crise tenha passado. (Aplausos)

In these and other efforts to promote peace and prosperity throughout the world, the United States and Brazil are partners not just because we share history, not just because we're in the same hemisphere; not just because we share ties of commerce and culture, but also because we share certain enduring values and ideals.

Nestes e em outros esforços para promover a paz e a prosperidade no mundo todo, os EUA e o Brasil são parceiros não apenas porque compartilhamos história ou por estarmos no mesmo hemisfério; não apenas por compartilharmos laços de comércio e cultura, mas também porque compartilhamos certos valores e ideais duradouros.

We both believe in the power and promise of democracy. We believe that no other form of government is more effective at promoting growth and prosperity that reaches every human being -- not just some but all. And those who argue otherwise, those who argue that democracy stands in the way of economic progress, they must contend with the example of Brazil.

Ambos acreditamos no poder e na promessa da democracia. Acreditamos que nenhuma outra forma de governo é mais eficaz na promoção de crescimento e prosperidade que alcança todo ser humano - e não apenas alguns, mas todos. E aqueles que argumentam em contrário, que argumentam que a democracia atrapalha o crescimento econômico, eles precisam lidar com o exemplo do Brasil.

The millions in this country who have climbed from poverty into the middle class, they could not do so in a closed economy controlled by the state. You're prospering as a free people with open markets and a government that answers to its citizens. You're proving that the goal of social justice and social inclusion can be best achieved through freedom – that democracy is the greatest partner of human progress. (Applause.)

Os milhões neste país que subiram da pobreza para a classe média, eles não poderiam fazer isso em uma economia fechada controlada pelo Estado. Vocês estão prosperando como um povo livre, com mercados abertos e um governo que responde a seus cidadãos. Vocês estão provando que o objetivo da justiça social e inclusão social podem ser melhores alcançados por meio da liberdade - que a democracia é a maior parceira do progresso humano. (Aplausos)

We also believe that in nations as big and diverse as ours, shaped by generations of immigrants from every race and faith and background, democracy offers the best hope that every citizen is treated with dignity and respect, and that we can resolve our differences peacefully, that we find strength in our diversity.

Nós também acreditamos que em países tão grandes e diversos quanto os nossos, moldados por gerações de imigrantes de todas as raças e de fé e de cultura, a democracia oferece a melhor esperança de que todos os cidadãos sejam tratados com dignidade e respeito, e que

podemos resolver nossas diferenças pacificamente, que encontramos forças em nossas diversidades.

We know that experience in the United States. We know how important it is to be able to work together -- even when we often disagree. I understand that our chosen form of government can be slow and messy. We understand that democracy must be constantly strengthened and perfected over time. We know that different nations take different paths to realize the promise of democracy. And we understand that no one nation should impose its will on another.

Sabemos daquela experiência nos Estados Unidos.... Sabemos o quanto é importante ser capaz de trabalharmos juntos - mesmo quando, muitas vezes, discordamos. Eu entendo que a nossa forma escolhida de governo pode ser lenta e confusa. Entendemos que a democracia deve ser constantemente fortalecida e aperfeiçoada com o tempo. Nós sabemos que diferentes nações seguem caminhos diferentes para cumprir a promessa da democracia. E entendemos que nenhum país deve impor sua vontade sobre outro.

But we also know that there's certain aspirations shared by every human being: We all seek to be free. We all seek to be heard. We all yearn to live without fear or discrimination. We all yearn to choose how we are governed. And we all want to shape our own destiny. These are not American ideals or Brazilian ideals. These are not Western ideals. These are universal rights, and we must support them everywhere. (Applause.)

Mas também sabemos que há certas aspirações compartilhadas por todo ser humano: Nós todos buscamos ser livres. Todos nós buscamos ser ouvidos. Todos nós ansiamos por viver sem medo ou discriminação. Nós todos ansiamos por escolher como seremos governados. E todos nós queremos moldar nosso próprio destino. Esses não são ideais americanos ou ideais brasileiros. Esses não são ideais ocidentais. Esses são direitos universais e devemos apoiá-los em todo lugar. (Aplausos)

Today, we are seeing the struggle for these rights unfold across the Middle East and North Africa. We've seen a revolution born out of a yearning for basic human dignity in Tunisia. We've seen peaceful protestors pour into Tahrir Square -- men and women, young and old, Christian and Muslim. We've seen the people of Libya take a courageous stand against a regime determined to brutalize its own citizens. Across the region, we've seen young people rise up -- a new generation demanding the right to determine their own future.

Hoje, estamos vendo a luta por esses direitos se desdobrarem por todo o Oriente Médio e Norte da África. Temos visto uma revolução nascer de um anseio por dignidade humana básica na Tunísia. Nós vimos manifestantes pacíficos ocupando a Praça Tahrir - homens e mulheres, jovens e velhos, Cristãos e Muçulmanos. Temos visto o povo da Líbia tomando uma posição corajosa contra um regime determinado a brutalizar seus próprios cidadãos. Além da região, nós vimos jovens se erguendo - uma nova geração exigindo o direito de determinar seu próprio futuro.

From the beginning, we have made clear that the change they seek must be driven by their own people. But for our two nations, for the United States and Brazil, two nations who have struggled over many generations to perfect our own democracies, the United States and Brazil know that the future of the Arab World will be determined by its people.

Desde o início, deixamos claro que a mudança que eles procuram deve ser conduzida por seu próprio povo. Mas para nossas duas nações, para os Estados Unidos e o Brasil, duas nações que lutaram por muitas gerações para aperfeiçoar suas próprias democracias, os Estados Unidos e o Brasil sabem que o futuro do mundo árabe será determinado pelo seu povo.

No one can say for certain how this change will end, but I do know that change is not something that we should fear. When young people insist that the currents of history are on the move, the burdens of the past can be washed away. When men and women peacefully claim their human rights, our own common humanity is enhanced. Wherever the light of freedom is lit, the world becomes a brighter place.

Ninguém pode dizer ao certo como essa mudança irá terminar, mas eu sei que mudança não é algo que devemos temer. Quando os jovens insistem que as correntes da história estão em movimento, os ônus do passado podem ser lavados. Quando homens e mulheres pacificamente reivindicam seus direitos humanos, nossa própria humanidade comum é realçada. Onde quer que a luz da liberdade seja acesa, o mundo se torna um lugar mais brilhante.

That is the example of Brazil. That is the example of Brazil. (Applause.) Brazil -- a country that shows that a dictatorship can become a thriving democracy. Brazil -- a country that shows democracy delivers both freedom and opportunity to its people. Brazil -- a country that shows how a call for change that starts in the streets can transform a city, transform a country, transform a world.

Esse é o exemplo do Brasil. Esse é o exemplo do Brasil. (Aplausos) Brasil - um país que mostra que uma ditadura pode se tornar uma próspera democracia. Brasil - um país que mostra a democracia entregando liberdade e oportunidade a seu povo. Brasil - um país que mostra como uma chamada para a mudança que começa nas ruas pode transformar uma cidade, transformar um país, transformar um mundo.

Decades ago, it was directly outside of this theater, in Cinelandia Square, where the call for change was heard in Brazil. Students and artists and political leaders of all stripes would gather with banners that said, "Down with the dictatorship. The people in power." Their democratic aspirations would not be fulfilled until years later, but one of the young Brazilians in that generation's movement would go on to forever change the history of this country.

Décadas passadas, foi diretamente fora desse teatro, na Praça da Cinelândia onde o grito por mudança foi ouvido no Brasil. Estudantes e artistas e líderes políticos de todos os matizes se reuniam com faixas que diziam "Abaixo a ditadura. As pessoas no poder". Suas aspirações democráticas não seriam cumpridas até anos mais tarde, mas um dos jovens brasileiros envolvidos naquele movimento iria mudar para sempre a história deste país.

A child of an immigrant, her participation in the movement led to her arrest and her imprisonment, her torture at the hands of her own government. And so she knows what it's like to live without the most basic human rights that so many are fighting for today. But she also knows what it is to persevere. She knows what it is to overcome -- because today that woman is your nation's president, Dilma Rousseff. (Applause.)

A filha de um imigrante. Sua participação no movimento fez com que fosse presa e torturada por seu próprio governo. Ela sabe o que é viver sem seus direitos mais básicos pelos quais

tantos estão lutando hoje. Mas ela também sabe o que é perseverar. Ela sabe o que é triunfar porque hoje aquela mulher é a presidente de sua nação, Dilma Rousseff.

Our two nations face many challenges. On the road ahead, we will certainly encounter many obstacles. But in the end, it is our history that gives us hope for a better tomorrow. It is the knowledge that the men and women who came before us have triumphed over greater trials than these — that we live in places where ordinary people have done extraordinary things.

Nossas duas nações enfrentam muitos desafios. Na estrada à frente, certamente encontraremos muitos obstáculos. Mas, no fim, é nossa história que nos dá esperança para um amanhã melhor. É o conhecimento de que os homens e mulheres que vieram antes de nós triunfaram sobre desafios maiores do que estes - de que vivemos em lugares onde pessoas comuns fizeram coisas extraordinárias.

It's that sense of possibility, that sense of optimism that first drew pioneers to this New World. It's what binds our nations together as partners in this new century. It's why we believe, in the words of Paul Coelho, one of your most famous writers, "With the strength of our love and our will, we can change our destiny, as well as the destiny of many others."

É esse senso de possibilidade, esse senso de otimismo que primeiro atraiu pioneiros para este Novo Mundo. É o que une nossas nações como parceiros nesse novo século. É por isso que acreditamos, nas palavras de Paulo Coelho, um de seus mais famosos escritores, "Com a força do nosso amor e da nossa vontade, podemos mudar o nosso destino, bem como o destino de muitos outros".

Muito obrigado. Thank you. And may God bless our two nations. Thank you very much. (Applause.)

Muito obrigado. E que Deus abençoe nossas duas nações. Muito obrigado. (Aplausos).

END

3:17 P.M. BRT